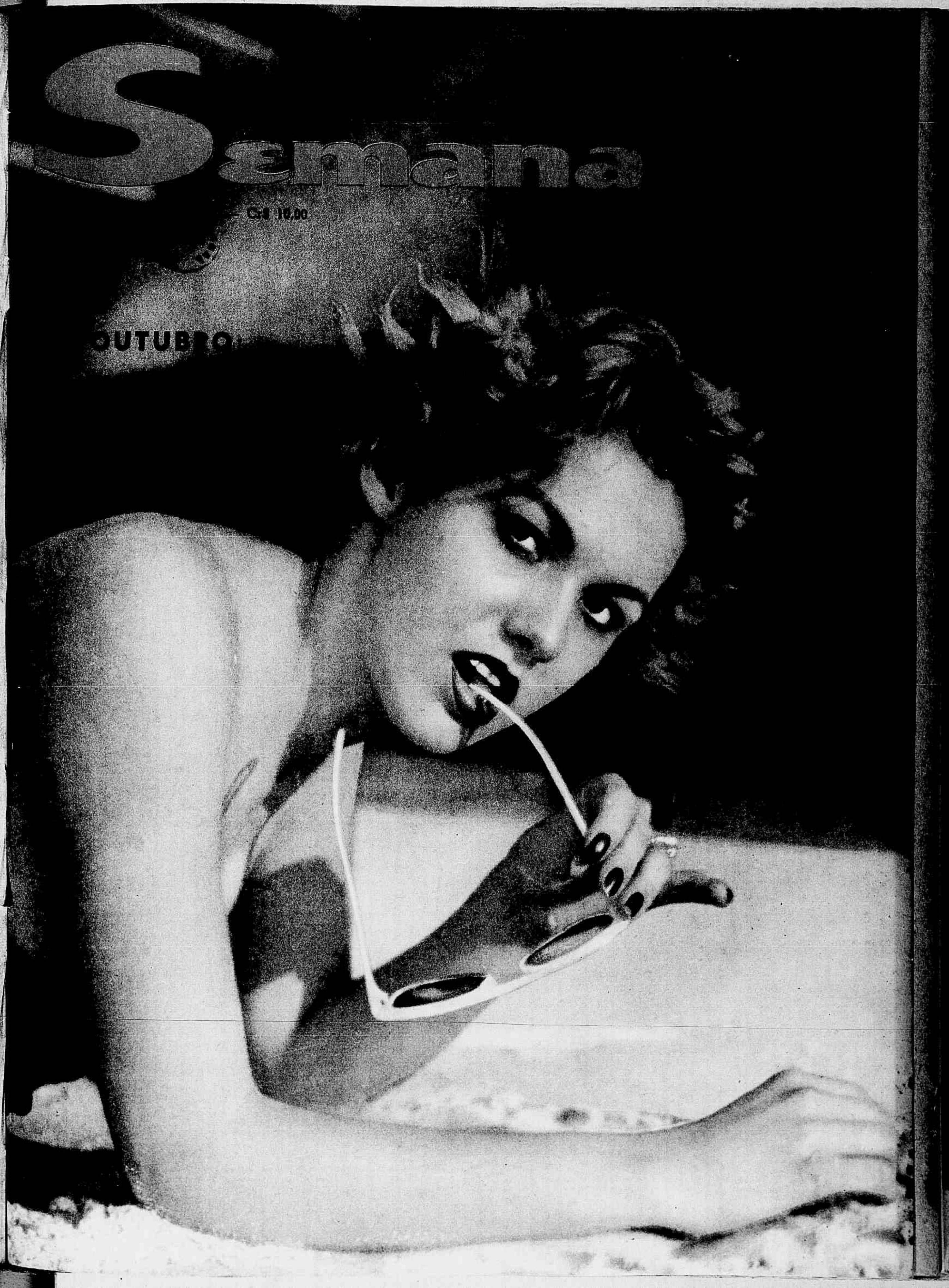




Semana

C\$ 10,00

OUTUBRO



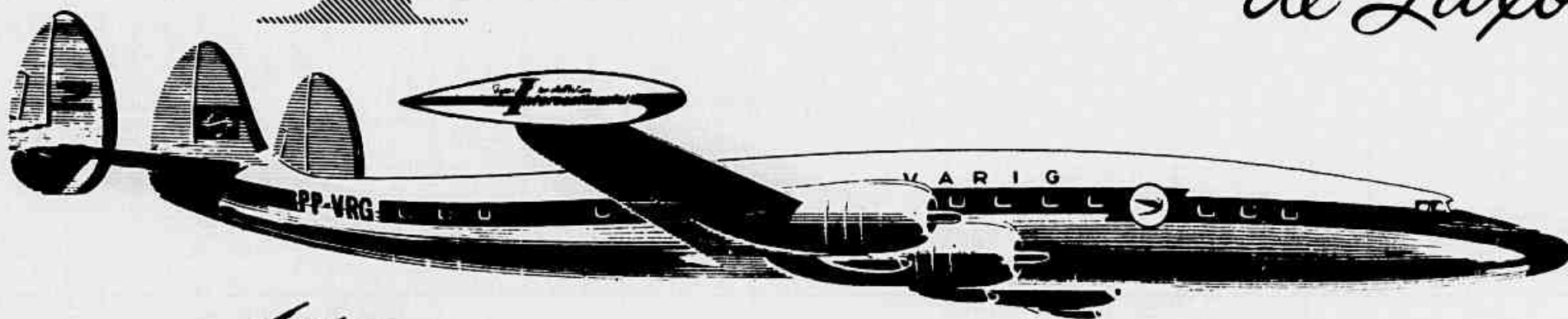
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

A CAPA

Vera Viana (Ektachrome Hélio Polito)

REPORTAGENS

4 de Outubro: quarta-feira das cinzas eleitorais	4
Quinau com Flauta	14
Salazar fala ao Brasil	20
Deodoro é um mundo fumegante	60

CINEMA

A Deusa é Kim Stanley	11
Inconfidência Mineira do Século Vinte	42

NOVELA

Os galhos do Cedro	28
--------------------	----

A COMÉDIA HUMANA

A propósito de Literatura	33
---------------------------	----

MODAS

Sugestões Variadas	36
--------------------	----

CONTO

O Plantão de Fantasma	41
-----------------------	----

TEATRO

Vaudeville em nova dimensão	48
-----------------------------	----

SOCIAIS

As Verdades de Mariazinha Maranguape	51
Kaleidoscópio	55

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
A Revista há cinquenta anos	19
Literatura e Artes	26
A Semana deixou estas lembranças	53
A garôta da capa é	56
Humor	58

POLÍTICA

Trapézio	64
----------	----

CRÔNICA

Revelação de Machado	59
----------------------	----

CONTATO

O dia 2 de outubro — véspera de eleição — foi abalado por nova catástrofe nos depósitos de Munições do Exército, em Deodoro — semelhante ao acontecido há dois meses atrás. A notícia do sinistro — como o anterior de proporções calamitosas — fez mudar, por completo, a atmosfera do Distrito Federal, todo ele voltado para o pleito do dia seguinte. A mesma triste odisséia dos moradores daquele subúrbio e suas adjacências se repetiu: a melancólica fuga dos lares em demanda de lugar seguro; a mobilização de forças do Exército, Marinha e Corpo de Bombeiros para a região sinistrada; providências de última hora para acolher os desabrigados e feridos — vítimas das explosões terríveis dos obuzes. E, o que é de estarrecer: esperava o Ministro da Guerra a repetição da catástrofe...

DEPOIS de semanas de espera, vai o brasileiro finalmente às urnas, votar nos seus candidatos ao poder legislativo. No Distrito Federal, desde às 8 da manhã até o anoitecer do dia 3, as filas se estendem pelas calçadas do centro, dos bairros e do subúrbio, formadas de gente de todos os tipos, tôdas as classes sociais — figurões democraticamente irmanados com a gente do povo — para dar o seu voto aos homens que representarão no Senado e nas Câmaras — Federal e Municipal.

A cidade mudou sua fisionomia. A azáfama da propaganda eleitoral das últimas semanas foi substituída por um estranho silêncio. Nas ruas da cidade, nas praças e calçadas, branquejavam as cédulas já inúteis, perdido agora todo o seu valor. Ao anoitecer, apresentava o Rio um aspecto melancólico de quarta-feira de cinzas. E alta-noite, 2.000 trabalhadores da limpeza urbana varreram a cidade, limpando-a daquela decoração agora despropositada.

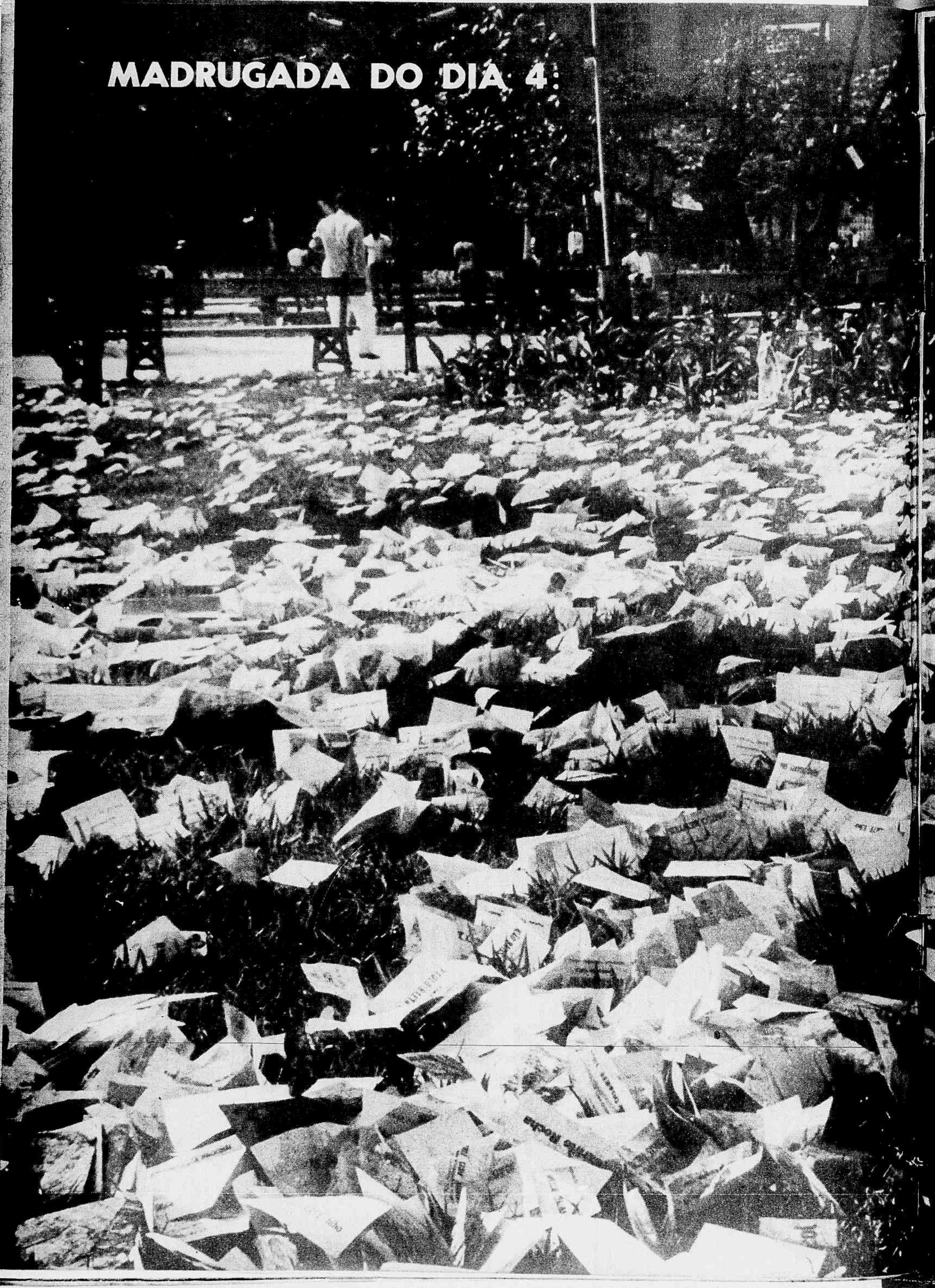
A jornalista Fernanda Reis, que conseguiu um autêntico furo na imprensa brasileira entrevistando para a REVISTA DA SEMANA o novo presidente de Portugal — Américo Thomaz, comparece neste número assinando nova reportagem sensacional — como a anterior, exclusiva para a R.S. — "Salazar fala ao Brasil". Contra seus hábitos, o Presidente do Conselho Português apresenta um longo e minucioso depoimento de sua atuação no governo, explica atitudes e posições, rebate argumentos apresentados, e apresenta completo panorama da situação em que se encontra o país irmão, nos dias de hoje.

SEPARAÇÃO entre conservadores e populistas, união das forças centristas, reforma do Ministério — eis como Osório Nunes apresenta, no "Trapézio" de hoje, as eleições de 3 de outubro, para os leitores da R.S.

Também faz revelações sobre a corrida ao petróleo beliviano, põe debaixo dos refletores alguns nomes que virão dos Estados para o Congresso. E reproduz (para reconhecimento de muita gente) algumas mentirinhas eleitorais cariocas...

VERA Viana, brôto society, detentora do título de Miss Caiçara — embeleza a nossa capa de hoje. Representa eia uma ilha de encanto e de suavidade nesta semana tão cheia de graves acontecimentos, fielmente refletidos neste número da R.S. — um repouso para a vista do leitor. Sua vida vai rapidamente contada as págs. 56 e 57 — vida sem lances, mas nem por isso menos encantadora. Enquanto o Brasil se preocupa com a renovação de alguns de seus quadros dirigentes, Vera Viana se preocupa com seu gato (Francisco Carlos se chama êle). E, não resta dúvida — é uma ocupação salutar.

MADRUGADA DO DIA 4:





QUARTA-FEIRA DAS CINZAS ELEITORAIS

Fotos: ALBERTO FERREIRA e ARNALDO VIEIRA

ACABARAM-SE AS ELEIÇÕES. Seus preparativos, iniciados suavemente meses atrás, chegaram a um verdadeiro delírio durante a semana que antecedeu o dia três de outubro. As faixas dos candidatos, espalhadas pelos quatro cantos do Distrito Federal, de um a outro lado das ruas, nas árvores, nos postes, de todos os formatos — em cartazes de papel, em tabuletas, em bandeirolas — deram um aspecto diferente à cidade, principalmente no centro, onde a propaganda atingiu o clímax. Os candidatos dos mais variados partidos espalharam seu nome aos quatro ventos, com seus retratos, cada um procurando ofuscar o seu adversário, e, até mesmo, o seu correligionário de legenda. Seus nomes, suas fotografias, eram exibidos das maneiras mais extravagantes — cada um com seu "slogan" — este mais feliz que aquele, todos, entretanto, pretendendo definir suas posições, seus títulos, suas vantagens. Alguns desses "slogans" celebrizaram-se. "O Homem é fulano"; "Beltrano — carioca e trabalhador"; "Sicrano — o homem não pára". Este, era a única garantia da luta à corrupção. Aquê, apresentava a sua extraordinária fôlha de serviços, o histórico de suas atuações em legislaturas anteriores. Falou-se, como nunca, em consciência, em trabalho, em civismo. Todos os expedientes foram usados, todos os ardis, o importante era chamar a atenção, era destacar-se na multidão que se havia candidatado para os postos do Senado, da Câmara Federal e Municipal. De verdadeira perplexidade era tomado todo aquê que lia tais faixas



CAMPAHHA DE DIVULGAÇÃO DO LIVRO
MAIS UMA INICIATIVA DO VEREADOR



Cumprida

a sua tarefa,

as tabuletas

de propaganda foram

retiradas.

2.000 garis

fizeram a

limpeza da cidade.



de todos os feitos e côres, espalhadas aos milhares pelos bairros mais distantes. Tôdas a apresentar cidadãos esclarecidos, salutareis exemplos de probidade e de dedicação à causa do desenvolvimento brasileiro. Nomes que a levandade dos jornais não raras vezes havia chamado de "crápulas", de "açambarcadores", de "tubarões", de "péssimos administradores" — de repente se reabilitavam naqueles cartazes. Todos eles apareciam com sua verdadeira identidade, seu glorioso passado de dedicação às justas causas democráticas. Líamos suas faixas, e nos sentíamos reconfortados com a dignidade humana. Não haveria problemas, na hora do voto: eram todos homens probos, mártires de uma causa. E, por isso, precisavam ser eleitos, representar o povo no Legislativo. Os próprios candidatos — mais que ninguém — reconheciam aquela necessidade. E para isso nenhum esforço fôra regateado. Sacrificaram-se. Gastaram fortunas. Candidatos houve

— homens modestos — que dispenderam de três a dez milhões de cruzeiros em sua propaganda eleitoral: quantia de certo obtida pela intercessão de amigos devotados, que sabiam da necessidade de vê-los dirigindo a nação, orientando-a com a sua sabedoria e seu tirocínio. Outros, eram resultado de economias de uma vida. Talvez nem se elessem — eram muitos os chamados e poucos os escolhidos — como diria o Senhor. Mas o sacrifício valia. Que são três, cinco milhões — comparados com o ideal? Ideal de tomar assento na Câmara, e de lá gritar contra a corrupção, de apontar os verdadeiros caminhos para a salvação da Pátria, à beira do descalabro? Era uma tarefa gloriosa, que valia o sacrifício. Jamais, porque lá dentro fôssem ter vantagens, ganhar gordos ordenados e belas regalias. Isso, viria também — mas se tratava de consequência da qual não poderiam fugir.

Para atingir essa finalidade — tudo foi feito, realmente. Liga-



A fazenda das faixas foi distribuída entre os pobres. Primeiro presente dos candidatos ao

ções com outros candidatos, às vészes rivais em pleitos anteriores. Mesmo a junção de partidos opostos se pôde ver: uniões partidárias para muitos incomprensíveis — para aqueles que não têm suficiente largueza mental — mas que eram — bem sabemos — apenas um modo de atingir aquelas bem-aventuradas metas. Nos diversos Estados do Brasil, nos casos de candidatos à governança — viram-se as mais (aparentemente) estapafúrdias ligações: PTB e comunistas; UDN e PTB; PSD e PTB; UDN e comunistas; PSB, PST e PTB — tôdas as permutas imagináveis nesse mundo de iniciais. O importante era a vitória, era a subida ao poder da Integridade, do Espírito Cívico, e Empreendedor. Para o povo — é que havia o problema: como escolher, apenas uns poucos entre tantos super-homens?

Nos dias que antecederam o 3 de outubro, caminhões carregando Cíceros e Demóstenes giraram pela cidade até os confins do subúrbio, em caravanas sucessivas, com a finalidade de iluminar

a massa. Os humildes moradores de Campo Grande, de Madureira, de Marechal Hermes — tiveram oportunidade de ver de perto aqueles homens que ocupam manchetes de jornais, que dizem belas frases no rádio e na televisão. Ouviram suas vozes retumbantes; sua palavra esclarecida a acenar promessas, e se surpreenderam de ter acreditado, até então, serem eles figurões inatingíveis, preocupados apenas com seus interesses. Entretanto, eles estão ali, misturados à pobreza do subúrbio, falando à massa de igual para igual. E se decidiram a votar nêles, conscientes de que assim cumpriam o seu dever de brasileiros. Na verdade, os programas apresentados eram grandes programas. Eles velariam pelos interesses do pobre. Eles seriam, nas Câmaras, e no Senado — os seus porta-vozes. No alto do caminhão, eles lhes tinham aberto os olhos, mostrado que tudo estava errado e estava contaminado. Mas agora, com o seu voto, o de sua família, o de tôdas aquelas famílias que ali estavam a ouvi-los, eles teriam o merecido lugar — e velariam pela grandeza do país.



povo. Devido à morosidade dos trabalhos, algumas seções eleitorais funcionaram até a noite.

Chegou, finalmente, o dia 3. O carioca acordou cedo, foi cumprir o seu dever cívico. Foi de coração alvoroçado, mas feliz, pela responsabilidade que seu ato implicava. Ficou na fila, desde às 8 da manhã — enquanto o sol resplandecia no céu, o verão convidava ao banho de mar. Mas, primeiro o dever. Foi, pôs na urna as suas cédulas, e saiu de cabeça erguida, feliz pelo dever cumprido.

As faixas, em toda a cidade, tinham cumprido a sua tarefa. Os pequenos retângulos das cédulas branquejavam nas ruas e nas calçadas. Milhões e milhões de cruzeiros estavam ali, reduzidos a nada. Agora, era esperar o resultado da campanha, na lenta contagem dos votos. A espera serena do povo. A angustiada espera dos candidatos. E a cidade com suas placas coloridas, agora já tendo perdido toda a sua função. Milhões de cruzeiros, ali, inúteis. Que fazer daquele entulho?

Dois mil garis limpavam a cidade — noticiou a Prefeitura. A decoração do Rio, tendo terminado a sua utilidade — seria

desfeita. Como no Carnaval, os garis a limpariam. Era a quarta-feira de cinzas eleitoral.

As 22 horas do dia 3, orientados pelo diretor de Limpeza Urbana, e pelo chefe da Turma de Emergência, os garis começaram a tarefa melancólica de remover a propaganda: tabuletas, faixas, cédulas. Era um novo dia de cinzas, mas bem mais doloroso, quando se pensava nos sonhos, nas aspirações que aquelas faixas significavam. Eram as aspirações dos candidatos, que iam, como rebotalho, levadas pelas vassouradas dos empregados da Limpeza Urbana. Vinte viagens foram necessárias para remover o entulho. É o que dêle fazer? Sugeriu-se distribuir aos pobres aquelas faixas agora enxovalhadas. Não sabemos, ainda, se cumpriu-se tal destino. Pelo menos era um destino razoável: algo na verdade terá sido feito pelo povo. Porque muitos daqueles nomes — apesar de suas magníficas promessas, não poderão ser eleitos. E os que o forem — não se sabe se cumprirá o prometido, embora acreditemos que o façam. Mas as faixas, pelo menos, será algo de real...

CAMPAINHA

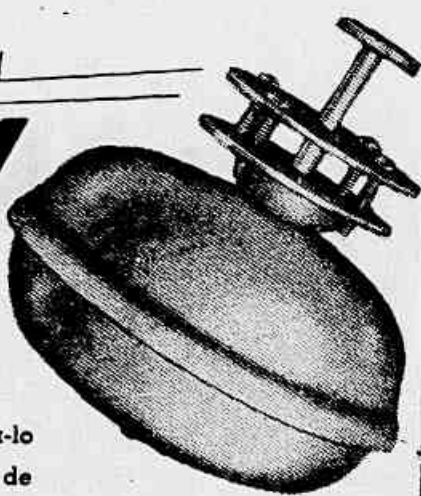
DIN-DON

COMPLEMENTO AGRADÁVEL
DE SUA BUZINA!

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «zonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA

NOVIDADES sempre uteis só na *Mil*
A milionária do Castelo

RUA MÉXICO, 98-A — Tel: 22-1000



APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX



em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Recombôlo, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs., à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

HENNÉ-LÉNE

É OUTRO PRODUTO DO

Américo

QUE TINGE E

ALISA

nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

EM S. PAULO: HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — ex-
celente; de 6 a 8 — muito bom; 4 a 5 — bom;
3 — fraco; 1 e 2 — mediocre; 0 — o fim.

- 1 — A rua "Voluntários da Pá-
tria", no Rio de Janeiro,
tem esse nome em home-
nagem aos nossos voluntá-
rios da:
— Guerra do Paraguai?
— Da 1.ª grande guerra?
— Guerra da Crimeia?
- 2 — O irmão da bela Cleópatra,
co-herdeiro do trono do
Egito, se chamava:
— Osiris?
— Ptolomeu?
— Amon?
- 3 — Galomania significa:
— admiração apaixonada à
França e aos franceses?
— Loucura por galos?
— Amor a corridas galo-
padas?
- 5 — O fundador da teosofia foi:
— Abdul Baha?
— Kant?
— A senhora H.P. Bla-
vatsky?
- 6 — A imponente catedral do
México levou, para ser
construída:
— 20 anos?
— 100 anos?
— 300 anos?
- 7 — Diamão é a forma antiga
de:
— Damião?
— Diamante?
— Ator?
- 8 — A iluminação diária da es-
tátua do Cristo Redentor,
no Corcovado, foi inaugu-
rada em:
— 1928?
— 1932?
— 1938?



- 5 — "Sagres" é o título de um
livro de:
— Olavo Bilac?
— Fernando Passoa?
— Fernando Namora?
- 9 — A gravura mostra o poeta:
— Goethe?
— Byron?
— Schiller?

RESPOSTAS: 1) Guerra do Paraguai; 2) Ptolomeu; 3) admira-
ção à França e aos franceses; 4) Madame Blavatsky; 5) Olavo
Bilac; 6) Cem anos; 7) diamante; 8) 1932; 9) Schiller.

CINEMA

MONIZ VIANNA



Ao lado de Kim Stanley, sobressai, em "A Deusa", Lloyd Bridges. Embora há muitos anos no cinema, Bridges ainda não se tornou conhecido do grande público. É, não obstante, um bom ator, como se viu, entre várias oportunidades, em "Matar ou Morrer".

HÁ CÊRCA DE TRÊS MESES, verificou-se em Nova Iorque a estréia de **A Deusa** (The Goddess). Sem estrondo publicitário, uma estréia até modesta e que despertava, principalmente, a atenção do público teatral, em vez da dos fãs cinematográficos, porque o primeiro nome no elenco era o de uma atriz de crescente prestígio na Broadway e sem prévia experiência em Hollywood. Kim Stanley, essa atriz.

O filme atraía, ainda, o interesse do grupo de espectadores que dão importância ao nome do autor, pois a história foi escrita por Paddy Chayefsky, responsáveis por várias peças de sucesso na televisão, algumas das quais também foram aproveitadas pelo cinema — como **Marty**, que conquistou até inúmeros prêmios. Os outros atores, companheiros de Kim Stanley na história de Chayefsky, não eram muito conhecidos.

Entretanto, não foram poucos os críticos que receberam **A Deusa** com elogios. Entre eles, Bosley Crowther, o mais respeitado (também em virtude de seu jornal, o "New York Times"), e que assim se pronunciou: "Preparem-se para ver um filme triste, pois Mr. Chayefsky deixou-se arrastar pela emoção ao contar a triste história de uma atriz de cinema que caminhou sôzinha como

"A DEUSA"

É KIM

STANLEY

"A DEUSA"

É

KIM STANLEY

CINEMA



"Pic-Nic" projetou, no teatro, essa terceira Kim: a Stanley. "A

uma nuvem desde sua infância — a história sensível da trágica carreira de uma **glamour girl** de Hollywood, que nunca teve o conforto de ser amada. Evidentemente, Mr. Chayefsky estudou em profundidade o assunto, porque a mistura de contatos humanos e relações emocionais é clara e perfeita". Outro crítico, o do "Daily Mirror", disse acerca de Kim Stanley: "Em sua representação das várias etapas da vida da heroína, ela se transforma melhor do que Joanne Woodward em *As Três Máscaras de Eva*". A citada Miss Woodward, diga-se de passagem, foi a última ganhadora do "Oscar", exatamente por sua atuação naquele filme.

Aplausos da crítica, *A Deusa* teve e em dose maior do que muitas fitas que se apresentam com todas as ambições e, no entanto, encontrou com justiça a pior recepção possível. Ninguém disse, é certo, que o cinema havia produzido outra obra-prima. É certo, também, que a crítica novaiorquina não é das mais agudas ou lúcidas. Em todo o caso, são mais numerosos os elementos que nos convidam a acreditar que *A Deusa* seja uma boa fita.

À TERCEIRA KIM

Depois de Kim Hunter, hoje apagada, e de Kim Novak, o cinema lança Kim Stanley. Como a primeira, a última também procede do teatro. Mas a nenhuma experiência dramática de Novak não

foi um obstáculo para que, das três Kims, ela continue a ser a de mais brilho — por sua beleza incomparável, naturalmente — a menos que Kim Stanley venha a converter-se numa nova Bette Davis, atingindo aquele nível em que o talento supera todas as deficiências físicas. Porque a Kim n.º 3 é mais para feia do que para bonita.

Nascida em Tularosa, Novo México, Kim Stanley formou-se pela universidade do Texas e, tomando gosto pelo teatro, passou a estudar arte dramática. Do amadorismo chegou às "pontas" em espetáculos da Broadway, e durante dois anos foi só isso. Uma vez, ter adoecido Julie Harris, Kim foi chamada a substituí-la. Aí começou a ser notada, mas teve de fazer muita televisão antes de ganhar a grande oportunidade de sua vida — em *Picnic*. A peça, de enorme êxito, consagrou a atriz. Kim Stanley não foi com ela para Hollywood, quando a Columbia adquiriu os direitos de filmagem da obra de William Inge. No papel que ela fez no palco, por coincidência, surgiu outra (e mais radiosa) Kim — a Novak.

Menos de quatro anos depois, Kim Stanley ingressava no cinema, mas sem precisar mover-se de Nova Iorque, onde, de uns tempos para cá, tem aumentado a atividade cinematográfica. Antes de *A Deusa*, foram muitos os filmes rodados no Leste: quase todos com histórias tipicamente novaiorquinas, como *Marty*, *Despedida*



"A Deusa" elevou-a ao estrelato de Hollywood.

de Solteiro, A Embriaguez do Sucesso, Doze Homens e uma Sentença. O caso de **A Deusa**, entretanto, é diferente: a sua história trata da ascensão ao estrelato de uma jovem desconhecida, mas estrelato cinematográfico. Se, naqueles casos citados, a preocupação era realista, a explicação para a filmagem em Nova Iorque de uma história sobre Hollywood deve ser procurada em outro terreno. E, realmente, a maior parte da narrativa não se desenrola na Califórnia, onde só para a ascensão (e a queda) vai ter a heroína.

TRÊS RETRATOS

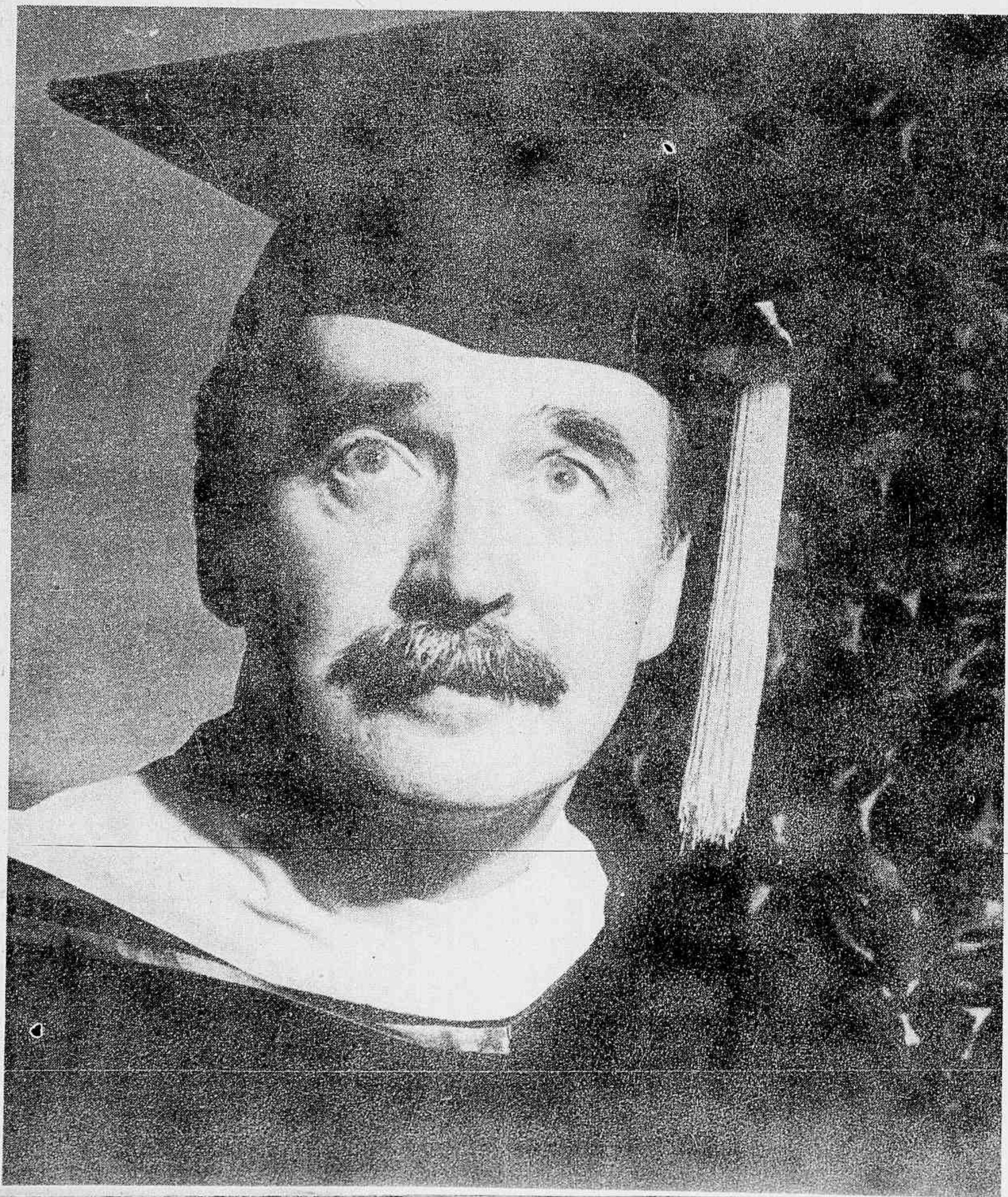
A Deusa divide-se em três partes: Retrato de uma Menina, Retrato de uma Mulher, Retrato de uma Deusa. Kim Stanley faz as três poses, sob a direção do veterano John Cromwell, que reaparece após regular ausência (vimo-lo, na última vez, como ator, fardado de general, numa comédia de Susan Hayward e Kirk Douglas). A princípio, a ação fica no Sul, em cujos "cortiços" se cria a heroína. Depois, é o casamento — o primeiro, com Steve Hill. E mais um, com Lloyd Bridges. Em Hollywood, o chefe de produção do estúdio, depois de oferecer a Kim um contrato, diz à moça que a espera em sua casa, à noite.

A história de **A Deusa** foi a primeira que Paddy Chayefsky escreveu diretamente para o cinema. Até então, todas as suas idéias iam para a televisão e só depois de ricochetear ali chegavam, algumas delas, à tela maior do cinema. É o caso de **Marty**, que muita gente tem em grande conta e que deu a Chayefsky uma notoriedade internacional. É ainda o caso de **A Festa de Casamento** (The Catered Affair) e **Despedida de Solteiro** (The Bachelor Party). Antes do cinema, o autor pensou também no teatro, tendo apresentado, com certa repercussão, uma peça chamada **Middle in the Night**.

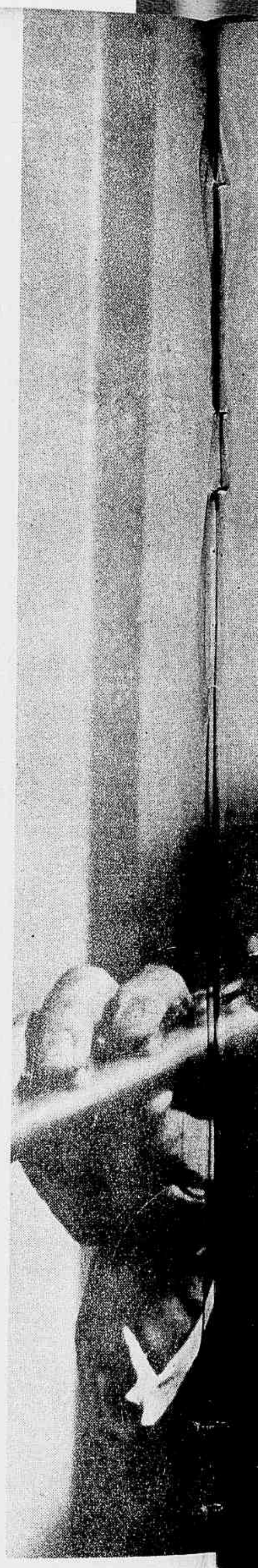
O forte de Chayefsky é o ambiente de Nova Iorque — o dos bairros pobres, Bronx e Brooklyn — e seus personagens, em consequência, são os mais humildes, são os novaiorquinos que trabalham o dia todo no escritório ou no **drug-store**, lutam por um lugar em pé no **subway**, chegam exaustos às suas casas, ligam a televisão e vão dormir. Nas noites de sábado (**Marty**) ou quando algum colega se casa (**Despedida de Solteiro**), eles se sentem ainda mais sòzinhos. O cronista dessa vida sombria, Chayefsky muda repentinamente de meio em **A Deusa**. Talvez tenha conservado o equilíbrio, talvez os dias que passou em Hollywood, onde tudo é muito superficial, tenham sido suficientes para pintar o retrato daquele ambiente — em cores, naturalmente, fortes e realistas.

"O GRANDE PROBLEMA DOS MOÇOS", diz-me Carleton Sprague Smith, com quem cavaqueio a propósito de juventude, de história e de política (as eleições constituem, convenhamos, um bom pretexto), "é terem juízo antes de mais nada. Isso, o que mais agudamente lhes faz falta. Agora, para a humanidade em geral, o grande problema reside ainda na liberdade. Muitos pensam que poderão extrair benefícios do fato de, em troca de uma segurança fugaz, abrirem mão do que lhes resta de liberdade. Engano. Quem cede a liberdade em favor da segurança acaba ficando sem segurança e sem liberdade." A frase soa-me familiar. Será um líder da oposição? Nem por sombra: é de Benjamim Franklin, que assim permanece muito atual. Ademais, profundamente exata, resumindo às mil maravilhas, embora tão antiga, o drama do mundo contemporâneo. Porém quem é esse Carleton de pele crestada pelo sol, comprido como um varapau e em cujo rosto, poupado de rugas, as sobrancelhas densas apostam em que não se tornarão grisalhas antes de que encançam os cabelos ou o grosso bigode? Passem aos tópicos imediatos.

CARLETON SMITH — Benjamin Franklin por baixo da beca.



QUINAU COM FLAUTA :





SEGRÊDO DA FELICIDADE — Dançar (ou tocar) conforme a música ?

**O QUE ESTÁ FALTANDO AOS MOÇOS
ANTES DE MAIS NADA É JUÍZO**



CONSELHO A FILHA: "Os moços não devem levar a vida na flauta".



JUVENTUDE AO MICROSCÓPIO: "Querem subir muito depressa".

QUINAU COM FLAUTA:

Duvido que o fim da huma

UM AMIGÃO

Logo de início é um atento observador dos cacoetes da espécie humana, que êle contempla assim como alguém que se distraísse em analisar insetos pelas lentes de um microscópio. Estudioso dos problemas sociais de sua época, distingue-se aliás por ser emérito historiador, matéria que leciona. As tolices praticadas pelos homens durante milênios e que os compêndios costumam relatar como "grandes feitos" não conseguiram contudo encharcá-lo ao ponto de fazê-lo esquecer que Frederico da Prússia, com todos os seus soldados e baionetas-de-agulha, não logrou escrever páginas mais duradouras do que as que Beethoven criou com um piano e notas de música. Daí porque o bigodudo C.C.S., depois de muito queimar as pestanas estudando História da Civilização, concluiu que valia a pena acabar de torrâ-las em História da Música. Tão bem pensou, tão bem agiu. Resultado: Na Universidade de Nova Iorque acumula hoje duas cátedras — Música e História. "Mas ainda não posso julgar-me", sorri, "o sujeito dos sete instrumentos."

Pormenor: Carleton Sprague Smith merece o nome de amigo do Brasil. Começou a interessar-se por nós quando cursava a Universidade de Harvard. "Em suas leituras sobre o período colonial do Novo Mundo", assinala a êsse respeito um crítico americano, "ficou fascinado ao ter notícia de que grande parte dos holandeses que colonizaram Nova Iorque (Smith nasceu lá) para ali seguiram depois da derrota na Batalha dos Guararapes." "Curioso! Um dos primeiros Estados da União brasileira que êle próprio, Carleton, conheceu foi Pernambuco; e Recife uma das primeiras cidades. Em São Paulo, onde mais tarde desempenhou as funções de adido cultural, iniciou programas de intercâmbio intelectual e artístico apartado de política (o que é raro) e com proficiência (o que é ainda menos comum).

Isso em 1943. Sua primeira visita ao Brasil no entanto aconteceu em 1940 quando, enviado pelo Comitê de Relações Interamericanas, entrou em contato com professores, poetas, artistas, editores, arquitetos e diplomatas. Outra viagem: em 1946, quando veio em missão de intercâmbio cultural, tendo colaborado para a criação dos Museus de Arte Moderna do Rio e de São Paulo. De regresso aos Estados Unidos, não arrefeceu o entusiasmo pelo Brasil; e transformou o seu gabinete na Biblioteca Pública de Nova Iorque em um vice-consulado brasileiro. Já realizou conferências sobre esta nação praticamente em todo o território norte-americano, publicando artigos no tocante ao nosso movimento cultural nos principais jornais dos Estados Unidos. Das pesquisas que efetuou, nasceu um dos seus mais conhecidos ensaios: *William James in Brazil*. E um dos melhores resumos da vida cultural destas plagas já aparecido em língua inglesa foi o que Carleton Smith preparou para a revista *Atlantic Monthly*.

Sem esquecer que, de seu esforço, surgiu o Instituto Brasileiro na Universidade de Nova Iorque.

DA FILHA A FILOSOFIA

Enquanto conversamos, C.S.S. anuncia-me que sua filha, norte-americana, veio muito pequena para o Rio e gostou tanto daqui que resolveu ficar e concluir o curso na Faculdade de Filosofia. A palavra — filosofia — sugere por associação de idéias problemas humanos, regimes políticos, rumos a seguir. Oportuno saber então o que pensa da marcha desta geração alguém que vive a ensinar a história das outras. A que conclusões filosóficas terá chegado o nosso Carleton nesses cinquenta e três anos de idade e de observações? "Conclusão filosófica? Eu não a chamaria

a nidade seja decretado pela bomba H. Não seremos tão loucos.

assim. Porém diria que apesar dos governos o povo ainda é bom. Os povos, como sabe (quem não sabe?), são muitas vezes vítimas dos seus governos. Em que pese a frase famosa de que o homem é um animal racional mas não um animal razoável". E nesta emergência, qual a seu ver o caminho — *the pathe* — que levará à paz? Recordo Huxley "Todos os homens desejam a paz mas raros concordam nas coisas que conduzem a ela". Carleton Sprague endossa. A Huxley (pelo menos nesse ponto) assiste inteira razão. Um caminho, todavia, seria intensificar o intercâmbio cultural entre os povos. Gente que se conhece bem aprende a respeitar-se, a admirar-se, a compreender-se; e desiste de fechar ameaçadoramente os punhos.

Outro trecho: "Nossa época é uma das mais interessantes na história da política internacional. Nela se concretiza o grande sonho de Wilson, ou seja, por intermédio da ONU, a comunidade das nações. Sim eu sei: quase todo sonho tem um despertar não muito agradável..." E de tudo, qual a lição a extrair? Num mundo em divergência e em contínuos embates, ao choque de duas concepções antagônicas de governo, de felicidade e vida, o que ao homem estará reservado? Qual delas vencerá? Predominará no futuro a concepção comunista ou a capitalista? Opinião de C.S.S.: "Olhe: hoje as democracias têm muito de socialismo, embora cabeçudamente não o queiram admitir. Quanto ao comunismo, vai provavelmente modificar-se. Sim, é possível a coexistência pacífica. Antevejo um mundo repartido em sistemas de vida diversos, porém não belicamente rivais". Uma frase: "Duvido que o fim da humanidade seja decretado pela bomba-H. Não seremos tão loucos. Desde já é urgente tratar de abolir a guerra."

FRAGMENTO DE DIÁLOGO:

Repórter — Se o convidassem para dar um conselho à assembléia das Nações Unidas, o que lhe diria?

Smith — Deus! Isso é difícil — Como insiste, vá lá: creio que chamaria a atenção da ONU para os perigos dos exageros em política. O nacionalismo exagerado é perigoso. O imperialismo idem. O velho capitalismo? Bem, êsse está morto."

Ou estarão fora de foco as lentes de Carleton?

ITENS DE UMA CONVERSA

1 — "A máquina e o algoz do homem. Henry Adams já o reconhecia em *A Virgem e o Dínamo*. Depois disso, pouco há a acrescentar. A solução é, para liberar o homem, subjugar a máquina."

2 — "Onde vivo? Nasci em Nova Iorque, mas possuo uma roça em Washington, Connecticut, a primeira cidade dos USA dedicada ao Pai da Independência americana."

3 — "Uma das boas emoções de minha vida: quando recebi a beca de doutor *honoris-causa* da Universidade do Brasil."

4 — "Cargo e funções que exerço: além de professor, chefe da Divisão de Música da Universidade de Nova Iorque, presidente do Forum de Compositores, membro da Biblioteca de Nova Iorque, diretor do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos, membro da Academia Medieval da Associação de História dos Estados Unidos, sócio-correspondente do Instituto de História da Bahia e da Sociedade Felipe de Oliveira."

5 — O que Carleton Smith mais gostaria de ter a esta altura da vida: um dia com quarenta e oito horas.

6 — Brasileiros que mais admira: Villa-Lôbos, Guarnieri, Américo Jacobina Lacombe, Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Renato de Almeida, Manuel Bandeira, Niomar Muniz Sodré.

7 — "Meu sangue é inglês de trezentos anos. Meus pais eram da Grã-Bretanha. Assim também meus avós, meus bisavós e tetravós. Alguns acham que eu pareço fisicamente um inglês. Não sei. Meu bigode parece."

8 — Pergunta: "Está arrependido do que tem feito até aqui?" Resposta: "Arrependido? Homessa! Por quê? E o que é que eu tenho feito?"

9 — "Minha mulher concorda com tudo o que eu faço. Espere... Minto. Pelo gosto dela eu seria um negociante. Intelectual ganha pouco e nunca anda com tempo sobrando."

10 — *Hobby*: tocar flauta. "Não é propriamente um *hobby*, mas uma inclinação. O senhor sabe: eu estava em Viena, terra de músicos, e lá qualquer pessoa que se preze acaba aprendendo a tocar algum instrumento. *Haupt ein Hebenfack*, dizem os vienenses. Quem sabe o maior, sabe o menor. Também sei flauta."

11 — "É verdade, sim: vou dar um concerto de flauta na Bahia."

12 — C.S.S. está escrevendo um livro — *Viagens pelo Brasil* — e outro reunindo os artigos que publicou sobre "o estilo característico dos autores e tradutores brasileiros no ano de 1807, como Frei José Mariano da Conceição Veloso, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva e Hipólito da Costa."

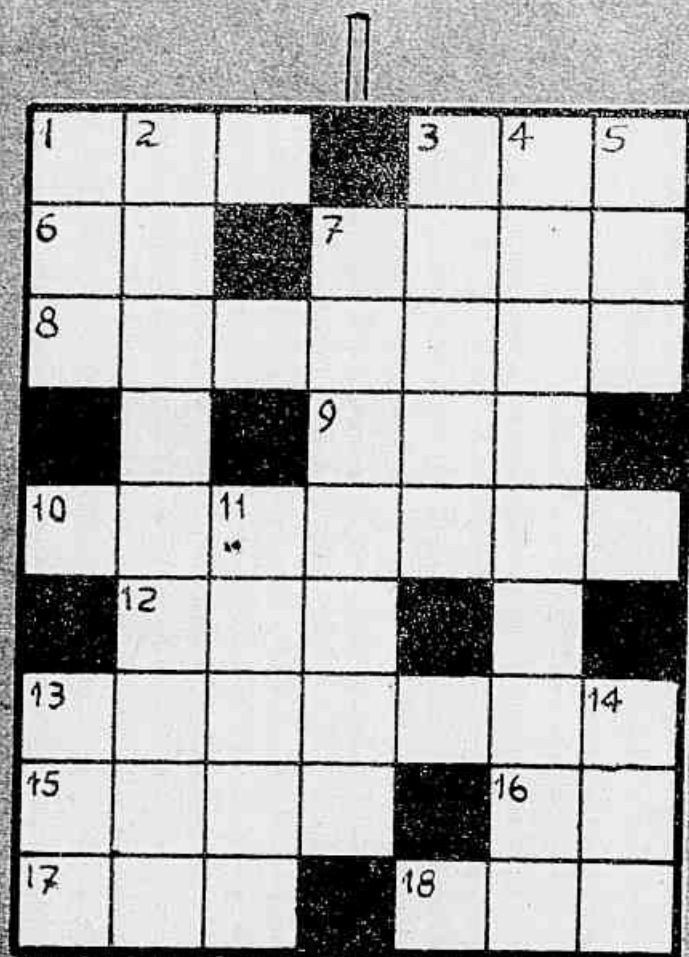
13 — Na Universidade de Viena, diplomou-se em 1930. Sua tese: "*Die Beziehungen zwischen Spanien und Oesterreich im 17 ten jahrhundert*. As relações entre a Espanha e a Austria no século XVII".

JJ = JOVENS E JUÍZO

A conversa (que é feita em português porque nisso insiste Carleton) reescorrega, quase sem que o sintamos, para a atitude dos jovens. "Se eu precisasse aconselhar um moço", fala-me C.S.S., descansando afinal em mim aqueles olhos miúdos e azuis que ainda há pouco açodadamente perseguiam panoramas desde o janelão da sala, "eu lhe diria o que já disse a minha filha: antes de mais nada, tenha juízo". A boca faz uma pausa; e as retinas do tamanho de contas recomeçam sua corrida como transparentes bolas de gude agora rolando ao encalço de um retalho de nuvem que um vento vadio vai soprando lá fora. A nuvem porém desliza muito depressa, elas não tardam a fatigar-se e retornam para dentro da casa onde entrevisto êsse Smith tão alto que mal cabe na mesquinhez estofada da poltrona. "Há coisas que andam demasiadamente depressa no mundo em que vivemos", êle suspira quase como se estivesse aludindo à nuvem perdida de vista e não ao tema da conversa. "A mocidade por exemplo dá sempre a impressão de pretender bater recordes de velocidade. É necessário que ela amadureça com mais calma. Só assim disciplinará o pensamento e o coração e poderá compreender a fundo os problemas alheios, que são, observe, tão relevantes quanto os nossos próprios. Ter juízo é, pois, fator importantíssimo. Embora — e aqui um brilhozinho de ironia marota bóia na superfície dos olhos smithianos — não seja essa palavra que compareça amiúde nos planos de salvação do mundo nos dicionários filosóficos." E repete que moças e rapazes enfrentam os seus próprios problemas e atravessam as suas próprias dificuldades. Há que resolvê-los, com juízo. Mas comenta que, embora as aparências nem tudo está perdido.

"Moças e rapazes", conclui Carleton Sprague, agora atirando as duas retinazinhas diretamente em meu rosto, "sabem que só têm uma vida e que é loucura estragá-la com tolices!"

O diabo (penso eu) é saber até que ponto vão estragá-la os — velhos.



PROBLEMA N.º 54 — PARA NOVATOS

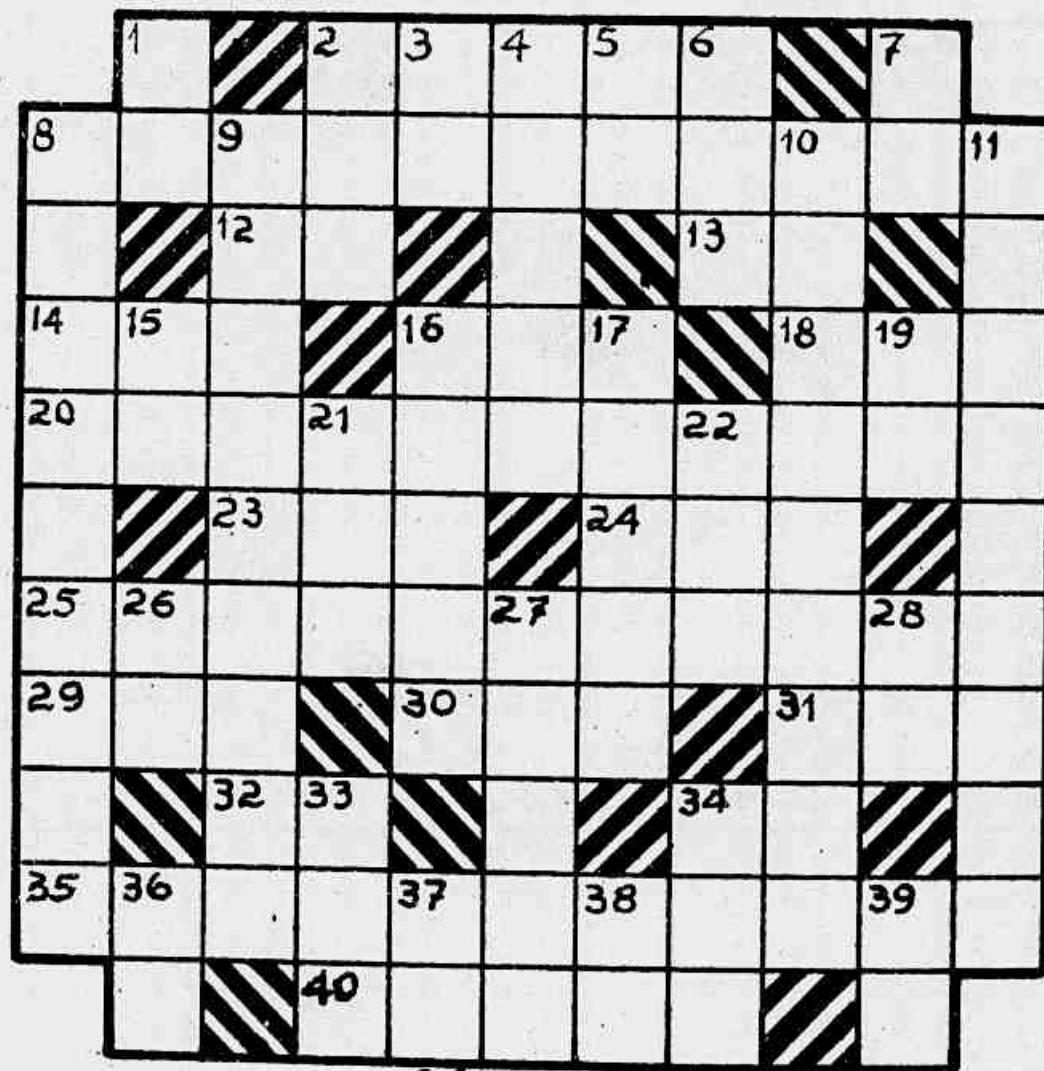
HORIZONTAIS: 1. Mau cheiro — 3. Governanta — 6. Símbolo químico do rádio — 7. Ligar — 8. Pimenteira aquática — 9. Grande — 10. Surdez — 12. Espaço de vinte e quatro horas — 13. Furar com trado — 15. Mãe-d'água — 16. Décima sétima letra do alfabeto grego — 17. Reza — 18. Condimento.

VERTICAIS: 1. Unidade das medidas agrárias — 2. Lustrar passando pela calandra — 3. Espécie de cesto usado na Amazônia — 4. Mover com as mãos — 5. Pedra do altar — 7. Asaltada — 11. Gemera — 13. Prêto velho — 14. Relação.

PROBLEMA N.º 54 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Ave da família dos Tinamídeos — 8. Festa de igreja — 12. Adeus! — 13. Primeira palavra do hino de S. João Batista — 14. Orvalho — 16. Dona de lupanar — 18. Cabo de Madagascar — 20. Indivíduo natural de Guimarães (Portugal) — 23. Radical grego que significa montanha — 24. Arrabalde — 25. Faria ninho — 29. Quati (entre os aritis) — 30. Espécie de baiacu — 31. Rio da Suíça — 32. Cidade moabita consumida pelo fogo numa só noite — 34. Prefixo que denota proximidade — 35. Diz-se da que arrelia — 40. Arbusto trepador de Angola.

VERTICAIS: 1. Crédito — 2. Pau ferro — 3. Símbolo do metal de peso atômico 58,69 — 4. Nome comum a várias espécies de gramíneas forrageiras — 5. Nota musical — 6. Pirapua — 7. Idem — 8. Vivacidade — 9. Cantar tristemente — 10. Diz-se da voz que se aproxima da de tenor — 11. Governaria a rabiça do arado — 15. Interjeição de espanto — 16. Palhota — 17. Espécie de arara do Brasil — 19. Santíssimo — 21. Nome de homem — 22. Tempo — 26. Trigesima primeira letra do alfabeto russo — 27. Castanheira-do-pará (pl.) — 28. Vanaquiá — 33. Pessoa de mau caráter — 34. Bernaca — 36. Batráquio — 37. Nota musical — 38. Artigo plural — 39. Escarnece.



Ofaner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 53

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: arautos — abrir — árido — to — sobra — Ru — ana — sai — bar — rita — mama — franqueza — Riom — late — ôco — meo — rir — la — pampa — có — iriai — iaras — arriara.

VERTICAIS: ar — ris — aros — tari — ora — si — atar — bonificar — dramática — oura — banquem — atrão — bazar — aam — mel — roli — Eros — Mair — Ópio — par — Aar — iá — ra.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ara — ama — irada — imo — or — bá — diárias — ao — Ra — lar — remam — cãs — Sul.

VERTICAIS: ri — Ari — ado — má — amariam — rodar — casas — rio — bar — lês — ras — rã — mu.

REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 11 de outubro de 1908.

Este número da Revista — o 439.º — traz, nas suas três páginas iniciais, em requintada apresentação, as fotos relativas ao lançamento do couraçado brasileiro "Minas Gerais", acompanhadas do seguinte texto:

"A Revista da Semana publica hoje três páginas dedicadas ao nosso grande couraçado Minas Gerais, lançado solenemente ao mar em Elswick no mês passado, em presença do representante do governo e da comissão de marinha que se acha na Europa.

As diferentes fotografias que ora reproduzimos vieram diretamente da Europa para a Revista da Semana, que destarte oferece aos seus leitores uma das novidades que com mais ansiedade eram aqui esperadas.

A força e o poder navais do nosso couraçado são aqui demonstradas à saciedade e se ainda perdurasse no espírito público qualquer dúvida sobre o seu valor material as fotografias das experiências oficiais aí estariam para dissipá-las.

O grande canhão de 12" é um dos maiores do mundo e o resultado da experiência foi excelente. As chapas que constituem a couraça do novo navio de guerra provaram igualmente possuir uma resistência notável e não cremos errar se afirmarmos que bem poucos navios de guerra do mundo inteiro se poderão gloriar de possuir couraçado tão resistente. O interesse que tem despertado entre nós essa nova unidade naval, a mais poderosa do mundo inteiro, é tão viva, que temos recebido pela simples reprodução da página que já publicamos em nossa edição da semana passada, as mais vivas felicitações. Esperamos, pois, que com as vistas que ora inserimos teremos satisfeito na medida das nossas forças a curiosidade legítima dos leitores."

Registra ainda a Revista a batalha de flores de 30 de setembro, na Exposição Nacional; a inauguração do novo escritório do

Jornal do Comércio, na Avenida Central — no mesmo dia em que aquela fôlha festejava o seu aniversário; as comemorações do 28 de setembro, correspondentes à lei do Ventre Livre, seis fotos dos funerais de Machado de Assis, bem como o curioso "Corso das Carroças", organizado pelos estudantes pelas ruas da cidade e que foi dissolvido pela polícia.

O dissolvimento do curioso préstito pelos representantes do chefe de polícia "com certos modos habituais dos atuais caçadores do bicho" não foi, como é natural, muito muito de ser comparada aos animais tão perseguidos atualmente pela polícia e resolveu vingar-se". "E vingaram-se — prossegue a Revista — como se vingam os estudantes, isto é, com a galhofa, com a pilhéria, com o ridículo, armas que não matam e não causam estragos materiais previstos no Código Penal, tendo, contudo a vantagem de colocar a vítima em críticas circunstâncias morais, ao ver dos alegres rapazes."

"Como levar a efeito a vingança? — prossegue a notícia. O problema foi rapidamente resolvido: em alguns momentos determinaram matar o Dr. Chefe de Polícia e, depois de morto, enterrá-lo condignamente, à maneira da rapaziada. E, para isso, organizaram o entérro de S. Exa. com todos os requisitos estudantinos. O indefectível caixão, as cruces, os crepes, os cânticos, etc. Nem faltaram oficiais."

Naturalmente — prossegue a nota, deliciosamente — agora que para eles já está enterrado o Chefe de Polícia, acabaram-se os ódios e as desavenças. E como foi um fato público, aí ficam os instantâneos do entérro do Chefe de Polícia, realizado pelos

estudantes."

E a revista finaliza:

"Que S. Exa. nos perdoe a indiscrição, mas bem sabe S. Exa. que a missão da imprensa é informar e o jornal que não dá notícia de um acontecimento conhecido leva

um furo, e serve mal os seus leitores. Ora, a Revista da Semana não quer levar furo, porque isto desmoraliza um jornal bem informado e não pode servir mal os seus leitores, porque então perderia a confiança pública, que é a garantia da imprensa moderna.

S. Exa. que, não obstante o entérro, está bem vivo, há de compreender a nossa situação e talvez até nos agradecerá o poder-mos fornecer-lhe uma lembrança do entérro acadêmico."

Entre as notícias internacionais, são apresentados os funerais de Redjeb Pachá, ministro da guerra da Turquia, falecido em Constantinopla; notícias das manobras anuais feitas pela esquadra italiana, apresentando uma foto do submergível Narvalo; fotos da visita dos reis da Espanha — Vitória e Afonso XIII à Inglaterra; flagrantes da excursão à África Oriental, ao Benadig e ao Egito feita pela duquesa Elena d'Aosta; bem como os últimos acontecimentos no terreno da aerostática moderna, apresentando a R.S. uma série de fotos de algumas experiências dos irmãos Wright, Alberto e Emílio Bonnet Labranche, Malecot e Leyaquena, realizadas na França. A propósito destas experiências, assim se expressa a revista: "o incremento que tem tomado no mundo científico e no mundo esportivo os diferentes problemas da aerostática faz crer que bem próximo estará a época em que poderemos apreciar a perfeita estabilidade e docilidade dos aeroplanos, e dos dirigíveis aos seus tripulantes. A França, incontestavelmente é a que mais se tem distinguido nos aperfeiçoamentos e na construção quer dos dirigíveis quer dos aeroplanos. Os nossos leitores verão pelas nossas gravuras os cinco últimos modelos de aeroplanos e dirigíveis, assim como a grande oficina Voisin para aeroplanos.

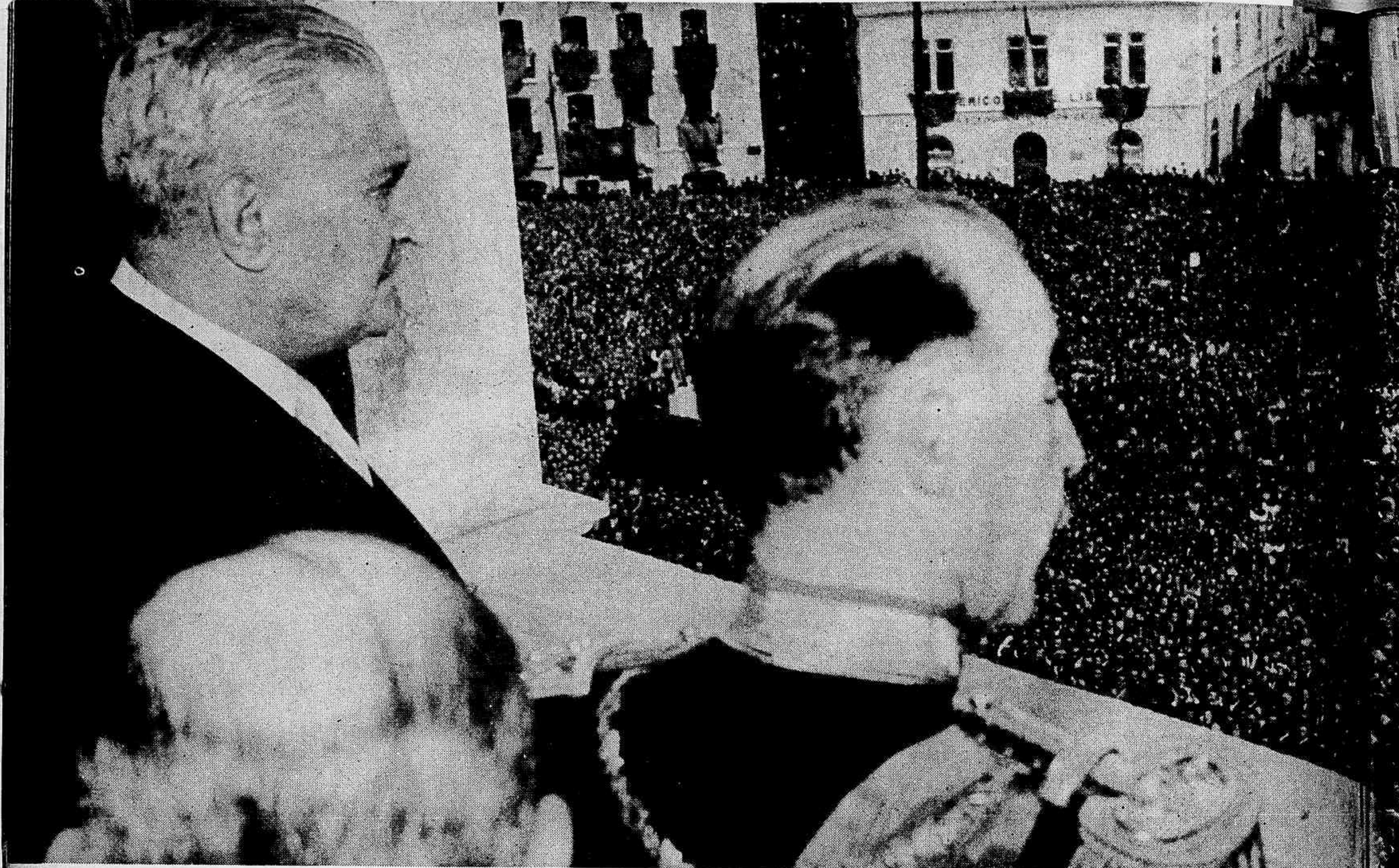
Era assim há cinqüenta anos.



O carro premiado (família Batista Franco) na batalha de Flores de 30 de setembro.



O sr. Head examinando o olho do crocodilo do Mississipi, no tanque do Zoo de Londres.



O Dr. Oliveira Salazar e o General Craveiro Lopes assistem, no

Estoril — Portugal — Via Lufthansa.

SAO SETE DA TARDE, hora marcada pelo Professor Salazar. A serenidade dêste fim de dia não está de acôrdo com o bater descompassado do meu coração. Sinto-me inquieta e pouco jornalista. Quase não tenho curiosidade. A falta dela é sobrepujada pela sensação de irreabilidade ao parar o carro e ao transpor o portão do forte de Sto. Antônio, residência de verão do Senhor Presidente do Conselho de Portugal. É o refúgio dum solitário em busca do silêncio perfumado da Natureza. O Forte e o Atlântico. A cantaria amarelecida das fortificações portuguesas no século XVII e o Mar. Eis a moldura ideal para um perfil severo, internacionalmente conhecido: Salazar.

Quando transpus a porta chapeada do forte, entrei numa espécie de "hall" natural e fiquei deslumbrada pela vista do mar e pela luz. Não estava preparada, tão pouco, para encontrar Salazar ali. Julgava-o alcandorado num gabinete majestoso e metido em sombras. Mas não. Um homem alto, trajado com discreta elegância, pisava as lajes sonoras e dirigia-se-me de mão estendida e com um sorriso.

— Como está? Quando chegou? Vive há muito no Brasil?

Ao mesmo tempo encaminhava-me por um largo corredor, que tem ao fundo a capela, voltamos à direita, subimos umas escadas e, num gabinete simplicíssimo, continuamos as nossas primeiras impressões. Aninhado na sua cadeira e eu na minha ficamos ligeiramente expectantes. O seu olhar envolveu-me dos pés à cabeça. Não era de modo nenhum um olhar que desagradasse. No entanto tive a nítida impressão de que me havia devassado. Ficara — se porventura os tivesse — nua de segredos. E lamentei que Salazar, com um poder visual tão grande, um poder de condutor de homens, de um autêntico líder, nunca se tivesse querido debruçar sobre a alma dos outros mantendo-os sob o seu sortilégio — porque inegavelmente o possui — e, sem coação, se fizesse amar e compreender. Tem um falar doce, repousante e, sobretudo, um tom de voz aveludado, de entonações ricas, que tanto a rádio como a televisão, roubam inexplicavelmente. Mas existe neste grande homem de Estado algo que perturba e tira a confiança. Há uma linha de distância, imperceptivelmente intransponível,

que mesmo ao apertarmos as mãos, não se quebrou. Talvez isso seja inato ao hábito do mando. Mas, tendo entrevistado vários Chefes de Estado, pessoas da Corte Inglesa e altas personalidades do mundo político internacional, ninguém me fez sentir a facilidade de "cair no vácuo", faltar-nos expressões e ficar sem retentiva, como Salazar. A conversa prosseguiu informal. O Chefe do Governo é um homem magnético, envolvente, culto, encantador. Há nêles preciosos repositórios de calma e de dignidade. Jamais tem espantos. Nunca me deu a sensação de que estava na frente de um homem que dizem ser o dono de um país, que governa alguns milhões de habitantes, enfim, dum poderoso. Como jornalista, falei de poder a poder, com lealdade. Conversamos sobre o Brasil, o seu Presidente e a sua gente. Confessou-me a admiração que sentia por êles: país, governo e povo. Teve uma expressão amiga para com o embaixador do Brasil, em Lisboa, Prof. Dr. Álvaro Lins, a quem acha muito brilhante. Lembrou várias personalidades brasileiras com as quais convivera e, como não podia deixar de ser, o colega Herbert Moses foi recordado, com um largo sorriso, pelo Presidente do Conselho.

— Senhor Doutor Oliveira Salazar, porque não vai ao Brasil? Teria, estou certa, um extraordinário recebimento.

Sorriu-se, fazendo com as mãos, ainda bonitas, um gesto que traduzia impossibilidade, pelo menos, por ora.

— Gostaria de transmitir à opinião pública brasileira, que sempre se interessa pela vida e progresso da Nação irmã e à colônia portuguesa do Brasil — a qual há bem pouco repetiu a V. Exa., pela voz das suas personalidades mais representativas, a sua fiel e patriótica admiração — as palavras que neste momento sejam esclarecimento e diretiva do seu pensamento de Homem de Estado e Chefe do Governo. Esta pergunta foi suscitada pelas afirmações, sobremaneira transcendentais, que V. Exa. proferiu no seu discurso de 30 de junho p.p., às Comissões Políticas da União Nacional. A primeira parte da afirmação de V. Exa. refere-se ao passado e não sofre qualquer dúvida nem discussão à opinião de quantos, e são milhões, no Brasil, seguem a evolução do regime que há trinta anos se instaurou em Portugal. A se-



Palácio de São Bento, a imponente manifestação popular.

SALAZAR FALA AO BRASIL

(Da enviada especial da "Revista da Semana", FERNANDA REIS)

gunda parte da mesma afirmação olha para o futuro. A opinião pública brasileira e a colônia portuguesa, que seguiram com atenção as vicissitudes do último ato eleitoral, interessaram-se imediatamente na renovação em pessoas e métodos que V. Exa. anunciou e encararam-na com vivo interesse, na seqüência da evolução de que V. Exa. denominou a experiência do regime, que se creditou pela sua eficácia. Permita-me V. Exa., pois, que em primeiro lugar lhe manifeste o desejo de conhecer e sobretudo no plano da sua visão e das suas previsões de Homem de Estado e Chefe do Governo, qual o sentido dessa possível renovação ou, mais concretamente, se, mantida a estrutura constitucional do regime, ela representaria neste, uma nova fase.

— A estrutura constitucional do regime não está em causa. O que está indicado não é o regresso às desordens parlamentares e à fraqueza dos governos. Não é destruir a experiência política dos últimos trinta anos que constitui — sem dúvida — aquela que mais ajustado ao nosso modo de ser, garantiu a tranqüilidade e paz públicas e se desentranhou em benefícios para a coletividade. Os princípios são imutáveis e se foi preciso impor sacrifícios e se houve erros, injustiças, deficiências, atrasos e abusos, isso não é suficiente para destruir os princípios e resultados da sua aplicação. Por isso mesmo disse que é preciso renovar a experiência e, se necessário, em pessoas e métodos a prosseguir, porque a renovação pode impôr mudanças de pessoal mas não, de maneira alguma, destruí-la! Por toda a parte os regimes políticos vão evoluindo influenciados, sobretudo pela eficiência dos métodos de governar. E eu, minha senhora, não sou um imobilista.

— Considera V. Exa. útil que na Assembléia Nacional venham a representar-se correntes de opinião que discordem dos métodos atuais de administração e os critiquem livremente no Parlamento com o espírito de colaboração e retificação construtivas?

— Como já disse não devemos confundir oposições com partidos, nem querer que, sem partidos expressamente admitidos ou pressupostos na Constituição e tidos como organizações indispensáveis à vida política, as vozes discordantes não podem fazer-se ouvir

nem por numerosas que sejam, ter pêsso na governação. Só governos independentes das organizações partidárias, abertos e nacionais, podem sem se negar, satisfazer ou incorporar nas suas realizações e até na sua doutrina aquela parte de verdade e interesse nacional que pode surpreender-se, aqui ou acolá, sem dependência de filiações partidárias, credos ou grupos. Mas os partidos não podem fazê-lo sem abdicar ou sem concorrer para a sua própria destruição. Assim temos seguido o nosso caminho, fazendo apêlo incessante ao denominador comum que é o interesse nacional. Considerado que há conveniências práticas e necessidade de se conhecer o interesse geral através da representação inorgânica da Assembléia Nacional, por via do sufrágio direto que está na sua origem — o que sem dúvida reconheço — não me repugna que homens independentes de qualquer formação partidária ou mesmo representantes de oposições esporadicamente constituídas que nela tenham assento, por direito de eleição. Nada disso acarretará prejuízos ao funcionamento do regime e à evolução, embora se mantenha aberta a União Nacional. Talvez se encontrem vantagens em que a vida política fique patente aos que a ela não pertence. Sou o primeiro a compreender que não se devem barrar além do necessário, os caminhos por onde os maiores valores ascendam aos altos postos. A Nação só terá a lucrar com o alargamento de tais possibilidades. A ordem, a tranqüilidade pública, o decôro da vida política, com exceção dos períodos eleitorais, o prestígio conquistado, o progresso geral, o fortalecimento da coesão nacional aqui e no Ultramar, aceitamos que com outras pessoas se pudessem conseguir: com outros princípios não! Tudo isto está num dos meus últimos discursos — esclarece.

— Em face de reclamações que têm vindo a público, traduzindo excessos de dirigismo burocrático nas atividades económicas e impedindo a iniciativa privada de se desenvolver, não julga V. Exa. oportuna uma revisão e uma retificação que desemperre e liberte essa iniciativa que é, segundo o Estatuto do Trabalho Nacional, o fator primordial do progresso económico da Nação?

— De fato surgiram montes de queixas acerca de alguns organismos, quer pela deficiência geral com que, infelizmente, lutamos

SALAZAR

Salazar e a censura: Os direitos

em todos os setores, quer porque muitos entenderam que a organização corporativa havia de servir para multiplicar intermediários e anular a concorrência e salvar as posições adquiridas por alguns. Não está isto nem no meu espírito nem no interesse geral. Como a Senhora acaba de dizer, a iniciativa privada é o fator principal do progresso econômico da Nação. E é preciso preservá-la e defendê-la, custe o que custar. Há porém, sem dúvida, queixas quanto ao pessoal de muitos organismos que se a mim me não surpreendem, me causa estranheza que se repitam sem se lhes dar remédio. Eu próprio aconselhei um reajustamento da organização corporativa para evitar abusos, erros ou desvios.

— Nos discursos de V. Exa. depreende-se que a Censura será alterada. Como?

— Ela será menos rígida mas terá de existir. Afirma-se que a existência prévia dela contradiz o princípio constitucional da liberdade de expressão. Isto não é exato. A questão, no entanto, está aberta. Será tratada e até discutida livremente porque, sendo de tão grande interesse, pode ser que a discussão a esclareça e me permita retomá-la em mãos e de forma a que se conciliem os diversos interesses. Ela é, segundo a minha maneira de pensar, necessária. No entanto, devo lembrar-lhe que há interesses econômicos e políticos vastíssimos e, por vezes, complicados que perturbam no jornalismo as informações e as doutrinas que são depois ventiladas e levadas aos lares e de que os países têm de acautelar-se. Se é verdade que a Imprensa, o Rádio e a Televisão, exercem influência na maneira de pensar da opinião pública, os governos para os quais — como entre nós — a opinião é constitucionalmente uma função de força social, tem de zelar-se pela sua pureza idealística e evitar o seu deturpamento. E mais ainda, sobretudo de defender o interesse nacional. Os direitos dos que escrevem não podem aspirar ao absoluto. Têm de ser enquadrados dentro destas duas necessidades francamente vitais. Eu compreendo que a censura incomode os jornalistas. Mas não há dúvida de que ela tem permitido segurança de trabalho e até uma liberdade de ação (interrompe com um gesto veemente a tentativa de controvérsia, da minha parte, ao ouvir-lhe falar em liberdade de ação), que, pelo visto lhe parece contraditória. Não é! Porque essa liberdade não a vejo até em regimes aparentemente liberais. Repare, em Portugal, existem jornais católicos, protestantes, monárquicos, republicanos, políticos, somente noticiosos, neutros, favoráveis ou teozamente inimigos. Nenhum está dependente do Governo ou se sente coagido para exercer a sua atividade. É preciso reconhecer que quem governa tem, em relação ao interesse nacional, responsabilidades graves que não pode transmitir a outros e nos casos, por assim dizer, duvidosos, tem, fatalmente, de fazer prevalecer o seu juízo. Se vier a ser possível chegar a um texto legal que suprima ou diminua as razões de excessiva sensibilidade que, tanto os jornalistas como os escritores apresentam, ressaltando, como cumpre, o interesse público, ninguém por capricho ou teimosia se lhe oporá. Existem grandes interesses financeiros indesculpáveis ou, sejamos menos rudes, menos nacionais, por detrás de algumas empresas jornalísticas, que eu bem sei. Mas sempre se permitiram livres críticas à administração geral ou local ou de organismos econômicos.

Fiquei olhando longamente o sr. Presidente do Conselho de Portugal. Acudiam-me, em tropel, mil idéias e muitas contraditórias ao que S. Exa. acabara de me expor. Ser jornalista é ao mesmo tempo uma delícia e um fardo. Verificando o seu ar cansado e severo não me atrevi, no entanto, a discutir apaixonadamente um assunto que tanto toca a minha sensibilidade profissional. Acender um cigarro estava, é claro, fora de cogitação. Mirei as minhas notas e fiz outra pergunta.

— Num dos últimos discursos de V. Exa. alguns jornalistas consideraram-se atacados e depreciados — segundo dizem — injustamente. Que opina V. Exa.?

SALAZAR: "Desculpe interrompê-la, mas não temos exilados políticos".

Lembrou Salazar várias personalidades brasileiras com quem convivera. Uma delas, Herbert Moses.



dos que escrevem não podem aspirar ao absoluto.

A resposta veio seca e breve:

— Não dei por isso.

— Fala-se muito do baixo nível de vida em Portugal. As obras em curso serão suficientes para o melhorar?

O Senhor Presidente do Conselho levantou-se, mexeu nuns papéis que estavam na secretária e disse:

— No discurso que pronunciei a 4 de junho p.p., estão estas palavras que lhe vou ler pois elas servem como resposta à sua pergunta, visto estar estudando atentamente esse assunto da maior acuidade. Lamento, como todos, não nos encontrarmos entre os povos ricos ou mais desenvolvidos. Sem solo, sem subsolo, sem mar litoral ricos, a nossa maior riqueza na Metrópole é ainda o homem e o seu trabalho. Mas, para se elevarem estes ao nível desejado, terão de empregar-se grandes esforços e dar-se tempo ao tempo. O capital e a técnica não se inventam: importam-se ou formam-se. Por mim preferia ir um pouco mais lentamente no âmbito de uma vida modesta que sujeitar o País a novas formas de colonização estrangeira. Seja qual for a sequência dos acontecimentos, penso haver uma tarefa árdua nos próximos seis meses. Se a Assembléia aprovar, como espero, a lei do Plano do Fomento, e a Câmara Corporativa aprovar, como igualmente espero, a esse Plano, o próximo orçamento terá de refletir já o peso dos empreendimentos públicos e dos auxílios que ao Estado cabe prestar. Muito antes de que fossem formuladas ou sonhadas sequer determinadas reivindicações, afirmei, em nome dos nossos princípios, não pormos qualquer limite à ascensão econômica, política ou cultural das massas, e assim se vem fazendo em bases sólidas o que de outro modo não passaria de artifícios ou enganos.

— Tão pouco V. Exa. reconhece o direito de greve?

— Reconhecê-lo seria tomar conhecimento de luta de classes. Ora, nós nos batemos pela manutenção do ambiente de franca cooperação. Não aceitamos a idéia da incompatibilidade de interesses entre os patrões e os operários. Aceitamos, sim, a sua solidariedade absoluta e permanente. Como se pode esquecer que a coletividade é um tercelro no conflito e se há-de deixar resolver a contenda pela luta das outras forças em presença? Se o liberalismo pode equivocar-se quanto a ela o comunismo — nisto tem inteira razão — varreu-o das leis e da prática. Greves! Não esquecemos os egoísmos dos humanos, nem os abusos, nem a miséria moral ou material que daí possam advir. Somente acho que haverá formas mais corretas e seguras para dominá-los, em benefício de todos.

— Nalguns jornais e revistas estrangeiras li tópicos acerca do modo pessoal de V. Exa., reservado e distante, chegando-se a afirmar, nos mesmos, que se distanciara do povo. Pode elucidar-me?

— Nunca me distanciei do povo. O que existem são duas maneiras de considerar as funções de homem público. Uma é governar; outra é fazer política. Eu só governo. Sou tão pouco político que se me candidatasse na minha Junta de Freguesia não obteria um só voto! Governo somente. Pelo cérebro e não pelo coração. A sentimentalidade em excesso prejudica a clareza dos atos governamentais — esclarece.

Estou em frente de Salazar e ouvindo-o. Outros jornalistas, e bem raros têm sido, o viram em horas culminantes da sua ação como Chefe do Governo. Sentiram todos a mesma sensação de respeito. Eu procuro-o talvez numa hora angular da sua vida como homem de Estado. Tenho, em qualquer caso, consciência disto. Salazar não tem a máscara cezaresca que aparece espetacularmente nas medalhas históricas dos ditadores do nosso século. Durante os últimos trinta anos escreveu-se muito a seu respeito, procurando traçar através de dados biográficos, nem sempre certos, o seu perfil ditatorial. Umhas vezes a preocupação de louvar, outras a de denigrir, prejudicaram a justiça que a sua singular figura exige. Mesmo com o apoio férreo do Exército e com as medidas

rigorosas que sempre defenderam o regime, especialmente nos últimos dois decênios, é dever irrecusável reconhecer que Salazar não podia estar na Chefia do Governo de um país, continuamente há trinta anos, se não possuísse as altas qualidades de grande condutor e estadista. Pode e deve-se discutir o regime e o processo de governar. Mas essa verdade não sofre dúvidas. É por isto que de longe e de cima, a sua estatura domina todos os ministros, secretários de Estado, parlamentares, políticos da União Nacional e altos funcionários que têm servido e servem o regime e que este nele se concentra em pensamento, concepções e ação. Acaba novamente de o demonstrar durante a última campanha eleitoral e na composição do atual Governo. Quando o brilhante talento de Antônio Ferro, no Secretariado Nacional de Informação, fez de fato a ressonância de Portugal no mundo, Salazar estava no centro do seu cartaz nacional. Dizem, os que lhe querem bem, que ele governa pela vontade de Deus. E é quase um rei. Não sei quanto essa extensão de poder o prejudicará. A si e ao povo. Mas também estou informada de que não o deixam retirar-se. Até onde isto é verdade eu não sei. Salazar não me parece homem para obedecer a quem quer que seja. Segundo a sua opinião está-se sacrificando. Segundo a de alguns não é assim. No entanto uma realidade surge e essa insofismável: tem atrás de si uma obra de invulgar brilho e projeção. Merecia descansar e colher algum fruto do muito que fez. Mas o poder é como o amor. Quanto mais, mais. E surge o cansaço e a ingratidão.

— As pessoas são, às vezes, ingratas, não é verdade sr. Presidente do Conselho? Deve de ser um pouco triste saber de tanta coisa acerca da maldade dos outros!

O Doutor Oliveira Salazar tem um meio sorriso e responde suavemente:

— A maldade dos outros! Que engraçada! Bom, bem vê, o mundo anda numa agitação demolidora. E olhe, a culpa é de certos jornalistas que fazem perguntas tremendas a certos homens. Também a culpa é desses homens que — para impressionar as multidões — lhes respondem. E a maldade e o recalque vêm à tona e brotam alegremente e com facilidade nos quatro cantos do mundo. Nada disso me atinge porque sou um homem que estou sempre preparado a partir, não digo sem desgostos, mas sem delusões. A nós, pobres de Cristo, só podem acontecer-nos pequenas coisas que sem motivo nos espantam — haver quem esqueça as mercês recebidas, não corresponda aos serviços que se lhe prestaram, não se contente com todas as satisfações do interesse ou da validade — coisas que não significam nada e são apenas expressão de fraqueza desta pobre humanidade.

— Por que é que V. Exa. não se candidatou à Presidência da República?

— Não quis seguir uma política de presidencialismo como a de Saldónio Pais.

— Os elementos comunistas dão a V. Exa. algum motivo de inquietação dentro de Portugal?

— Repito-lhe o que disse, acerca deles, num dos meus discursos. Quase se deve ter dó dos comunistas. Mandaram-nos ser aqui germanófilos no começo da guerra, e foram; mandaram-nos ser aliadófilos depois e foram. Mandaram-nos admitir a independência das repúblicas soviéticas, admitiram-na; mandaram-nos aceitar a absorção das mesmas repúblicas, e aceitaram-na. São colonialistas para engrandecer o Estado socialista russo e anticolonialistas para diminuir o seu próprio país. Não procuremos lógica, mas obediência; não esperemos patriotismo, mas serviços a uma política estrangeira. A idéia do plebiscito para definir nova situação para Goa é um derivado de declarações soviéticas a favor da União Indiana, e só não foi estendido pelos nossos comunistas a todas as outras províncias porque de momento isso agravaria a irreductibilidade do povo relativamente à voluntária amputação da Nação portuguesa. Goa é pois o máximo que os comunistas

Uma coisa é governar, outra é fazer política. Eu só governo. Pelo

ousaram jogar; a reação provocada — jamais podemos esquecer, minha Senhora, a firma e amiga atitude do Brasil — dispensa-me a mim de mais uma vez afirmar a política do Governo em relação ao Estado da Índia. É clara: não negamos nem repudiamos os nossos. Portanto onde e como pode haver inquietação quanto aos comunistas em Portugal?

— Os exilados políticos...

— Desculpe interrompê-la mas, não temos exilados políticos.

— Por que é necessário, aos que desejam ir para a nossa África, documentação especial como se partissem para o estrangeiro?

— Isso já foi modificado.

— Impressões sobre o Brasil, do seu Presidente e do povo.

— O Brasil é um país riquíssimo. Tem tudo. Aquela Amazônia é um mundo. Se houvesse uma terceira guerra — Deus não o queira — seria o Brasil uma das grandes reservas mundiais. O nacionalismo exagerado tem sido a causa, assim como em outras nações, do seu atraso econômico. Nesse formidável país o "slogan", por exemplo, do "petróleo é nosso" é muito interessante e de respeitar mas, estando ele a cem ou duzentos metros de profundidade há que trazê-lo para cima, porque senão é como se lá não estivesse. É um grande país sob todos os aspectos e a sua riqueza humana, o seu povo, é dum valor sentimental e cívico, realmente enorme. Querem-nos bem e nós queremos-lhes mais ainda. Portugal está sempre, sentimentalmente, na sua alma e isso entenece imenso e não nos pode deixar insensíveis. Acerca do sr. Presidente da República só posso repetir o que já disse na ocasião da sua visita a Lisboa, em 1956, em que tive o prazer de conversar com S. Exa. É duma agilidade mental extraordinária, tem uma enorme facilidade de aproximação e, bem vê, é na verdade preciso ser dum dinamismo realizador a toda a prova para fazer a mudança da capital, da forma como está fazendo! Um sonho que está para realizar-se há tantos anos! Li o seu artigo sobre Brasília o qual me deu o sentido das proporções e da beleza da nova capital. O dr. Juscelino Kubitschek é um Presidente ainda moço, um político muito hábil e na Mensagem que tive a honra de lhe enviar acerca da sua humaníssima iniciativa da "Operação Pan-Americana" felicitava S. Exa. com sinceridade e admiração.

— V. Exa. sr. Presidente do Conselho não conhece a obra de assistência social de D. Sara Kubitschek. É extremamente interessante. Tem o nome de Pioneiras Sociais e é presidida por esta Senhora e coadjuvada por outras senhoras dedicadas. São doze hospitais-volantes, ambulâncias amplas de magnífico aspecto. Têm equipamento completo e moderníssimo Raio X, podendo até realizar pequenas intervenções cirúrgicas. Servem a população do Rio e cerca de vinte mil pessoas já recorreram e foram atendidas a esses hospitais sobre rodas. Também "O Centro de Pesquisas Luíza Gomes de Lemos" — homenagem à mãe de Dona Sara — é destinada a combater o câncer. Foi inaugurado em 1957 e atendeu, até agora, perto de duas mil e oitocentas senhoras. Lactários e ambulatórios foram também incluídos nesta obra belíssima de assistência particular.

— É na realidade de enternecer. Faz-me lembrar a obra, também de encantadora humanidade, do Prof. Dr. Bissaya-Barreto, em Coimbra. Não conhece? Gostaria de que a visse. É uma obra vastíssima. Hei-de dizer-lhe que a convide.

— Como é que V. Exa. encara a atual conjuntura internacional em torno do problema da paz? Por que não temos relações com todos os países?

— Nós, como a generalidade, também pretendemos a paz. Somente nos separa de muitos a idéia que se forma do caminho a trilhar para que a mesma se garanta ou se consolide. Quem nos dera chegar a uma plataforma de desarmamento total! Quem nos dera empregar as somas que se gastam na defesa, em benefício

da humanidade! Mas a paz, o desarmamento são noções ou situações reciprocas entre Estados independentes. E quando se fala de paz sem esta prévia exigência, é que se está disposto a aceitar no plano nacional a escravidão. Quanto às relações com todos os países se se trata de relações comerciais, e se a alusão visa os países para além da cortina de ferro, devo dizer que temos já relações regulares com a Polónia, Checoslováquia, Alemanha Oriental e Hungria, e comerciamos mesmo com a Rússia, antigo cliente das nossas cortiças. Às outras relações a começar pelas diplomáticas, deparam-se obstáculos graves que dificilmente serão vencidos enquanto forem meio privilegiado de um proselitismo inadmissível. Temos assistido ao fazer e desfazer de experiências neste campo, para se lamentarem em seguida os resultados. Todos os homens isentos entenderão que a questão só pode ser resolvida sob estas duas condições: inocuidade proselitica das missões estrangeiras; reciprocidade completa das regalias habitualmente concedidas.

— Sr. Presidente do Conselho, na recente campanha eleitoral a oposição foi a mais viva de quantas, durante estes trinta anos, se fizeram, não é verdade?

— Quando muito a mais agitada. Serviu apenas para demonstrar que não é possível nem conveniente caminhos que levem a uma tentativa de desagregação. Para mobilizar 23% do eleitorado, ela fez a maior coligação e a mais completa conjunção de esforços de que há memória e aceitou a cooperação, senão a quase chefia, dos elementos comunistas. Só estes têm métodos próprios. Não devemos confundir oposições e partidos. O poder, — eu o sei — cansa, gasta e desgosta os que o suportam, mesmo quando não há razão. Sabe-se que tenho sido um tanto refratário a mudar por mudar, e isso provém de duras lições de experiências passadas e de um certo conceito de serviço público que sei não é o corrente. O que aí está — imperfeito e inacabado que se considere e por certo é — foi preciso erguê-lo não descosidamente mas com a unidade de um edifício sobre alicerces onde se verteu muito suor deste pobre povo; e foi com o seu trabalho e as suas aspirações que se pagaram dívidas, se libertou de usurários a Fazenda, se restaurou o crédito, se instaurou uma administração, se adquiriu prestígio e se tem defendido a pátria e a integridade do Ultramar português. Infeliz povo se confundir promessas vãs com realidades! Há muitos anos já um sociólogo francês conhecedor dos nossos problemas e dos nossos defeitos de formação, concluiu que uma das qualidades excelentes da gente portuguesa — a sua docilidade — representava no fundo um grave perigo para a estabilidade política e social. Bastaria que alguém dispusesse de audácia de prometer e de mentir para criar à sua volta zonas de adesão mesmo entusiásticas. É evidente que se se houvesse mais cedo institucionalizado completamente o regime, e a eleição fôsse de outra forma ordenada, a Nação não sofreria o desprestígio da passada campanha. Nem todos os regimes despertam ou fazem florescer nos homens públicos as mesmas qualidades; nem todos se equivalem na criação de um estilo de chefia ou no espírito de servir. O sr. General Craveiro Lopes serviu o seu cargo com tão exemplar dedicação, com tão elevada dignidade, com tal fidelidade aos princípios fundamentais do regime que os sete anos da sua magistratura seria ingratitude não guardá-los na nossa memória e no nosso reconhecimento. O Senhor General pôde ainda levar ao Brasil entre aclamações inesquecíveis o calor das nossas almas no abraço fraternal dos portugueses de todo o mundo. Quando findou o seu mandato a União Nacional procurou um candidato na mesma linha em que das outras vezes se situou: escolheu um homem probo, digno, prudente, pronto a servir, capaz de interpretar e defender em momentos de crise os interesses da grei. Porque, minha Senhora, à sua pergunta sem malícia —

cérebro e não pelo coração.

conheço a sua probidade profissional — respondo como acaba de ouvir e acrescentarei que, e ainda quanto ao que lhe acabo de expor, não será necessário tomar de assalto uma fortaleza, neste caso a Nação, mas pode bem haver necessidade de defendê-la. A nossa orientação tem sido sempre contra o reacender de lutas políticas através de cuja violência e trágicos desfechos vemos outros procurarem a sua felicidade. A política só em sentido deturpado se pode confundir com a agitação estéril, reter de ódios, estadiar de ambições pessoais ou de grupos para a conquista e usufruição de altos lugares. A consciência pública só pode formar-se à luz de posições desinteressadas e não na excitação das paixões e na adulteração da verdade. A aparência é pretenderem as oposições manter de pé a sua queixa de que as eleições não foram livres e lhas roubaram. Nunca ouvi dizer coisa diferente em Portugal às oposições que perdem. Sei que a designação do Chefe de Estado não deve continuar-se a fazer por esta forma. É essencial criar e radicar hábitos de tolerância e de civismo. Um regime diferente não é um regime partidário. Quando falo em regime não faço alusão à Monarquia; esta não é um regime mas uma instituição que pode fazer beneficiar do seu contributo próprio regimes bem diversos. Não é prudente nem necessário para o meu fim remexer em paixões ainda vivas que certamente turvariam o nosso juízo. O que vou dizer serve para demonstrar que é possível criarem-se partidos políticos, — o que era aliás o confessado objetivo das oposições depois da nova ditadura — mas não é possível nem conveniente um partido de oposição. Desde o começo do século XIX até ao presente nós fizemos em Portugal numerosas experiências políticas, semelhantes, senão iguais, às que vemos fazer noutros países. Tivemos a monarquia não partidária, as guerras civis, os pronunciamentos, o caudilhismo dos marechais, o rotativismo de dois partidos, a fragmentação partidária, a república sem partidos de 1910, de novo a divisão após a Constituição de 1911, as tentativas de aglutinação, o presidencialismo de Sidónio Pais, enfim o 28 de Maio. Desde então temos tido o país sob uma grande serenidade. Como então regressar ao regime dos partidos? A pergunta, que vejo lá a formular, adivinho-a e respondo-a: a conduta da oposição nas últimas eleições não abalou nem modificou em nada o prosseguimento da política do movimento nascido em 28 de maio, fez agora trinta anos. Repito uma frase que lhe disse anteriormente: sou um homem que está sempre preparado para partir, não digo que sem desgostos, mas sem desilusões. Estamos no caminho do futuro e só desejo compreensão para o podermos trilhar em paz.

S. Exa. baseou algumas das suas respostas, nos discursos que ultimamente pronunciara, evidenciando assim que, daí para cá, seu pensamento não se alterara. Pode tirar a esta entrevista uma certa originalidade mas, não a veracidade. A jornalista não podia eximir-se a uma sensação de desencanto dado que, de hábito, nas entrevistas, o diálogo é, por assim dizer, o que lhes dá vida. Mas já sabia também que S. Exa. é alérgico a perguntas e respostas. Sua ponderação e prudência habituais regem a sua forte personalidade e, portanto, havia ainda que agradecer a leitura, em voz alta, de certas passagens dos citados discursos.

Duas horas haviam decorrido e o crepúsculo invadia docemente o gabinete onde estávamos. Saímos e ficamos olhando o mar. O sol há muito se afogara no oceano e iluminava o outro lado do mundo. O ambiente era de paz. E Salazar exclama:

— É um silêncio!

— Pode parecer-lhe paradoxal, sr. Presidente do Conselho, mas para mim é um silêncio que se ouve...

Fixou-se curiosamente e diz:



Ficamos olhando o mar. O ambiente era de paz.

— Realmente. É assim. Foi muito feliz nessa sua expressão.

Olhei-o pela última vez. Os cabelos prateados não modificaram as suas conhecidas feições de asceta, nem a idade, as preocupações e certos desenganos da vida política, o curvaram. Ele é ele, o governante. Tem uma expressão de grande inteligência e é dono dum sorriso belíssimo que — de tão raro — me apanha desprevenida. Pode ser, não duvido, que S. Exa. nas suas funções de Estado seja hermético, sêco, mas, como "host" é um verdadeiro cavalheiro. A raça — diz muitas vezes uma inteligente amiga — não vem da árvore genealógica, nasce com a pessoa. No caso do Doutor Oliveira Salazar é uma grande verdade. Por que não tendo nascido aristocrata porta-se e recebe como se o fôsse.

Esta entrevista não leva comentários próprios. Não por falta de coragem. O medo nunca morou no meu coração. Apenas por sentir que deles nada resultaria de útil. Fiz da minha profissão de jornalista uma bandeira neutral sempre agitada pela brisa forte da esperança e da fé em melhores horas. Estou portanto à vontade para expor o pensamento do meu ilustre entrevistado sem o comentar. Limito-me a dar a impressão da sua figura moral, um tanto misteriosa, e a reproduzir o que lhe ouvi.

— Censuram-me por aquilo a que chamam a minha ditadura e o meu autoritarismo. Mas, creia-me, não sou um ditador. Quanto muito apenas o chefe duma família mais numerosa do que é hábito. — diz, em tom de voz macio.

Mantive firmemente, os olhos, na longínqua linha do horizonte ao ouvir-lhe as últimas palavras. Silenciosamente apertamos as mãos e despedimo-nos com uma curva imperceptível de cabeça. Deixei o sr. Presidente do Conselho de Portugal. S. Exa. ficou com a sua paz e eu trouxe na alma uma agitação invulgar. Obtive, jornalisticamente, um grande triunfo mas, começara a viver um drama: a dificuldade em compreender um homem de tão grande estatura mental e política; um homem para quem a solidão é o paraíso e que faz dela a sua companheira eterna. Confortou-me a certeza de que esta dificuldade ainda acontecerá a muitos outros. Compreender o Professor Salazar nunca foi nem será tarefa fácil. E também S. Exa. não a facilita a ninguém.

LETRAS E ARTES

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

LIVROS E IDEIAS

POEMAS DE DARCY DAMASCENO

NA COLEÇÃO "Poesia Sempre", da Livros de Portugal, acaba de aparecer o livro que reúne poemas de vários tempos do sr. Darcy Damasceno — representante da chamada "Geração de 45" (1). Chama-se "Jogral Caçurro e Outros Poemas" — e já pelo título pode-se surpreender a grande influência que sobre seu autor exerceu a lírica medieval portuguesa e castelhana. O livro compreende as seguintes partes: "Jogral Caçurro" (peças de 1949 a 1953), "Fábula Serena" (de 1947 a 1949), "Canto Menor" (de 1946 a 1949), "A Vida Breve" (de 1949 a 1951), "O Pajem Constante" (de 1950).

"Jogral Caçurro" — que aparentemente enfeixa as mais recentes produções poéticas de DD —, um conjunto de treze poemas, mostra o predomínio do verso popular por excelência, a redondilha maior. São poemas de antigo sabor, onde a influência medievalesca acima afirmada mais se faz sentir. Em "Canção Atrevida" é utilizado o terceto, com a ressonância nos terceiro, sexto, nono, décimo segundo, décimo quinto, décimo oitavo versos; o poema dialogal (tão do gosto espanhol) é empregado em "O Encontro" e em "Sala de Música" (uma peça hermética, em meio a outras cristalinas); "A Dama" — quatro estrofes de sete versos, abababa, bababab três vezes — consagra forma tipicamente tradicionalista, e mesmo uma forma verbal em desuso: *lla*, em lugar de *liga*; "Romance da Gávea Pequena" tem em si qualquer coisa do Lorca de "Romancero Gitano"; "Romance da Fome em Nápoles", como o anterior, repousa sobre um esquema em que uma rima constante apóia, nos versos pares, a variabilidade sônica dos ímpares; "A Esfinge de San Michele" é uma das peças poéticas mais interessantes dessa primeira parte do volume, com o sábio aproveitamento de uma rima (em italiano) de rara oportunidade:

Por encostas de Anacapri,
Que rotas lentas se arrastam
Caminho de San Michele!
E a voz do menino, sério:
— Lá viveva il dottor' Munthe,
Lá cantavano gli ucelli...

"Morrer de Amor" traz o retorno dos versos dialogados; "Romance da Monja", o dos temas medievais:

Ai, senhora, por quem horas
Na torre pensa e suspira
Quem da terra era senhor...

Poeticamente inferior é "Escarninha"; mais interessante é "O Mágico", em quadras; dois poemas em ritmos mais largos, "A Só" e "Coçala", terminam "Jogral Caçurro".

"Fábula Serena" se compõe de nove poemas, os quais por sua vez compõem um único. É uma sucessão de vários ritmos, desde o decassílabo em oposição constante ao verso (raro) de cinco pés, no poema "Côncavo mar, não êste, mas antigo / De brancura azul", aos octossílabos ("Tempo de amar, tempo de amor"), aos hexassílabos ("Vivemos nossa vida"). Alguns belos momentos poéticos, suscitados pela palavra adequada e opulenta:

A essa taça de espumas, a êsse
Violento verde azul natado
Estende a bôca ociosa, peixe
De ouro e coral, ou rorejada

Borda lívida, onde se esquece
Uma rosa breve, talada
Corola em solidão convexa,
Uma asa exausta, desolada.

Em "Canto Menor", doze poemas de várias direções, desde o de sabor medievalista, "Cantiga de Amor", com o refrão *Ai, senhora*, até aos de cunho filosófico ("Para a morte vivemos, e a esperança / É âncora lançada a mar sem fundo"). É, a nosso entender, a parte mais fraca do livro.

"A Vida Breve", espanhol desde o título, encerra peças de alguma beleza, como "Matinal", "Procissão do Entêrro"; pouco inferior é "Epílogo no Parque de Maria Luísa". Em todos os três poemas, nota-se a maleabilidade rítmica dos versos, numa variação que consegue dar mais vida ao assunto.

"O Pajem Constante", afinal, permanece português e medieval — melhor: ibérico e medieval, com alguns poemas de feliz inspiração: o próprio "O Pajem Constante", "Nupcial", "Deslumbramento", etc. É a parte por assim dizer mais livremente romântica do volume, aquela em que o poeta dá livre curso ao seu fundo eminentemente lírico.

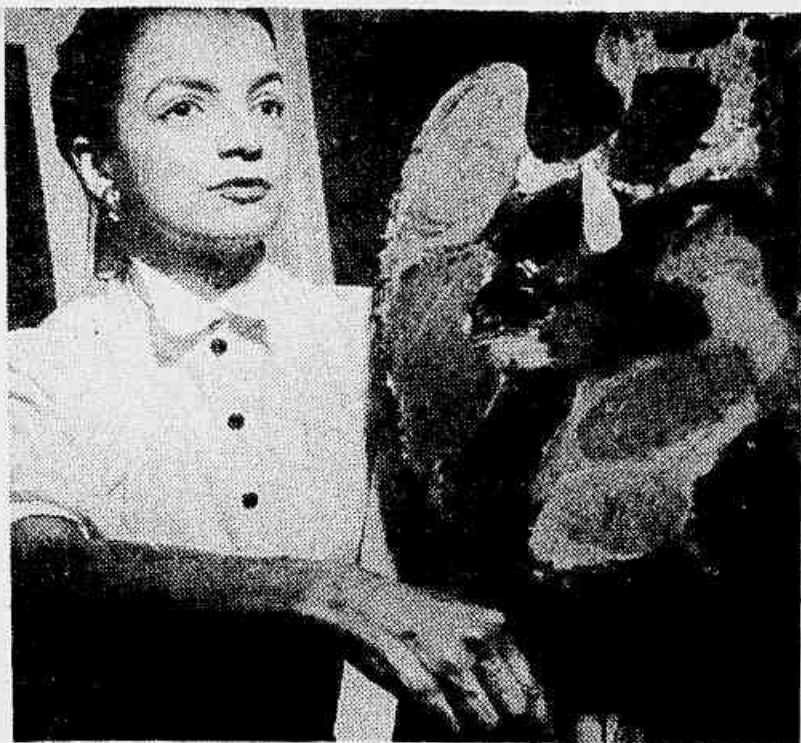
Em resumo: que pensar da poesia de Darcy Damasceno? — Que é uma poesia nutrida nos velhos poetas ibéricos, consagrando não poucas vezes temas medievais (tão caros a todos os românticos) como a antiga amada, a monja recatada, a escarninha, etc.; — temas que consegue ressuscitar, por vezes, mediante certos achados rítmicos, mediante rimas oportunas e va-

riabilidades de andamento ou ressonância; — que tais temas são por vezes substituídos por outros, mais modernos (e então, em linguagem mais hermética), ou por êles entremeados; — afinal, que é notória, em Darcy Damasceno, além dessa ascendência ibero-medieval, a influência de alguns poetas de agora, castelhanos principalmente; a maestria em dominar rimas e ritmos; e também certo desprezo, raro em poetas de hoje, à preocupação de tombar no lugar-comum — que consagra com frequência, e não sem certa graciosidade.

(1) — Darcy Damasceno: "Jogral Caçurro e Outros Poemas". Coleção "Poesia Sempre", sexto volume. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1958. Retrato do Autor, por Vera Tormenta. Ilustrações de Rossini Perez. 126 páginas.

NOTÍCIAS DE ARTE

ALUFÍZIO CARVÃO, Benjamin Silva e Raymundo Nogueira brevemente exporão em São Paulo, na Galeria das Fôlhas. *** Simeão Leal editará um álbum sobre Bruno Giorgi. Texto de Dante Milano. *** Estará chegando ao Rio, dentro de mais alguns dias, o pintor Ivan Serpa, que desiste, assim, do prêmio que lhe foi concedido no VI Salão Nacional de Arte Moderna (viagem à Europa). Motivo da desistência: saúde precária do pintor. *** Prossegue a Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos estudando o novo regulamento dos Salões Nacionais de Arte Moderna. *** Quaglia e Weismann, vencedores do Salão Moderno de 1958, deverão viajar até março de 1959. Quaglia pretende ir primeiro a Portugal, daí seguindo talvez para a Itália e França. Pretende ainda ir a Viena. Wissmann dirige-se à Espanha e Alemanha. *** Realiza-se sob os auspícios da UNESCO, em Brasília e em São Paulo, um Encontro Internacional do Urbanismo e Arquitetura. *** Já seguiu para a Europa, em giro artístico que durará mais de um ano, o gravador Hansen. *** O colunista começou a estudar, com uma equipe de que fazem parte o restaurador Luís Carlos Palmeira e o fotógrafo Hans Mann, a coleção de primitivos flamengos da Sala Jerônimo F. das Neves, da Escola Nacional de Belas Artes. Por incumbência de Paul Coremans, diretor do "Centro National de Recherches Primitifs Flamands", de Bruxelas (Bélgica). Os estudos serão editados, por conta do Ministério da Educação da Bélgica, na série "Corpus de la Peinture Ancienne Flamande aux XVème et XVIème Siècles".



LYGIA CLARK (Galeria das Fôlhas, São Paulo) — A pintura de Lygia Clark deseja ser um **fato do espaço**, como explica Ferreira Gullar. A sua arte é uma pesquisa, ainda. Atitude perfeitamente compreensível e até admirável, numa época, como a em que vivemos, cuja arte se caracteriza justamente pela procura de novos cânones artísticos, de novos caminhos ainda de todo virgens. Isso não quer dizer, porém, que sua experiência estética já se tenha cristalizado num fato concreto. LC pesquisa, e quem pesquisa, quer encontrar algo. O erro é se considerar a busca como se fôra aquilo mesmo que se busca.

LIVROS RECEBIDOS

*** "CONTISTAS BRASILEIROS — CONTEURS BRÉSILIENS" — Seleção de Saldanha Coelho. Tradução de Edouard Bailby. Ilustrações de Sörensen, capa de Orval. Revista Branca. Rio de Janeiro, 1958. 241 páginas.

(Uma antologia de contos de autores brasileiros, em francês — a primeira, no gênero, que se publica entre nós. Autores representados: Almeida Fisher, Breno Accioly, Eduardo Campos, Joel Silveira, José Condé, Lygia Fagundes Teles, Moreira Campos, Murilo Rubião, Saldanha Coelho, Vasconcelos Maia).

*** "RETABULO DO ALFERES-MOR, EPISÓDIO DRAMÁTICO, o qual escreveu Edmundo Lys & editaram os Irmãos Pongetti. A. D., MCLVIII". Rio de Janeiro, 1958. 153 páginas.

(Episódio dramático, em seis quadros e um fecho, com o qual recebeu E.L., em 1957, o "Prêmio Cláudio de Souza", da Academia de Letras, e em 1955, primeiro prêmio em concurso de peças teatrais instituído pelo Ministério da Educação).

*** "INTRODUÇÃO CRÍTICA AO MARXISMO", de Emile Baas. Livraria Agir. Rio de Janeiro, 1958. 179 páginas. Tradução do Padre Fernando Bastos de Ávila, S.J.

(Obra de crítica à doutrina marxista, feita por um cristão. São reflexões críticas, não uma condenação sistemática. Publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Coleção do Instituto de Estudos Políticos e Sociais, de que constitui o sexto tomo).

*** "MISSÃO DE GUERRA", do Ten. Cel. Aviador Luiz F. Perdigão. Biblioteca do Exército Editôra. Rio de Janeiro, 1958. 240 páginas.

(O autor narra as peripécias da Missão Aeronáutica Brasileira, na Itália, durante a última Guerra Mundial: angústias, alegrias, sofrimentos. Palavras finais: "milhares de homens que encontramos, representando povos de milhões de almas, fundidos no ideal comum: paz e liberdade").

*** "A REBELIÃO DAS MINORIAS", de G. Uscatescu. Livraria Clássica Brasileira. Rio de Janeiro, 1958. Tradução de Luiz Santa Cruz. 216 páginas. Coleção "Nova Mentalidade".

(Um estudo sociológico em que a maior importância é dada às elites, às classes dirigentes, às **minorias**. Missão das elites num tempo em que predominam as massas. Reação contra as massas. A capa é significativamente verde...)

*** "ALÉM DO PLANETA SILENCIOSO", de C. S. Lewis. Tradução de M.T.M. e G.R.D. Livraria Clássica Brasileira. Rio de Janeiro, 1958. 207 páginas).

(Science fiction, tão do gosto atual. Subliteratura. As aventuras de um grupo de exploradores do espaço num hipotético planeta silencioso. Gênero derivado das obras de H. G. Wells, Jules Verne e outros).

*** "A CIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA", de Alfred Adler. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. Companhia Editora Nacional. 4.^a edição. São Paulo, 1957. 274 páginas.

(Uma das obras clássicas do grande psicólogo, introdução (ao alcance de todos) ao estudo da mente humana em seus inúmeros aspectos e comportamentos).

*** "TEMPOS E COISAS", de Carlos Fernando Fortes de Almeida. Livraria São José. Rio de Janeiro, 1958. 75 páginas.

(Primeiro livro de poemas de um jovem autor. Prefácio explicativo de Antônio Houaiss. Capa (bela) de Dacosta. Bom aspecto material. Poemas de certo interesse, e de grande contenção formal. Economia vocabular digna de elogios.)

CRÔNICA DAS EXPOSIÇÕES

RICARDO DE CASTDO COSTA (Maison de France, desde 1.^o de outubro) — Com menos de dezesseis anos, Ricardo de Castro Costa pratica uma arte muito longe da que se costuma fazer em tal idade. É um artista que nada tem de juvenil, mas que procura, já, soluções próprias da maturidade. Seus professores, Edson Motta e Franck Schaeffer, vêm lhe apontando os caminhos a seguir. E o que se nota, em sua pintura, é, até certo ponto, a influência do último. Tal influência pode de resto tornar-se perigosa, se não fôr limitada: há obras de Ricardo de Castro Costa que recordam demasiadamente a maneira de pintar de Schaeffer. Contudo, em sua idade a influência do professor é compreensível. Naturalmente, ela passará com mais idade, pois o jovem pintor decerto irá encontrar-se nos próximos anos. Por ora, o que seduz em sua arte é esse predomínio dos elementos plásticos sobre os literários. Mais: sua pintura é quase unicamente cômica, não desenho colorido. Se em seus quadros reconhecemos os objetos do mundo objetivo, real, vemo-los transformados em motivos plásticos, aproveitados (e sãbiamente) como material de pintura, e não meramente reproduzidos sobre um plano bidimensional. Não é a arte de RCC, sob tal ângulo, imitativa — mas, quando muito, recriadora. RCC não abandona a tradição: filia-se a ela, continua-a, prolongando-a. Não é porém um tradicionalista, no sentido comum do vocábulo, e sim alguém que, talvez sem pressenti-lo sequer, apreendeu as lições de velhos mestres do passado (lembramo-nos principalmente de Caravaggio e dos artistas barrocos), e ora as reatualiza, sob um vocabulário e numa dimensão inteiramente novos.

COLETIVA DO ARCO (Galeria Gea, de 1 a 5 de outubro) — Pequeno salão dos associados da nova entidade dos artistas plásticos brasileiros, a ARCO: Associação Artistas Plásticos Contemporâneos. As obras foram vendidas por preços de ocasião, o dinheiro assim apurado revertendo para a tesouraria da instituição.

DJANIRA (Galeria das Fôlhas de São Paulo) — Após a exposição de Lygia Clark (pintura), Lothar Charoux (desenho) e Franz Josef Weismann (escultura), apresenta-se na Galeria das Fôlhas de São Paulo a pintora Djanira da Motta e Silva — sem porém concorrer ao Prêmio Leirner. A mesma Retrospectiva na tempos apresentada no MAM, diminuída contudo de algumas obras, devido às dimensões da galeria paulista.

OS GALHOS DO CÉU

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

RESUMO: A viúva Nabira escreve para o Líbano, convidando a sua neta Yasmine a visitar o Brasil. Na verdade, o que ela deseja é casar o neto — Sérgio, com a moça. Chega, finalmente, a bela e jovem libanesa à cidade de São Luís; mas, para desespero de Nabira, não lhe dá Sérgio a menor atenção...

DOIS MESES VOARAM A JATO. Nabira assustava-me. Afinal de contas, teria de arrastar a carcassa pela Europa cumprindo a promessa feita à neta na certeza de não precisar pagá-la? Aparentemente nada havia entre Jasmina e Sérgio. Ele continuava sustentando a tal Maria, sempre notívago, sempre boêmio. Jasmina também não lhe tinha nenhuma ternura especial. Parecia mesmo muito mais meiga para os outros primos.

Estudava português horas a fio com uma filha de sírios, professora normal. A família espantava-se de sua facilidade em aprender. Ela explicava que isso ocorria porque falava francês muito bem e os dois idiomas se assemelhavam.

— Nada, diziam os parentes — é porque você é inteligente pra chuchu.

Jasmina encantava-se com as gírias. Essa do chuchu a divertia imenso. O que tinham a haver, a abundância e um legumezinho insípido? Se alguém se lembrasse de estudar as origens das gírias internacionais, descobriria histórias muito engraçadas.

Afinal, as aulas eram ininterruptas pois a cada instante os parentes lhe ensinavam novos vocábulos ou a corrigiam. Com exceção da avó, conversavam com ela em português o que era um alívio para Sérgio. Ele se sentia ridículo tentando expressar-se em francês. Irritava-o, sem definir por que, a vivacidade de Jasmina. Esperava-a retrógrada e jeca, aparecera-lhe uma mulher esperta, dona de certa cultura. Uma vez danou-se porque a jovem ao fazer uma complicada citação de Shopenhauer, calou-se de súbito, com ar de não achar a assistência à altura de sua idéia. Pela primeira vez na vida ele lamentou não ter cultivado melhor o espírito. Gostaria de falar corretamente francês e inglês e de impressioná-la com profundos conhecimentos. Passou a comprar livros e livros e a chegar mais cedo da casa de Maria para lê-los. Infelizmente, achava-os monótonos.

Nunca a família se divertira tanto. Sandra e Fátima levavam constantemente Jasmina às festinhas dos clubes locais. Ela era cotadíssima, dançando a noite inteira. Um sábado Sérgio juntara-se ao grupo que a levaria a uma das noites do Cassino Maranhense. Jasmina não deixou de dançar uma vez o que em S. Luís, era a prova máxima da cotação de uma garôta. Ele só a convidou para arrastar o pé, quase no fim da festa, murmurando-lhe irônicamente ao ouvido:

— A Sultana do Líbano está fascinando os homens do Maranhão. As moças da cidade devem estar loucas para você ir embora.



EDRO

NOVELA — VIII



LUIZ CANABRAVA

Jasmina riu e não fez comentários. Pensava aproveitar o máximo possível, a inédita oportunidade de estar nos braços de Sérgio, nessa primeira ocasião em que seus corpos se tocavam com intimidade. Fêz-se dócil ao ritmo da música e aos movimentos do primo. Sua mão prêsa na dele, de quando em quando mexia-se lentamente. A outra, repousando-lhe nas largas costas, fêz-lhe duas carícias como se involuntárias. Depois ela virou a face de repente, parecendo querer ver qualquer coisa a chamar-lhe a atenção no extremo da sala e seus lábios quase tocaram os dele. Os cílios espessos pincelaram o rosto escanhado.

Praticando tais artimanhas, Jasmina sentiu um gôzo inesperado. Seria motivado somente pela excitação da conquista?

Sérgio surpreendeu-se com a onda de desejo que o avassalou. Nunca sentira tal coisa, dançando com uma "garôta direita". Era raro freqüentar a sociedade e quando, ocasionalmente, convidava "meninas de família" para dançar, achava-as tímidas, enjoadas, mortas. As vezes, ele mesmo se perguntava se não possuía o sexo no coração. A primeira coisa que apreciava numa mulher era a manifestação sutil de sua maior ou menor sensualidade. A menina que infelicitara desiludira-o e desde então, ligara-se sucessivamente a verdadeiras "experts" do amor.

Jasmina tinha os modos distintos, os gestos comedidos, parecendo fria e controlada. Mas, seus olhos eram ardentes, a boca polpuda e apetitosa. Perturbou-se muito dançando com ela. Sua vida parecia concentrada no braço que lhe enlaçava a cintura fina.

Jasmina comentou:

— Você dance bien... Sarkis.

Em resposta ele apertou-a violentamente, a ponto de atrapalharem-se os passos de ambos, encarando-a num desafio. Jasmina com absoluta calma, esquivou-se:

— Dançar assi, c'est pour les na-mourra-dos. Si on fait comme ça, Sandra e Fátima diz vovó, vovó quer nos casarr já. Attention, Sarkis!

Sérgio aborreceu-se. Jasmina não se emocionara nem um pouco com seu gesto de interesse. Ela nunca lhe ligara o mínimo, apesar de lhe haver sido destinada há muitos anos.

Afrouxou o abraço e disse-lhe pretendendo caçoar:

— Queria ver se você era de carne ou de gelo.

— Agorra eu ser de gelo mas un jour, un homme me faira fondre.

Felizmente a música parou e Sérgio conduziu-a à mesa, jurando que nunca mais dançariam juntos. Oscar convidou-a imediatamente para a próxima dança, "antes de algum aventureiro lançar mão dela".

Sérgio sentia-se estupidamente irritado. Incomodava-o o calor horrível, a desafinação da orquestra, a monotonia do ambiente, eternamente igual: as mesmas caras, o mesmo garção desajeitado, servindo-o mal. De tudo porém irritava-o mais, o rosto contente de Jasmina, parecendo encantada em dançar com Oscar.

Acendeu um cigarro num gesto de raiva: "uma droga, vó Nabira mandar buscar essa menina para o Maranhão. A velha tem uma força de vontade tão danada que até parece que anda me hipnotizando para eu gostar dela. Agora tive vontade de beijá-la muito, de apertá-la até dar um grito. Que boca ela tem! As vezes parece caçoar de mim, rir às minhas custas... Oscar e Lino fazem tudo que ela quer, os bobocas. O bêta do Oscar disse que se ela topasse com ele, nem queria mais estudar medicina. Casava logo. E a minha ilustre prima falou que não se casava em S. Luís, mesmo se gostasse dele. Não pode esquecer o Líbano! É muito importante para o Maranhão. E a idiota nasceu numa aldeiazinha vinte vezes menor do que S. Luís. Imagina — "agorra eu ser de gelo mas un jour, un homme me faira fondre..." Se eu quisesse fundia, derretia ela toda..."

Nesse ponto dos seus pensamentos Sérgio assustou-se com a súbita certeza de não ter coragem de meter-se com Jasmina no intuito de fundi-la. Se quisesse salvar-se do ridículo de um casamento com a prima importada do Líbano, pela avó que determinara uni-los, devia precaver-se quanto antes, procurando furtar-se o máximo possível à fascinação da menina de cabelos cêr-de-mel. Pior era a hipótese de que, mesmo decidindo-se a casar, Jasmina não o desejasse para marido.

A constatação do seu temor em apaixonar-se irremediavelmente, enfureceu-o.

Oscar e ela voltaram à mesa. Jasmina fêz uma careta a Sérgio, significando achá-lo com cara de poucos amigos. Oscar perguntou se Sandra e o marido ainda não haviam parado de sambar. Comentou sorrindo o fato de a irmã e do cunhado viverem em eterna lua-de-mel:

— Você vê, Sérgio, aqueles dois me fazem invejar os encantos do casamento.

— É, mas é bom arrancá-los do mundo da lua para irmos para casa. Já cansei dessa cacetada.

— Vou chamá-los, sim. Amanhã tem praia. Jasmina adora o Olho d'Água e quer ir todos os domingos.

Chamaram o "casal feliz" como Sérgio os apelidara, pagaram as contas e saíram. No automóvel Sandra falou a Jasmina a respeito dos clubes Sírio-Libanês do Brasil:

— Sabe, Jasmina, uma das poucas capitais que não têm um bom clube social Sírio-Libanês é S. Luís. Nós tínhamos um até bonzinho mas foi se anarquizando. Hoje em dia não dá mais festas nem nada. Só tem jôgo. Os nossos clubes no Rio e em S. Paulo é que são luxuosíssimos. Os de S. Paulo então, nem se fala! São de um luxo, de uma beleza! Freqüentados quase só pela colônia...

Oscar interrompeu-a:

— Também, a colônia em S. Paulo é riquíssima. Bateu a italiana. Os clubes são mesmo maravilhosos. Tem não sei quantos. As moças luxam como que, cada qual querendo brilhar mais do que a outra. Agora a colônia paulista está construindo uma Igreja Ortodoxa que vai ficar uma maravilha. Os ricos contribuem com donativos formidáveis. Há pouco tempo eu li no "O Oriente" que uma senhora deu uma fortuna em mármore de Carrara para a construção do altar-mor.

Jasmina inquireu porque a família, tendo tanto prestígio na cidade, não reerguia o antigo Clube Sírio-Libanês.

Sérgio respondeu-lhe não valer a pena. A colônia local não era suficientemente grande para movimentar uma sede social. Depois, havia tão grande cordialidade entre os árabes e maranhenses, tanta adaptação, que se harmonizavam numa só sociedade. Quis provocá-la:

— Aposto que com um ricoço de S. Paulo você não se incomodaria de casar, para viver lá. É uma cidade enorme, formidável, nada monótona como S. Luís. Lá você brilharia, divertindo-se à vontade. Casar aqui, só com muito amor, não minha prima?

Notou que Jasmina se constrangeu, respondendo-lhe possuir suficiente espírito de adaptação para viver bem e ser feliz em qualquer lugar. Constrangeu-se na certa, por estar em presença de Oscar, cujo pedido de casamento recusara com a desculpa de desejar voltar ao Líbano. Sérgio aborreceu-se, chegando à conclusão de que após dois meses de convivência com Jasmina, não conseguira definir sua personalidade nem adivinhar suas idéias e seus planos. Havia qualquer coisa velada e misteriosa nas contraditórias atitudes da moça. Afirmara a Oscar a inabalável vontade de regressar à pátria e acabava de dizer em presença do mesmo Oscar que em qualquer lugar seria feliz...

O jovem primo fitou-a radiante como se esperançado de que começasse a se apegar ao Maranhão.

"Estúpido, Sérgio pensou. Esse boboca não seria nunca homem para ela. Seria um boneco em suas mãos..."

Sandra determinou, quando acabou a festa, que deixariam Jasmina no sobradão; depois Sérgio e Oscar a levariam e ao marido, casa. Não ficaria bem a prima atravessar os corredores e subir a escadaria do sobrado, com dois rapazes solteiros, em plena madrugada.

Jasmina estourou numa gargalhada quando compreendeu bem a proposta de Sandra supermoralista. "Deus! Oscar e Sérgio não eram rapazes quaisquer, eram seus primos!"

Sandra insistiu:

— Vovó Nabira é muito rigorosa nisso. Ela me pediu para subir com Jasmina, mas eu não quero ir a pé de lá até em casa. É mais prático como falei. Não custa nada Sérgio nos levar e voltar de novo.

Sérgio revoltou-se contra a idéia bôba:

— Vovó Nabira não é o Papa. Eu é que não quero ir e voltar sem necessidade alguma. Você pensa que Oscar e eu iríamos atacar Jasmina no corredor? Estas besteiras me danam.

Sandra chocou-se enormemente com a crueza da resposta:

Quando à hora da sesta "cochilava" numa cadeira



— Sérgio! Como você tem coragem de dizer isso? Estava só querendo cumprir as ordens de vovó.

— Vovó manda mais na família do que o Papa na Santa Sé. Isso é tolice de gente velha. Deixo logo vocês para cortar caminho. Jasmim do Cabo, você tem medo dos seus primos bandidos?

Ela apenas riu prazenteiramente.

Sandra e o marido saltaram, meio aborrecidos.

Depois, em casa, os três subiram juntos e risonhos a grande escadaria do sobrado. Sérgio convidou:

— Vamos fazer uma visitinha à velha?

Entraram, pé ante pé, no grande quarto em que a rede de Nabira punha uma nódoa clara. Nabira ressonava em ritmo lento, o rosto vagamente iluminado pela claridade vinda da rua. Os três netos a miraram com ternura. Seu rosto relaxado no sono, tinha alguma coisa de infantil. Sérgio comentou com emoção:

— Essa velhinha é gozada, é um amor!

Saíram também, pé ante pé. Ao se despedirem, Sérgio fingiu que ia atirar-se sobre Jasmim, para beijá-la. Riram à bandeiras despregadas, esforçando-se por não fazer muito barulho.

Jasmim acomodou-se gostosamente na cama macia, sentindo-se feliz. Fôra uma delícia dançar com Sérgio. Contra a própria vontade, êle a atraía, possuindo a fascinação de um animal egoísta, inconsequente, alegre... Cultura não lhe fazia falta porque, em compensação, tinha uma inteligência aguda e um senso poético impressionante. Senso da poesia humana! Se escrevesse não seria nunca sobre o luar e as estrelas, o céu de outono ou a pétala fanada. Rimaria seus versos em louvor de um riso de criança, dos olhos de um mendigo, da serena fisionomia da avó Nabira dormindo...

Jasmim espreguiçou-se radiante. "Êle a apertara com violento desejo nos braços fortes. Não lhe era indiferente como até então imaginara. De que a desejava não tinha a menor dúvida, só faltava transformar-lhe o desejo de irreverente que era, em romântico e apaixonado". E a jovem sorriu divertida: "Não fôra sem resultados que empregara os golpes femininos, aprendidos

depressa e por instinto. Quando se espreguiçava, marcando os seios bonitos em suas roupas matinais, antes de sentar-se à mesa do café, era um truque... Quando fingia interessar-me mais em Lino e Oscar do que nêle, era um truque... Quando à hora da sesta "cochilava" numa cadeira preguiçosa, exatamente na varanda pela qual êle passaria para sair, deixando as mãos abandonadas sobre os seios, os lábios entre-abertos, os cílios negros sombreando-lhe o rosto, era um truque... Quando demonstrava considerá-lo infantil e vaidoso, era um truque... E, todos êles juntos, renderam-lhe, embora parcialmente, ainda o rebelde Sarkis."

Quem pode com uma mulher determinada?

Dormiu feliz, ignorando que nos duelos amorosos as armas são infalivelmente de dois gumes. No que promovera para divertir-se, cruzar-se-iam a lâmina reta que era Sérgio, espontâneo e sincero e ela, cimitarra traiçoeira, arma extremamente perigosa por ser curva como curva é a lábia da mulher.

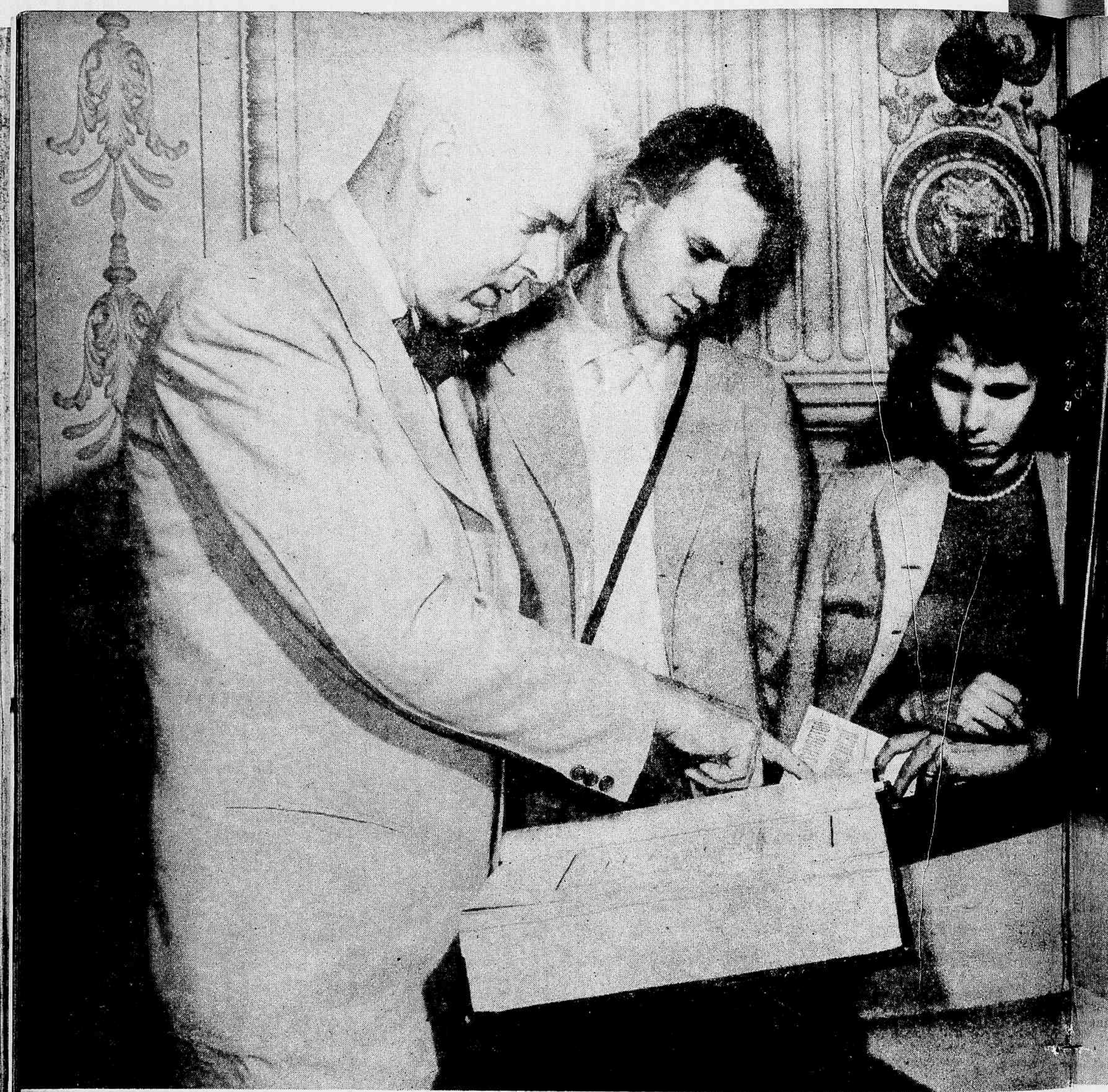
Êle também custou a dormir, o que raramente acontecia, indignado com a própria moleza em se deixar envolver, contra a vontade, pelo "charme" de Jasmim. Precisava reagir, tomar enérgicas providências... De repente o riso amoleceu-lhe os traços endurecidos pela ira. No dia seguinte tomaria uma atitude drástica, para pôr que Jasmim do Cabo não era nada em sua vida e que a danada da avó não ganharia a batalha de vê-lo apaixonado pela neta importada.

Oscar adormeceu contente, achando existir uma esperança naquilo que Jasmim dissera...

A noite rasgava-se em madrugada. O sobradão secular, cheio de fantasmas do passado, onde dormiam pacificamente os fantasmas do futuro, estava silencioso e quieto, indiferente ao destino dos seus moradores.

(Continua)

preguiçosa, os lábios entreabertos - era um truque...



UMA BÍBLIA FAMOSA — o orientador da Biblioteca do Congresso, em Washington, exhibe aos visitantes a Bíblia que pertenceu a George Washington.

A LITERATURA é, no indivíduo, o reflexo da alma de um homem e, em geral, o reflexo da alma de um povo, é o traço de união entre o homem e a sociedade, é a expressão artística por meio da palavra, é a relação entre os homens e os povos, entre as raças e o tempo. Portanto, a literatura é um dos elementos que melhor permitem fazer um estudo da história humana, pois é na literatura e através dela que vamos encontrar as mais profundas essências de cada instante do passado.

É claro que não vamos nos aprofundar no estudo da literatura propriamente dita. Nossa intenção é trazer para os leitores o lado curioso, o lado pitoresco e humorístico dessa arte.

OS AUTORES MAIS TRADUZIDOS

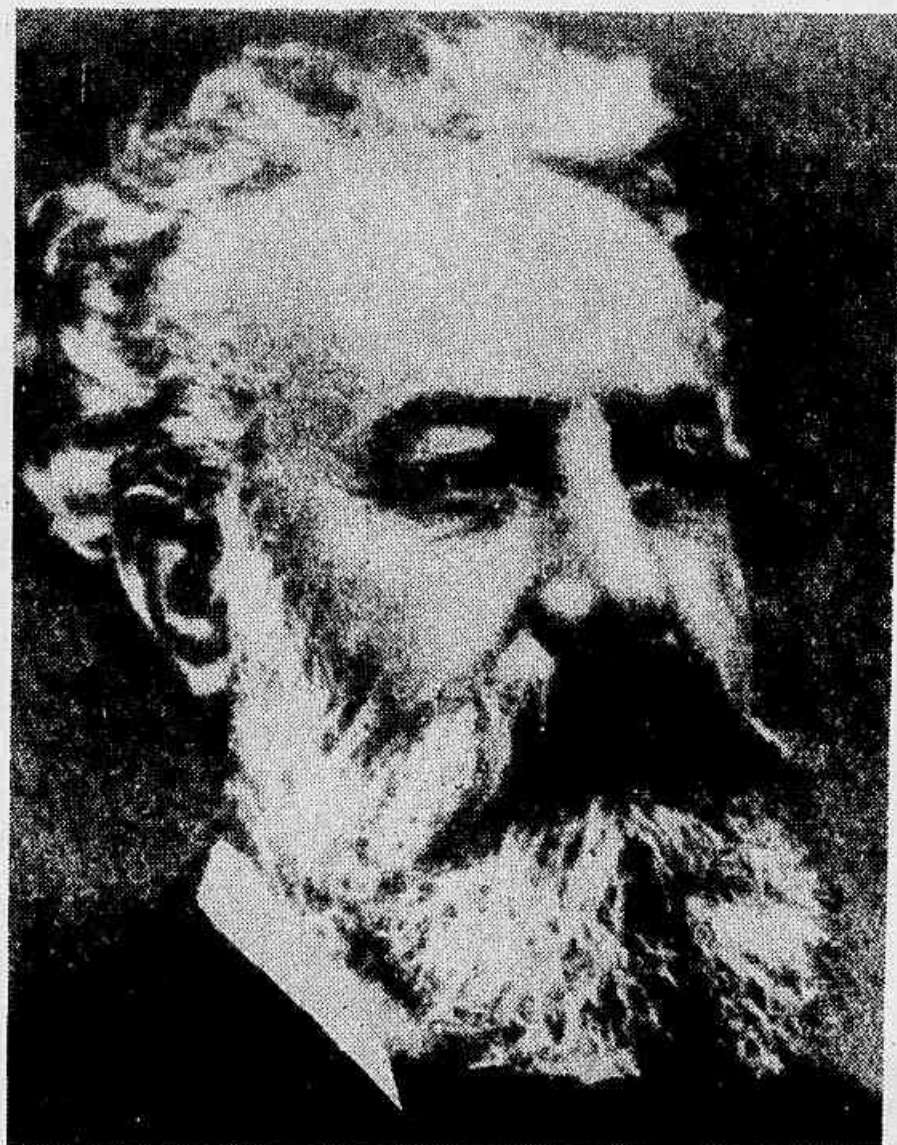
Segundo o "Index Translationum" publicado recentemente pela UNESCO, 27 617 obras foram traduzidas durante o ano que passou para as 197 línguas faladas no mundo. Dentre os autores mais traduzidos, Lenine encabeça a lista com 313 traduções. A seguir, Jules Verne com 143; Leon Tolstoi aparece em terceiro com 134 obras; Maximo Gorki figura em 4.º lugar com 107 obras. Para encerrar a lista dos "cinco mais", encontramos Mickey Spillance com 104.

Dentre os países que mais traduziram, a União Soviética figura

A COMÉDIA HUMANA

A PROPÓSITO DE... LITERATURA

CARLOS A. NASCIMENTO



Entre os autores mais traduzidos do mundo, Lenin encabeça a lista: 313 traduções.



Jules Verne, cada vez mais atual: 143 traduções para todo o mundo, apenas o ano passado.

em primeiro lugar com 4 648 obras. A seguir vem a Alemanha, com 2 152, a Itália, 1 428, a França, 1 389, a Tchecoslováquia, 1 386, a Turquia, 1 365 e o Japão, 1 336 para só falarmos nos 7 primeiros colocados.

Dos autores orientais os mais traduzidos são Lin Yutang, o primeiro ministro da China Comunista Mao Tse-Tung e o primeiro ministro da Índia Jawaharlal Nehru.

UMA "FÁBRICA" DE LIVROS

A maior editôra do mundo fica na União Soviética. Trata-se da Dietgiz que produziu no ano passado 104 milhões de livros

imprimindo 550 obras nacionais e estrangeiras, segundo informação da UNESCO. A Dietgiz, que foi fundada em 1930 por Maximo Gorki, produz exclusivamente livros infantis, os quais são ilustrados por equipe de 300 desenhistas. Existem ainda 250 tradutores para verterem as obras para os 70 idiomas falados na URSS.

LITERATURA EM TERMOS DE DIMENSÃO

Robert Ruark, o autor do livro "Something of Value", cuja versão cinematográfica foi exibida no Brasil sob o título de "Sangue Sobre a Terra", encerra uma verdadeira história. Jornalista, romancista

e contista dos mais conhecidos nos EE.UU., Ruark levou dois anos escrevendo a obra. O autor conta que escreveu o livro 5 vezes e que só a primeira página foi reescrita 78 vezes. Durante os 24 meses de seu trabalho Ruark grafou 1 500 000 (um milhão e quinhentas mil) palavras cujo manuscrito, quando empilhado, mediu 2 metros e 70 centímetros, pois ali estavam 24 741 páginas escritas. Continuando a narrativa sobre seu "tour de force", Ruark conta que as últimas 100 mil palavras ele as escreveu em 200 horas. No último dia de seu trabalho, o autor informa que grafou 10 mil palavras numa tarde, isto é, do meio-dia às 7 horas. Vale mencionar que uma datilógrafa efficientíssima levaria 14 horas (considerando-se que uma datilógrafa inglesa ou americana bate 160 palavras por minuto) para escrever o que Ruark imaginou, redigiu e datilografou. Vale notar que durante esses dois anos Ruark escreveu 65 contos, escreveu sua coluna diária de jornal e ainda teve tempo para fazer duas viagens ao exterior. O esforço de Ruark, porém, foi bem recompensado: os direitos cinematográficos da obra lhe renderam cerca de 35 milhões de cruzeiros.

RARIDADES DA LITERATURA PORNOGRÁFICA

Ralph Ginzburg acaba de lançar um livro nos EE.UU. intitulado "An Unhurried View of Erotica" (Uma Análise Ponderada Sobre a Literatura Erótica). Seu livro consiste de 128 páginas de surpresas e curiosidades. Pela obra de Ginzburg, viemos saber que as maiores coleções de obras pornográficas encontram-se na Biblioteca do Vaticano e na Biblioteca do Congresso, em Washington. Prosseguindo nas suas revelações estarrecedoras, Ginzburg informa que Benjamin Franklin, uma das maiores personalidades da história política norte-americana escreveu uma carta endereçada à Academia Real de Bruxelas, cujo texto o autor reproduz na íntegra, não poderia ser transcrito aqui por motivos óbvios. O livro, que foi prefaciado pelo escritor George Jean Nathan, uma das maiores figuras do catolicismo estadunidense, revela ainda que o clássico da pornografia — "Only a Boy" (Sómente um Rapaz) — até então considerado anônimo foi, na realidade, escrito por uma das maiores autoridades da poesia pura — o poeta Eugene Field.

UM POVO ISOLADO DO MUNDO

Quem já ouviu falar no idioma "oriya"? Se o leitor não sabe, esclarecemos que se trata de uma língua falada pelo povo de Orissa. Se o leitor também não sabe onde fica Orissa, informamos que é uma região situada no Nordeste da Índia. Portanto é muito natural que esse povo viva isolado do mundo, pois tal povo nunca lera livro algum de outra raça, ignorando completamente o que existia no resto do mundo; desconhecendo os costumes e os hábitos de seus semelhantes, os orissas jamais saíram de seu pequeno mundo. Agora, um escritor apareceu disposto a enfrentar uma tarefa gigantesca: traduzir para o idioma "oriya" 9 das obras mais representativas da literatura mundial. O herói chama-se Prafulla Chandra Das.

A CIÊNCIA A SERVIÇO DA LITERATURA

Vejam só o que é o progresso da ciência. As obras do maior filósofo da igreja — Santo Tomás de Aquino — estão sendo analisadas (texto e estilo) por uma máquina eletrônica fabricada pela IBM. As 13 milhões de palavras (em seus empregos mais diversos) que constituem as obras tomasinas, estão sendo catalogadas pela máquina num trabalho que custaria 40 anos de labor intenso a 50 filólogos.

EPISTOLOGRAFIA IMPERIAL

Foi vendida em leilão a coleção de 8 mil cartas e bilhetes escritos pela segunda esposa de Napoleão, a Imperatriz Maria Luíza. Entre as raridades da coleção destacamos as 119 cartas endereçadas a seu filho, o Duque de Reichsdau e as 800 cartas dirigidas ao Imperador Francisco I. O acervo, que constitui valiosa documentação sobre a vida política e cultural da Áustria e da Itália no período de 1808 a 1841, foi adquirido pela firma de antiquários de Munique "Karl und Faber".



A imperatriz Maria Luíza teve sua imensa correspondência vendida em leilão por uma fortuna. Arrebatou-a uma firma de antiquários de Munique.

A ARTE DE ESCREVER TÍTULOS QUILOMÉTRICOS

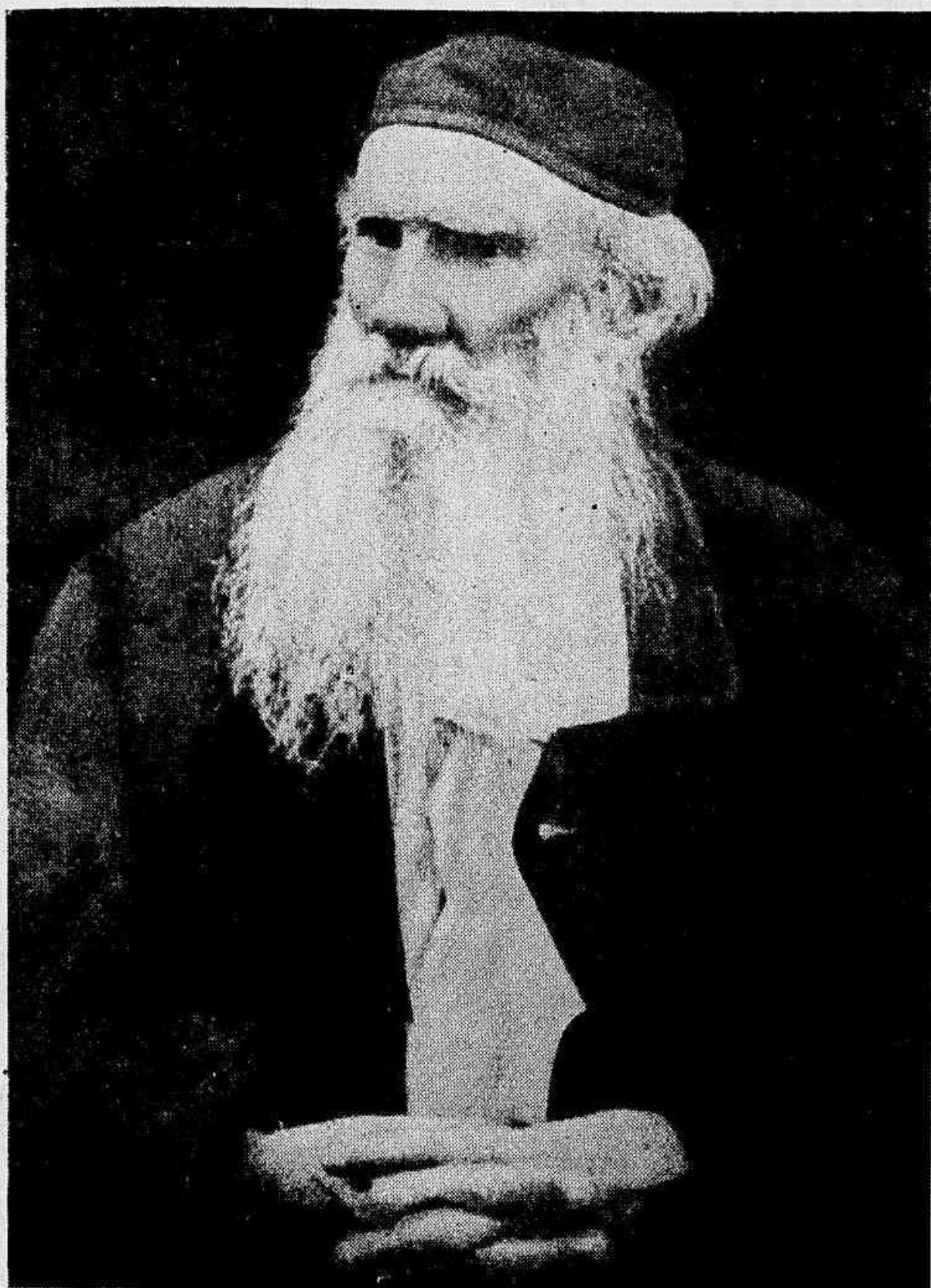
Existe um escritor norte-americano que se celebrou por dar a seus livros títulos quilométricos. Trata-se de Robert Paul Smith, o autor de "Where Did You Go? Ou; What Did You Do? Nothing" (Onde Você Foi? Sai; Que Você Fêz? Nada). Pois bem, agora o nosso herói sai-se com outra obra intitulada: "How To Do Nothing With Nobody All By Yourself" (Como Não Fazer Nada Com Ninguém). E depois de tudo isto o autor ainda aconselha a não se fazer nada com ninguém!

UMA ESCRITORA E 3 MARIDOS

Alma Mahler escreveu uma biografia intitulada "Memories of a Lifetime" (As Memórias de Uma Vida). Até aqui nada demais. Acontece, porém, que Alma conta em seu livro a influência que tiveram em sua vida 4 artistas dos mais variados ramos; seu pai, o pintor da corte austro-húngara Emil Schindler, seu primeiro marido, o arquiteto Walter Gropius, seu segundo marido, o compositor Gustav Mahler e, encerrando, seu terceiro esposo, o teatrólogo Franz Werfel.

UM LIVRO TRICOLOR

Nem toda juventude é transviada. Luís Alberto Gismondi Lavrador é um jovem de 19 anos que leva a literatura a sério. Nascido no Distrito Federal, Lavrador já escreveu numerosos contos e uma obra intitulada "Conflitos de Alberto", um livro de poesias extremamente difícil de ser interpretado por seu caráter sintético. Lavrador desdobra-se agora em novo gênero literário (aliás mais interessante), editando "O Escravo do Mar". A obra enfeixa três quadrantes da vida carioca: o bairro, o mar, o jardim. A vida noturna do bairro funciona como intróito da história pró-



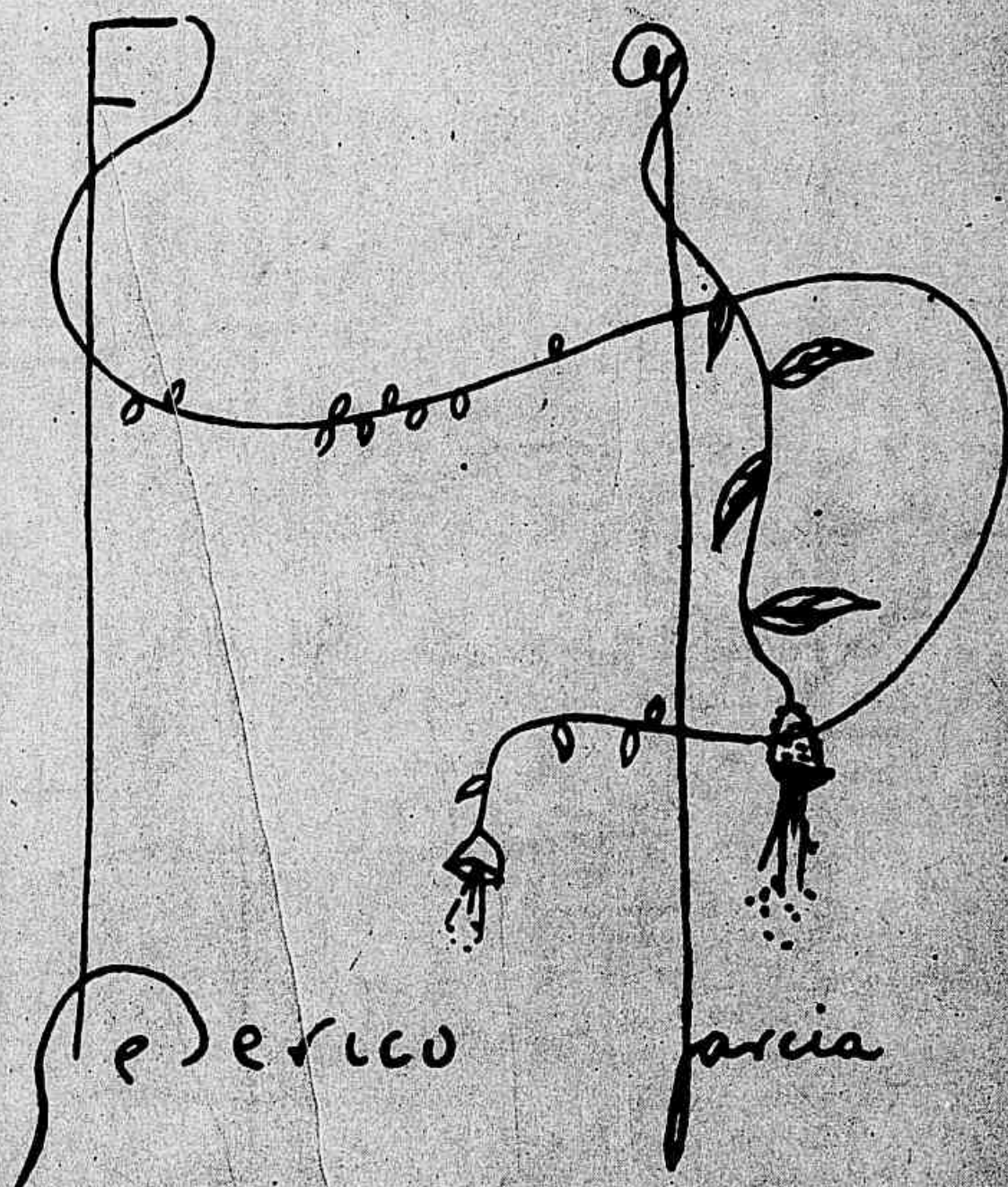
Pelas estatísticas, foi a russa a literatura mais traduzida. E, no cômputo mundial, o genial Tolstoi figura num expressivo terceiro lugar.

priamente dita, numa espécie de acondicionamento moral da fantasia. Lento e borrascoso nesse princípio, o cenário vai se movimentando em larga promiscuidade entre seres racionais desconhecidos. O enredo se esboça patético através da tímida experiência de um místico-mirim, que resistindo moralmente ao peso da juventude deflagrada, é manietado e escarnecido. Depois sobe violentamente, descambando para o sobrenatural. Em meio ao delírio entrevista um fantástico duende das águas, monstro de coração aveludado, que reproduz perfeitamente o símbolo do enjeitado social. Face a face com esse colosso, acompanhamos o jovem vagando por regiões abissais que nada mais são do que civilizações superpostas suspensas cronologicamente. A seguir, Florinha, o acetinado ente dos jardins, transporta-nos do ruidoso labirinto de Netuno ao verde remanso de seu vale de gnomos imortais. A visão gnóstica compara-se ao "Alice no País das Maravilhas".

A fábula de Luiz Lavrador está vincada por sulcos profundo de realidade, mescladas com tiradas da mitologia brava.

O BRASIL ENTRE OS MAIORES FREGUESES DA LITERATURA JAPONÊSA

Segundo informação do Ministério da Fazenda do Japão, o Brasil é o segundo maior freguês da literatura japonesa. O maior consumidor de livros do Japão é a China, aparecendo em terceiro lugar os EE.UU., Coréia, Austrália e Formosa completam a lista dos 6 primeiros colocados. Segundo ainda aquele organismo financeiro nipônico, a literatura é uma das maiores fontes de renda do país, superando sua gigantesca indústria cinematográfica (segunda no mundo) em potencial financeiro. O Japão é o terceiro país do mundo em produção literária. Seus escritores produziram no ano passado 17 306 obras, perdendo apenas para a União Soviética (35 712) e Grã-Bretanha (19 188).



AUTÓGRAFOS CURIOSOS — Eis aqui dois dos mais curiosos autógrafos do teatrólogo Federico Garcia Lorca.

A Magalhães, Junho 1935





★ MICHELE LAMBERT

Tailleur com decote em "v", quatro botões, cintura alta, conforme em moda, bôlso muito alto no busto do lado esquerdo.



★ CLAUDE PETIT

Chemisier em jérsei "chiné" azul-claro, mangas quimono, gola oficial com pequeno laço. Saia ampla.

★ CLAUDE RIVIÈRE

Duas-peças de alpaca bordada de piquê branco. Casaquinho drapeado em "v" na cintura, saia reta.

★ PIERRE CLARENCE

Para realçar um conjunto de blusa e saia, enfeites de gola e punhos em piquê branco com "pois" marrom.

FEMININAS

Sugestões variadas





SAIBA ESCOLHER O SEU MAIÔ

VOCÊS TÓDAS NOTARAM a impressão bizarra que se tem ao vestir um maiô pela primeira vez

Se quiserem sentir-se mais confiantes, existe um meio bem simples: abandonem um pouco a areia pela água. Aprendam a nadar bem e a bem mergulhar: se sentirem-se "olhadas", saberão que é pela harmonia do crawl. Mas, atenção, não exagerem no sentido contrário e não assumam também uma demasiada segurança. Vocês estão numa praia e não em uma cena.

O segundo meio de imprimir uma auto-confiança consiste em usar uma roupa de banho na qual vocês se sintam bem à vontade porque ela lhes vai bem. Ora, eu fui passear pela seção "natação" de diversas grandes lojas; e ouvi as jovens compradoras. Cinquenta por cento dentre elas escolhem o seu maiô sem a preocupação de saber se o mesmo lhes corrigirá ou aumentará os defeitos. É um erro: não esqueçam as suas silhuetas, nem o país onde vão...

◆ **Se você quelma lentamente:** não use maiô branco ou côr-de-pastel.

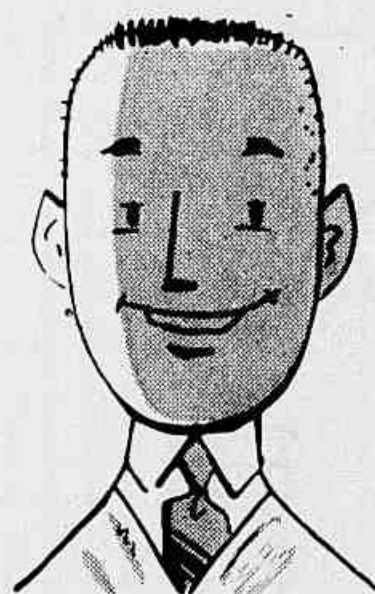
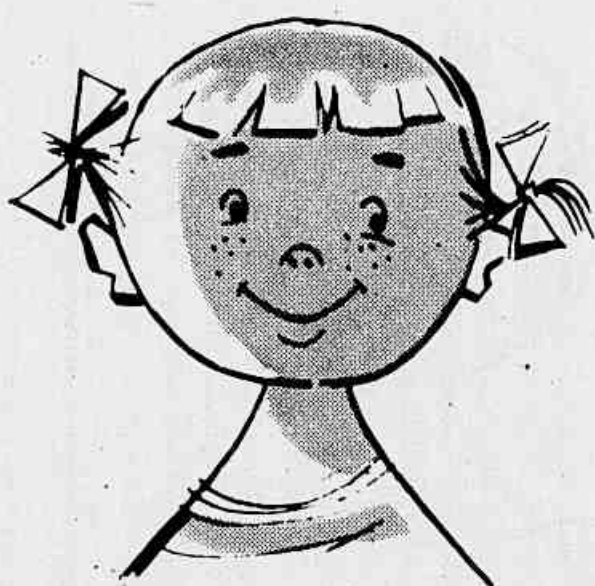
◆ **Se é um pouco forte:** o maiô liso, uma peça com saíote. Afina a silhueta.

◆ **Se você é magra:** o maiô em látex escuro ou o maiô "barboteuse". Ele favorecerá.

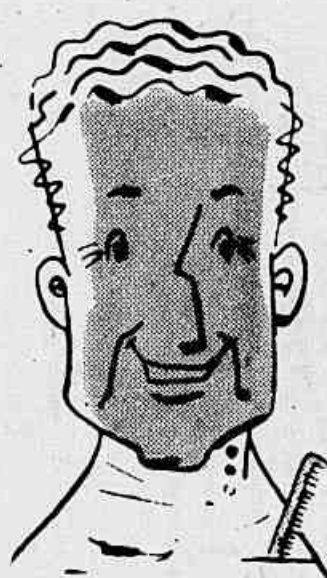
◆ **Se você não tem o busto muito pequeno:** o maiô com soutien-gorge com armação e alças.

◆ **Se você nada pouco:** pode permitir-se as "fantasias" em algodão e sem alças.

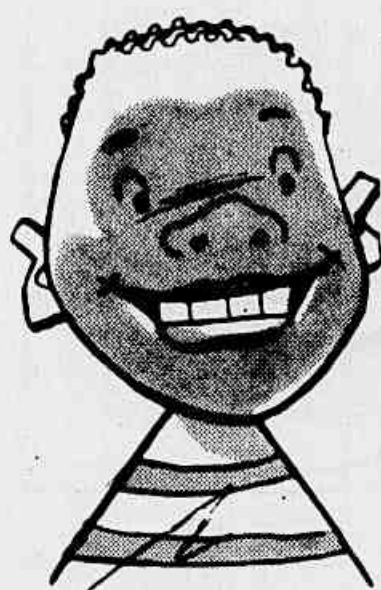
◆ **Se você nada muito:** o maiô clássico com alças. E de todas as maneiras, mesmo que o seu maiô de banho lhe vá muito bem e ainda que faça muito calor, não o use fora da praia: seria taxada de ridícula e com razão.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

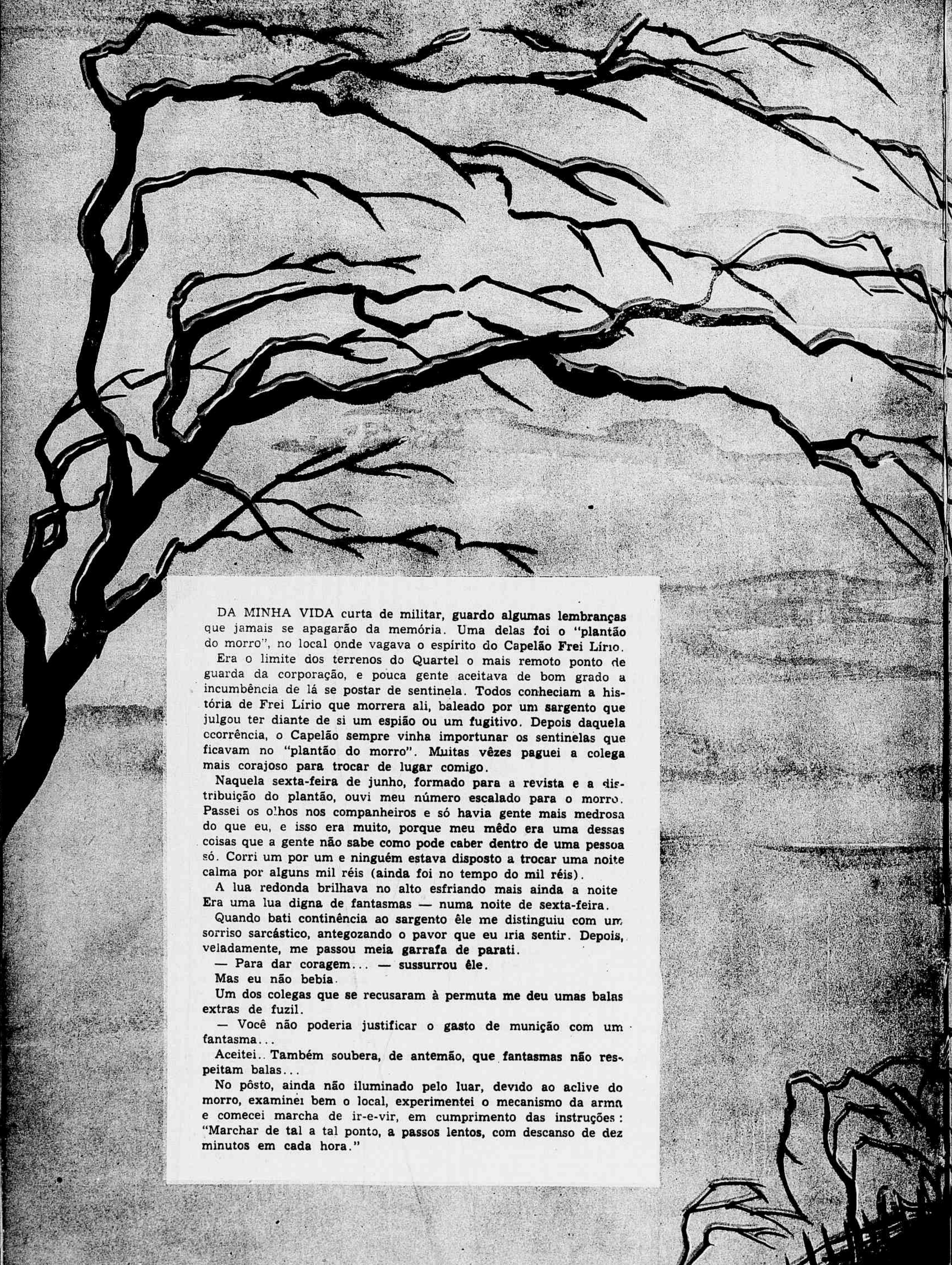
TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!



DA MINHA VIDA curta de militar, guardo algumas lembranças que jamais se apagarão da memória. Uma delas foi o "plantão do morro", no local onde vagava o espírito do Capelão Frei Lirio.

Era o limite dos terrenos do Quartel o mais remoto ponto de guarda da corporação, e pouca gente aceitava de bom grado a incumbência de lá se postar de sentinela. Todos conheciam a história de Frei Lirio que morrera ali, baleado por um sargento que julgou ter diante de si um espião ou um fugitivo. Depois daquela ocorrência, o Capelão sempre vinha importunar os sentinelas que ficavam no "plantão do morro". Muitas vezes paguei a colega mais corajoso para trocar de lugar comigo.

Naquela sexta-feira de junho, formado para a revista e a distribuição do plantão, ouvi meu número escalado para o morro. Passei os olhos nos companheiros e só havia gente mais medrosa do que eu, e isso era muito, porque meu medo era uma dessas coisas que a gente não sabe como pode caber dentro de uma pessoa só. Corri um por um e ninguém estava disposto a trocar uma noite calma por alguns mil réis (ainda foi no tempo do mil réis).

A lua redonda brilhava no alto esfriando mais ainda a noite. Era uma lua digna de fantasmas — numa noite de sexta-feira.

Quando bati continência ao sargento ele me distinguiu com um sorriso sarcástico, antegozando o pavor que eu iria sentir. Depois, veladamente, me passou meia garrafa de parati.

— Para dar coragem... — sussurrou ele.

Mas eu não bebia.

Um dos colegas que se recusaram à permuta me deu umas balas extras de fuzil.

— Você não poderia justificar o gasto de munição com um fantasma...

Aceitei. Também soubera, de antemão, que fantasmas não respeitam balas...

No pôsto, ainda não iluminado pelo luar, devido ao aclave do morro, examinei bem o local, experimentei o mecanismo da arma e comecei marcha de ir-e-vir, em cumprimento das instruções: "Marchar de tal a tal ponto, a passos lentos, com descanso de dez minutos em cada hora."

O PLANTÃO DO FANTASMA

LUIZ SIMÕES



PETRONIO

Parei, as pernas começaram a bater, o fuzil desceu para as mãos incertas.

O bambual rangia ao sabor do vento e eu procurava penetrar-lhe o negror. Fiquei imaginando o que faria se visse Frei Lirio. O que diria, o que perguntaria... Bobagem. A lua apareceu fluindo como uma bola de sabão por cima da crista do morro. Numa brincadeira boba, fiz pontaria contra ela, decerto porque sabia que o fantasma só aparecia nas noites enluaradas. Um cachorro uivou distante e eu senti como se meu gesto também fosse um uivo mudo. O fuzil novamente a tiracolo, as pupilas correndo de um a outro lado dos olhos, dilatando-se como a rã que queria virar boi. Agora, com o luar, a paisagem tomava formas novas, com os arbustos crescendo e diminuindo, o bambual mais bambual e o escuro mais escuro.

Minha japona de lã evitava o frio, me resguardava, mas não impediu que eu sentisse um frio na espinha, correndo de baixo para cima e fazendo eriçar os cabelos quando, a uns três metros (ou trinta — vá lá se precisar a distância que nos separa de um fantasma) ele apareceu. Tal como diziam... Com a sobrepeliz muito branca sobre a batina marrom de frade. Foi como se tivesse ouvido uma voz de "alto!". Parei, as pernas começaram a bater que nem baqueta de tarol, o fuzil desceu para as mãos incertas.

Eu me sentia com os dentes trincados, maxilares brigando entre si e se empurrando um contra o outro. Mas, não sei como, falei. Era meu dever:

— Quem está aí?

Não houve resposta e apontei o rifle.

— Quem está aí? Se não responder, atiro!

Atirei mesmo. Ouvi um gemido. E, a seguir, uma voz murmurou, lamentosa:

— Outra vez?

Se eu tivesse forças, tiraria de bom grado três dias de xadrez mas desceria o morro correndo até a Casa da Ordem. Mas as pernas estavam vazias... Minhas pernas haviam desaparecido.

— Quem está aí? Quem falou?

Tal como eu esperava, veio a resposta:

— Sou o Capelão... O Frei José Lirio...

Não havia dúvida. Era ele...

— O senhor disse outra vez porque...

— Há trinta anos, de quando em quando, uma sentinela me mete uma bala.

— E por que o senhor não vai embora?

— Não posso... Sou o Capelão... Minha obrigação é velar por vocês.

Era isso mesmo que eu havia pensado antes. O fantasma pensava ainda estar cumprindo o dever de Capelão e permanecia ali.

Vi um clarão riscar o céu. Era o holofote da torre de vigia que fazia seu giro de rotina. Ah, como eu queria ter ali também um holofote, para iluminar o ambiente, bem iluminado, a fim de fazer sumir o fantasma...

Tive uma idéia arrojada.

— Por que não vai para o Céu? — perguntei, numa preparação para aborrecer Frei Lirio e fazê-lo desistir de proteger as sentinelas.

— Não posso... — respondeu o frade. — Meus pecados não deixam...

Engoli em seco. Não era bem em seco — era uma dose de coragem para ofender o falecido. Enchi os pulmões de ar e soltei:

— Então vá para o inferno!

Loucura das loucuras! Confundindo-se com o ruído do vento ouvi um gemido rouco e o fantasma cresceu, cresceu e avançou para mim, numa velocidade impossível... O clarão da sobrepeliz transformou-se de repente numa escuridão de batina secular e senti o chão duro bater na minha nuca. Depois tudo foi clareando, o cheiro acre de amônia entrava pelo meu nariz e, atrás de um algodão que balançava num movimento pendular, eu vi a cara do velho Capitão-Médico...

Contei-lhe a história. Ele ouviu com grande atenção e depois disse que eu fui mais além do que os outros. Não compreendi, mas ele foi explicando enquanto subíamos o morro. Pela altura que estava o sol, eu só fôra descoberto desfalecido na hora da rendição.

— Muita gente já viu o Frei Lirio. Mas você foi o primeiro a "conversar" com ele...

Não sei porque, mas senti-me envaidecido com aquilo.

— Existe uma ciência ainda não muito bem explorada, principalmente aqui no Brasil, que explica bem a conversa que você teve...

Eu pensei que ele quisesse se referir à Ciência Espírita. Seja lá como fôr, a autoridade de Capitão, de Médico, de idoso e até mesmo da personalidade marcante que o homem possuía, me deixava pouco a vontade para fazer-lhe perguntas. Passamos pelo bambual, subimos mais uns seis ou oito metros e ele apontou um lugar no chão.

— Você estava aqui. O galo que tem na cabeça foi feito por esta pedra.

Apalpei a cabeça e senti um ponto mais alto e dolorido.

— Fique de frente para lá e só olhe para mim quando eu chamar.

Aguardei alguns instantes enquanto os passos do oficial se afastavam. Passou por mim o soldado que me rendera no pôsto, sorrindo com superioridade.

— Olhe agora. O fantasma estava aqui?

Olhei. Ele abria sua capa, como um morcego.

— Sim. Aí ou talvez mais longe um pouco.

A um sinal seu, aproximei-me. Ele disse que ia me mostrar onde estava a minha bala e deu um passo para o lado. Atrás dele estava um tronco de coqueiro, pintado de cal até a altura de um homem. Por não haver sido renovada a pintura, a chuva destruíra a cal, na base do tronco, até cerca de um metro de altura. Na parte branca havia uma centena de furos de bala.

— Então... é esse o fantasma?

— É...

— Não é possível. Ele gemeu quando eu atirei. Falou comigo!

— Quem gemeu foi aquele outro fantasma, que está sempre gemendo quando há vento — e me apontou o bambual — e a conversa existiu apenas aqui — bateu com o indicador em minha testa — tanto que as respostas que o fantasma deu foram todas conforme você esperava!

Sorri sem jeito, mas reagi logo depois:

— Mas o fantasma cresceu e avançou em minha direção! Foi aí que eu desmaiei. O tronco está imóvel!

Ele me encostou no coqueiro e mandou que eu dissesse o que estava vendo. Além de céu, terra e árvores, só via a Torre de Vigia...

— O holofote iluminou o tronco. O aumento da claridade lhe pareceu um aumento de tamanho... A luz correu em sua direção e...

Desci o morro sem olhar para o médico. Em baixo encontrei um dos muitos a quem eu já havia pago para trocar o plantão comigo. Ele olhou para todos os lados, me puxou para um canto e segredou:

— Não conte nada, hein?

— Do que aconteceu no plantão?

— Não. Isso você conta. Aumenta, até. Eu não quero que conte é o que se passou de manhã... Afinal, uns trocados de vez em quando não é nada mal... E você também há de querer ganhar, não é?

Assenti. E já me afastava quando ele me avisou:

— Mas todo plantão que você tirar pra outro, não esqueça, hein! Compre uma vela e acenda pro Falecido... Se não, ele pode se zangar pela molecagem de estar usando o nome dele pra ganhar dinheiro!...

Enfim, poucas velas acendi. A baixa não demorou...

REBELIÃO EM VILA RICA



Os nomes dos personagens de "Rebelião em Vila Rica" estão a sugerir diretamente suas matrizes. O líder estudantil da insurreição (Paulo Araújo) se chama Xavier.

INCONFIDÊNCIA MINEIRA DO SÉCULO XX

HUGO SÉRGIO KOATZ

Rebelião em Vila Rica



O filme de José Renato e José Geraldo dos Santos Pereira foca na coragem da atual mocidade brasileira na defesa das causas justas e livres.



Ouro Preto empresta seu cenário para nova Inconfidência.

O LANÇAMENTO de "Rebelião em Vila Rica" desperta a atenção de todos aqueles que ainda não se cansaram em acreditar e ter esperanças na decantada redenção do cinema brasileiro. Com esta obra, a Brasilfilme, produtora formada por elementos jovens de espírito renovador, procurou realizar um filme com características brasileiras sem apelar para os exploradores (e maltratados) temas regionalistas.

"Rebelião em Vila Rica", de José Geraldo e José Renato Santos Pereira, reconstitui a Inconfidência Mineira através de uma história atual. É a revolta dos estudantes da Faculdade de Ouro Preto contra as atitudes de seu diretor, que determinara o aumento das anuidades escolares em detrimento de seus alunos. Indignados com o despotismo e a mesquinhez de Furtado, o diretor que representa o governante colonial nomeado pela coroa portuguesa, os estudantes se rebelam, como há dois séculos atrás o fizeram os inconfidentes. Os nomes dos personagens de "Rebelião em Vila Rica" estão a sugerir diretamente suas matrizes: o líder estudantil que comanda a insurreição (Paulo Araújo) chama-se Xavier. Seus companheiros — um poeta (Celso Faria) de nome Gonzaga, noivo de Marília (Maria Dorotéia), Alvarenga (Mário Gruber), Maciel (Jaime Barcelos). Nem mesmo falta o traidor do Movimento e seu nome é Silvério (Allan Lima). "Rebelião em Vila Rica" focaliza a coragem da mocidade brasileira atual na defesa das causas justas e livres, tendo como cenário, o maior monumento histórico do país, a cidade de Ouro Preto. Sua realização poderá auxiliar àqueles que desejam abrir um caminho novo na dolorosa história do cinema nacional.

O CINEMA BRASILEIRO PRECISA RENASCER

Desde os românticos ciclos de Recife e Cataguases, contemporâneos da transição do cinema mudo para o sonoro, que se procura criar nesta terra uma indústria cinematográfica. Estes ciclos foram produto do pioneirismo de autênticos cineastas-bandeirantes (Humberto Mauro é um excelente exemplo) que iniciaram uma luta até hoje inglória, desamparada pelo governo e pelos industriais, desacreditada pelo público, tantas vezes esbulhada pelo picaretismo dos mistificadores que pululam em nosso meio cinematográfico. Os dois ciclos perderam-se no tempo. Seus filmes — alguns ótimos, como "Brasa dormida" e "Ganga bruta" — sem medo de errar, representaram as mais sérias tentativas que fizemos no sentido de erguer uma arte e uma indústria dignas de receber o nome de cinema. Foi nestes ciclos que se procurou obter uma linguagem realmente cine-estética para a narração de um filme, uma tipicidade brasileira nos argumentos, e onde jamais se pensou em recrutar atores de rádio para os elencos. Mas este movimento, por falta de apoio, teve um fim. E fim sem continuadores. A ele seguiu um profundo sono do cinema nacional, por entre os esparsos melodramas de radionovelas e as primeiras "chanchadas" a anunciar seu vindouro império. Em 1949, alguns industriais de São Paulo, certos de receberem apreciáveis compensações financeiras, se propuseram a um digno empreendimento: estabelecer uma planificação organizada de filmes. Surgiram então duas grandes empresas: a Vera Cruz e a Maristela. Trouxeram Cavalcanti da Europa, importaram técnicos estrangeiros (alguns de capacidade bem duvidosa), adquiriram maquinarias novas, ergueram confor-



"Rebelião em Vila Rica" tem, como cenário, o maior monumento histórico do país: a cidade de Ouro-Prêto.



Maria Dorotéia e Celso Faria fazem o par romântico: são as edições modernas de Marília e Dirceu.

Rebelião em Vila Rica



Paulo Araújo estréia no cinema fazendo o papel central. Beyla Genauer, veterana de teatro, é sua noiva.



O traidor. Silvério é revivido na versão moderna do movimento mineiro por Allan Lima. Aca Cândida também comparece.

táveis estádios, fizeram contratos hollywoodescos com grandes astros do nosso teatro. Seus filmes surgiram num padrão respeitável com decência técnica e argumentos não raro inteligentes: "Caçara", "O Congaceiro", "Sinhá Moça", "Floradas na Serra", da Vera Cruz; "O Comprador de Fazendas", "Simão, o Caolho", "O Homem dos Papagaios", "Presença de Anita", da Maristela, para citar alguns mais importantes. Discussões internas, interesses pessoais em luta, gastos e prejuízos astronômicos estourando previsões orçamentárias, geraram crises fatais à ambas produtoras que terminaram sucumbindo e enterrando com elas as esperanças do erguimento de nossa indústria de filmes. No momento atual, predominam as cine-revistas, como as chamam seus fazedores, com uma honestidade que estão longe de possuir. Sobre esta espécie de filmes — caça-níqueis, um mero comentário deve ser evitado. Não há o que ser dito diante de tamanha penúria intelectual e afronta ao público.

Entretanto, nem tudo está perdido. Paralelamente às tentativas de Nelson Pereira dos Santos (Rio 40º e Rio, zona norte), a Brasil-filme está procurando reerguer o nível de nosso cinema. Com a mais saudável das intenções já produziu sete filmes, dos quais merecem destaque "O sobrado", "Osso, amor e papagaios", "O Estranho Encontro" e este "Rebelião em Vila Rica", digno de todo o prestígio do público. Trata-se da primeira produção nacional em cinemascopo, fotografada em cores pelo excelente processo do agfacolor. Tem a seu crédito o aplauso unânime da crítica paulista e do público de São Paulo, a admiração elogiosa com que foi visto na Exposição de Bruxelas e seis prêmios (inclusive o de melhor filme) que arrebatou em Festival no Estado do Paraná.

UM NOVO SENTIDO DE CONFÔRTO NA
ROTA SUL



VÔO DIRETO
RIO-PORTO ALEGRE

DIÁRIAMENTE PELOS NOVOS CONVAIR DA CRUZEIRO

Agora, em menos tempo, V. vai a Porto Alegre pelo novo vôo da Cruzeiro do Sul.

VÔO DIRETO-SEM ESCALAS. E a viagem é ainda mais rápida pelo prazer que o cerca em todos os momentos: o tradicional conforto Cruzeiro do Sul. Na Rota Sul chegue mais depressa. Prefira sempre o VÔO DIRETO da Cruzeiro do Sul.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL



Saída do Rio: 18 hrs.
Saída de P. Alegre: 8 hrs.

O FATO É que vamos, por aqui, vivendo sem certas coisas. E às vezes, vivendo até bem. Acabamos nem percebendo a ausência delas. De repente, as descobrimos. E dá então uma enorme saudade retrospectiva, uma ânsia de recuperar o tempo perdido. Se fôssemos, porém, organizar uma lista de tôdas as lacunas... Há muita coisa fazendo falta no Brasil. Desde sempre.

Está nesse caso a comédia musicada. Ou o bom "vaudeville". Os jornais trazem as notícias do que a respeito se passa no mundo. "My fair lady" — extraído do "Pigmalião", de Shaw — depois de dois anos vitoriosos em cartaz nos Estados Unidos, ganha a Inglaterra, e a bilheteria já aceita reservas, para junho de 1959!... "Oklahoma!", tanto tempo levou na Broadway que quase se tornou denominação dêsse tipo de espetáculo. E da França também chegam ecos dos êxitos de Labiche, Feydeau... Até na União Soviética surgiu, na pessoa de Kataiev, o autor do gênero.

há muito que estava morta. Houve, é verdade, nos últimos cinco anos dois esplêndidos musicais: "No país do Carnaval" (produção de Carlos Machado, no Carlos Gomes) e "No país dos Cadillacs", de Silveira Sampaio (no Dulcina). Ambos de ótimo padrão, mas nitidamente na linha da revista, na linha Folies Bergère, filha perdida da opereta de nossos avós.

Agora, em grande estilo, a companhia de Tônia Carrero, Adolfo Celi e Paulo Autran, traz ao palco algo notável: "Olho mecânico", de autoria de Antônio C. Carvalho, com música e poemas de Geni Marcondes. A peça é um deslumbramento: enredo gostoso — sátira amena aos ídolos de rádio e correspondentes "macacas" de tôdas as idades — de saboroso espírito, latente de ponta a ponta, vindo a lume sempre que é necessário, em falas concisas e oportunas, e ainda por cima com uma formidável crítica final à casuística jurídica dos râbulas de casaca.

O diretor, um moço (Benedito Corsi) levantou vôo, soltou-se. E como é homem de visível bom gosto, de apurada sensibilidade para êsse tipo de montagem, deu tudo certíssimo. Há, no primeiro ato, um velório no melhor estilo bufo que é simplesmente histórico. E depois? Depois vem o colorido; as situações; a enfer-

Aqui no Rio de Janeiro, entretanto, a comédia musicada — que teve seu esplendor com a burleta do princípio do século —



meira de saia tão justa e a jovem fatalíssima; o sacristão, misto de sábio e idiota; três "grooms" de hotel que não escutam, não falam e não vêem (a exemplo dos célebres macaquinhos); umas bandeiras — ah, essas bandeiras! — marcando o compasso de amor do herói da história; tudo comandado por uma imaginação fecunda, numa seqüência de graça e ritmo, que não cansa nunca — e que, pelo contrário, nos repousa e alivia do "stress" desta vida comprimida que levamos no dia-a-dia.

Homem de 1900, que viste "A capital federal", que aplaudiste Artur Azevedo e Moreira Sampaio; homem do primeiro após-guerra, que presenciaste aos últimos bons espetáculos desse gênero; homem da nova geração, que nada tiveste, no tipo, dentro de nossas fronteiras — homens de todas as idades (e vós também, mulheres, com os vossos filhos e as vossas filhas), ide depressa ao teatro Mesbla: ali, os veteranos cederam a vez aos novos para uma experiência atrevida, saiu tudo absolutamente certo, e já agora é menos uma coisa que falta no Brasil.

"ÔLHO MECÂNICO":

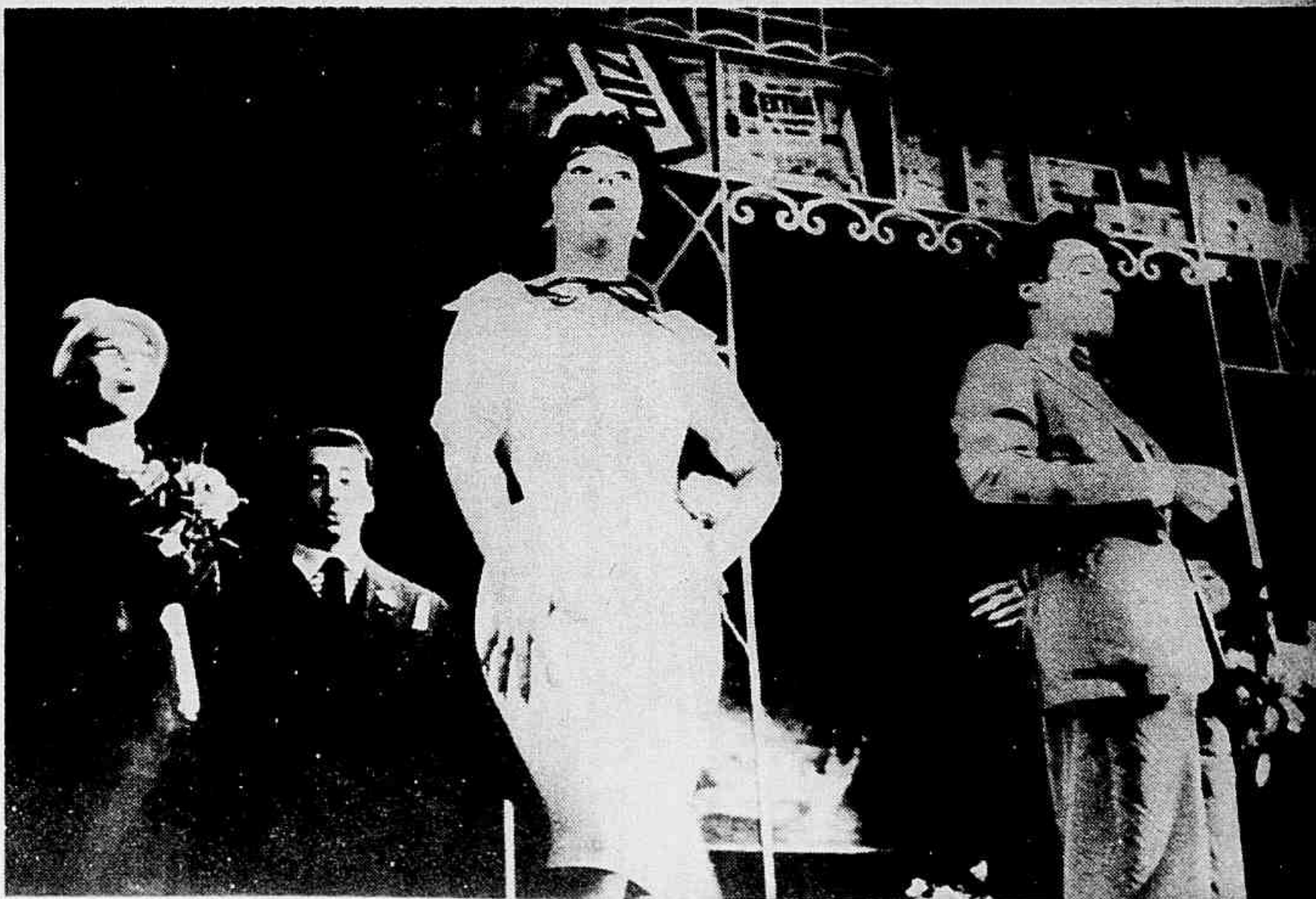
VAUDEVILLE

EM NOVA

DIMENSÃO



ÔLHO MECÂNICO, de Antônio Carvalho e Geni Marcondes, é uma sátira deliciosa aos ídolos do rádio. Excelente espetáculo.



Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no
tratamento das menstruações dolorosas e outros
distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasiada-
mente volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BÉL-HORMON

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

LEIAM

**EU
SEI
TUDO**

TODOS OS
MESES
CR\$ 10,00

REVISTA DA SEMANA

CR\$ 10,00

EM TODO O BRASIL



A equipe vencedora. Hélio Cruz é felicitado pelo Cte. Júlio Nogueira.

CAMPEÕES OS FUZILEIROS

VENCENDO o Fôrça de Transportes por 9x0, o Cruzador Barroso por 6x0 e o 1.º Distrito Naval por 2x1 e 3x0, o time dos Fuzi-
leiros Navais levantou brilhantemente o Campeonato de Futebol
da Marinha de 1958. No quadro campeão atuam alguns e futuros
"cobras" do futebol carioca: Hélio Cruz, "o homem que venceu
o Botafogo", que também é centro-avante do São Cristóvão; Zé
Maria, também sancristovense, é o meia-direita da equipe; Miguel,
goleiro aspirante do Vasco, e Ederaldo, o Naval do Bonsucesso,
são outros grandes valores do quadro dos Fuzileiros Navais, orien-
tado pelo sargento Manoel (Buck Jones). Como se pode ver, os
campeões da Marinha andam revelando craques em profusão. E o
fenômeno não é novo: está aí o bem conhecido Valdo, do Flui-
minense, para servir de exemplo. Além de sagrar-se Campeão
da Marinha de 58, o time dos Fuzileiros Navais está realizando,
até o momento, a proeza de manter-se invicto em todos os amis-
tosos que disputou neste ano.

Fase da peleja. Cabeçada de Hélio Cruz contra o travessão.



A HISTÓRIA está sendo contada tendo o sr. Francisco Clementino San Tiago Dantas como protagonista. Discutia uma roda mineira a legitimidade de sua candidatura pelas Minas Gerais, alegando uns que San Tiago era um estranho ao Estado, um intruso, enquanto outros defendiam seus direitos, argumentando que o ilustre advogado era mineiro de nascimento, de Cataguazes. É mineiro, não é mineiro, e a discussão ia se arrastando, sem se definir, até que um cavalheiro pronunciou a frase genial: "Mineiro, qual nada! Vocês já viram almirante ter filho nascido em Cataguazes?" Mariazinha achou graça, mas ficou com a pulga atrás da orelha. Afinal de contas o menino Francisco Clementino poderia ter nascido em Mar de Espanha...

O CARÍSSIMO Tico Liberal entrou de gaiato num programa pré-eleitoral de televisão e tirou uma casquinha no passado fluminense do embaixador Ernani do Amaral Peixoto, devidamente industriado pelo velho J.E. e seu estado-maior do "Diário Carioca". No dia seguinte, fulo de raiva, o mano Nonô ocupou os estúdios do canal 13, acolitado por dois correligionários, a fim de desancar o pobre do Tico, classificado entre outras coisas de "assecla dos Macedos Soares". Graças a fúria bíblica do comandante Augusto do Amaral Peixoto, o Tico foi xingado de "Sua Excelência" e atingiu pináculos de uma importância política que jamais imaginara ocupar em sua vida de boêmio alegre e despreocupado.

MARIAZINHA DESCOBRIU que um dos locais mais deliciosos para colher material sobre a vida alheia é a Casa de Saúde Arnaldo de Moraes, onde as mães e quase mães, cercadas de seus fãs-clubes, falam em altos brados da vida alheia, das nove horas da manhã às nove horas da noite, em animada chacinha. Existem mesmo algumas valentes que voltam da sala de parto já com um potin na ponta da língua. Passaremos a bisbilhotar o ambiente, no interesse da curiosidade dos nossos leitores.

DEIXA NO CHINELO as elegantes que freqüentam a pelouse do Jockey, toda vez que lá comparece, a sra. Larry Leite. É uma das mulheres que melhor sabe se vestir e melhor sabe como desfilar sua elegância e bom-gosto.

AGUARDA-SE PARA BREVE um bate-bôca delicioso, reunindo frente a frente duas Vargas de cabelinho na venta: Ivette e Alzirinha. O xadrez político se encaminha para colocá-las em posição antagônica e decisiva, num lance capaz de decidir as ambições políticas dessas duas herdeiras do talento político do velho Getúlio.

OS DOIS MAIORES harens políticos do Brasil se encontram atualmente nas mãos do sultão Lacerda e do aprendiz de sultão Elói Dutra. Mulher que não votou num, votou no outro. Ambos espadachins de voz dramática e melodiosa, glamorosos e hollywoodianos. Depois do Bellini, são os bonitões mais cotados da cidade.

OS SUCESSOS de exportação do vinho gaúcho, fruto de três safras fraquíssimas no

solo francês, desfalcando as tropas na África do Norte e o zé do povo de lá do seu vinho de cada dia, parece que subiram à cabeça de certas pessoas da sociedade carioca. Mariazinha acha que cada qual pode defender o seu nacionalismo, tinto ou branco, desde que assuma a responsabilidade daquilo que oferece. Tentar iludir o paladar de quem sabe o que é um bom vinho, servindo os gaúchinhos em jarra de prata é coisa com que não podemos concordar, absolutamente. Mesmo porque, quem tem paladar não se engana de maneira alguma, e quem bebe borgonha por bourgogne pode encontrar as garrafas de rótulo brasileiríssimo, esquecidas na cozinha ou descansando na área interna do apartamento. Fato que vem acontecendo ultimamente com assustadora freqüência...

JK EM SUA RECENTE viagem ao Amazonas e adjacências, teve a visita noturna de uma cobra, que se meteu sob a cama do Presidente durante o pernoite. JK não deve ter se afobado muito: cobra em Brasília é o que não falta...

CHEGARAO AO RIO em meados de novembro, para um congresso, prefeito das Três Américas. O nosso caro Sá Freire Alvim, se até lá ainda estiver alojado no Guanabara, deveria tomar providências urgentes para suspender durante alguns dias a Operação Poeira, que se já é insuportável para nós, cariocas, vítimas dela há tantos meses, será absolutamente torturante para a prefeitada estrangeira, habituada com cidades limpas, modernas e capazes de recorrer a métodos menos obsoletos quando decididas a desmontar algum morro mais teimoso. No pé em que o centro da cidade anda, envólto numa cortina de fumaça, a visita desses alcáides pode se transformar na pior contra-propaganda que já tivemos do Rio, no exterior, nesses últimos anos. E o nosso turismo, já tão anêmico, entrará rapidamente em estado de coma...

A VOTAÇÃO OBTIDA por Hélio Fernandes pode não ter sido grande, mas foi escolhidíssima. Tudo gente que anda com o nome em letra de fôrma nos jornais e revistas, fazendo notícia nas colunas sociais e noturnas. Votos solicitados em cochicho, ao pé do ouvido, em bares e "boites". Promessas cimentadas ao "scotch and soda". Promessas racionadas, mas que não falham...

CERTAS SENHORAS que possuem um ministério caseiro muito estável não deveriam enviar suas criadas à Caixa Econômica, a fim de regularizar juros e retirar jóias do prego. Mariazinha passava pela rua Senador Dantas quando viu a dedicada copeira de certa madame, abandonando a agência de penhores, carregada de pacotinhos embrulhados no papel de seda denunciador. E olhem que não é a primeira vez que esses encontros acontecem...

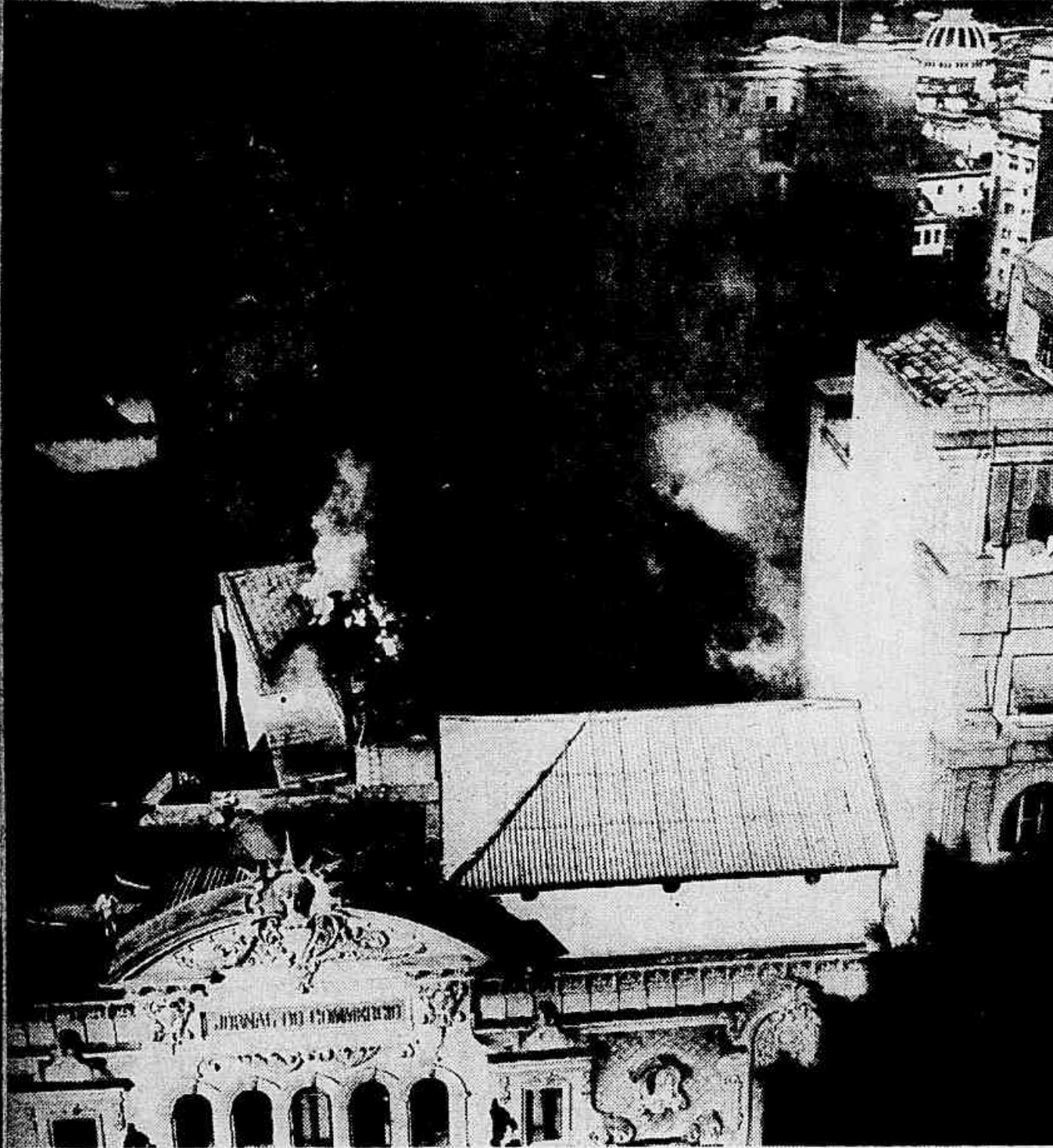
O MINISTRO Lucas Lopes não votou, por estar ausente do país em missão oficial. Dizem os reis da ingenuidade maliciosa que a viagem do Lucas roubou um voto certo ao Alkimim...



SOCIEDADE

AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE





POR DESCUIDO DE UM ALFAIATE que deixou seu ferrô de engomar aceso sobre roupas, pegou fogo o prédio do mais antigo diário da cidade, o "Jornal do Comércio". O sinistro se verificou justamente na véspera do 131.º aniversário de fundação do matutino, dando uma nota ainda mais trágica ao acontecimento. Os prejuízos foram realmente brutais: ficaram inutilizadas 26 linotipos, dentre as quais 20 novas, no valor de 500 mil dólares. A rotativa, com o desabamento das paredes do andar térreo foi seriamente avariada, ficando também temporariamente impraticável. Em campanha eleitoral no Estado de Minas, San Thiago Dantas, diretor do "Jornal do Comércio", tomando conhecimento do sucedido decidiu regressar prontamente ao Rio. Distribuiu um comunicado dizendo que apressará a remessa das novas máquinas que o diário adquiriu nos Estados Unidos e que enquanto não contar com elas o "Jornal do Comércio" será editado nas oficinas de "O Globo". No primeiro número desta fase provisória, o "Jornal do Comércio" quebrou uma de suas tradições seculares com a publicação de uma foto na primeira página. A foto era do incêndio, naturalmente, e — pasmem! — foi a terceira publicada na vida do matutino — desde a sua fundação. As duas primeiras foram, respectivamente, a de D. Pedro II por ocasião de sua maioridade e a de Felix Pacheco, quando faleceu ao tempo em que dirigia o jornal.

Com a interdição das imediações do sinistro, o tráfego da capital viu-se inteiramente congestionado. Não podendo seguir pela Avenida Rio Branco, os lotações que vinham da Zona Sul demoravam 50 minutos para ir da Avenida Beira-Mar à Central. Na hora do "rush" o problema se agravou particularmente para os transportes da zona Norte, amontoados pelas estreitas ruas Sete de Setembro, Constituição, etc. Mas aí, felizmente, não houve vítimas a lamentar, pelo menos de acordo com a terminologia dos boletins médicos e policiais...

APARECEM AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS dizendo que o CND se mostra inclinado a ordenar o regresso ao Brasil do time de futebol do Bela Vista, ora jogando na Europa. O Bela Vista, inesperiente equipe de Sete Lagoas (Minas Gerais) tem levado contundentes e seguidas surras nestes dois meses de viagem pela Alemanha, Espanha, Suíça, Dinamarca, Bélgica, etc. Mas o fracasso da excursão não reside apenas no lado esportivo. A cada momento surgem telegramas de agências estrangeiras anunciando espalhafatosos "casos" internos surgidos na delegação do clube de Sete Lagoas. Um dirigente que briga com outro, técnico que pediu

A SEMANA DEIXOU TAM B

demissão, jogadores que foram suspensos e multados, por displicência, outros inocentados, mas que se recusam a jogar e por aí vai. A balbúrdia chegou ao ponto de um dos diretores — justamente aquele tido como o maior responsável por todos os descalabros — ter convocado a polícia de certo país para prender Genuíno, centro-avante do time, sob a acusação de que este o ameaçara de agressão. Para completar a "beleza" do seu giro pelo Velho Mundo, o Bela Vista resolveu agora jogar na Inglaterra. No primeiro jogo foi sovado pelo Birmingham por 5x1 e, no segundo, pelo Newcastle, por 12x1. Doze! Mas não acaba aí a novela. Como tem obrigação de cumprir prévio contrato (obra de algum explorador inescrupuloso), o Bela Vista continuará jogando contra os ingleses. Um dos times que próximamente enfrentará é o poderoso Tottenham. Os demais, ao que se informa, são ainda mais fortes. E, enquanto isto, o CND permanece em tranqüilas cogitações para apurar se deve ou não deixar que a excursão prossiga. Quantas vezes a casa terá que ser arrombada para que se coloque uma tranca na porta?

RESPONDENDO APENAS "OUI" OU "NON" à pergunta **Aprova o Projeto da Constituição proposto pelo Governo?**, os franceses foram às urnas para decidir o estabelecimento ou não da Carta Magna que dará maiores poderes ao 1.º Ministro Charles De Gaulle. O resultado do plebiscito apresentou uma vitória maciça do Governo, já que 79,25% dos eleitores responderam sim contra apenas 28,75% de negativas e 15% de abstenções. Nos Estados da União Francesa, principalmente Argélia, Marrocos, Madagascar, África Oriental, registrou-se esmagador apoio a De Gaulle. A única exceção foi dada pela Guiné, onde a população se recusou a aceitar a nova Constituição, manifestando assim abertamente seu desejo de tornar-se independente, o que aconteceu, dias depois, com a proclamação da República da Guiné.

CONFIRMANDO SEU PRONUNCIAMENTO de 12 de setembro, a Suprema Corte dos Estados Unidos voltou a proclamar por unanimidade o princípio da integração racial nas escolas públicas do país. Esta decisão inabalável foi conferida em resposta às alegações de Faubus, governador racista do Estado de Arkansas, que pleiteava o segregacionismo, apoiado na "situação de violência" criada pelos conflitos em Little Rock. Na última semana, amparado pelo legislativo de Arkansas, Faubus fechou 4 escolas públicas de Little Rock, dizendo-se disposto a reabri-las como estabelecimentos particulares, exclusivamente destinados a estudantes brancos. Imediatamente após a declaração de Faubus, uma corporação particular, auxiliada por uma subvenção do Governo estadual, arrendou as quatro escolas fechadas. Referindo-se à estas atitudes, a decisão da Suprema Corte advertiu o governo de Arkansas, pela sua antijuridicidade e desacato ao Governo Federal. Salienta o pronunciamento que a integração racial será mantida e que os direitos constitucionais das crianças negras não poderão ser perturbados pela vontade de um Estado da União. Enquanto isto, o negro Jimmy Wilson, que havia sido condenado à morte por ter roubado 1 dólar e 95 cents e agredido uma anciã, teve sua pena comutada. O perdão foi dado pelo Governador James Folsom, de Alabama. Jimmy agora terá que passar o resto da vida na cadeia.

TRÊS GARÔTAS FAMOSAS fizeram o principal vai-e-vem, da semana. Clara Cova, a brasileira de Milão, após receber a Ordem do Cruzeiro das mãos de JK, voltou para casa, falando mais do Brasil do que nunca. Maria Ester Bueno, a grande campeã de tênis, regressou ao Brasil depois de meses de ausência e conquista de campeonatos pelo exterior. Sônia Maria Campos, a pernambucana conhecida como Miss Brasil n.º 2, embarcou para Londres para tentar quebrar o tabu dos vice desta vez Concurso de Miss Mundo e ganhar 500 libras e um carro-esporte. Viajou acompanhada do titio e levou uma ajuda de custo de mil dólares. E por falar em Maria Ester: a moça chegou dizendo que voltará à Europa todo ano, até trazer o título de campeã mundial para a gente.

BEM ESSAS LEMBRANÇAS



NO DIA 29 realizaram-se as maiores homenagens à memória do grande escritor Machado de Assis. Porque exatamente nesta data, há cinquenta anos passados, morria o autor de "Dom Casmurro". As homenagens foram as mais significativas possíveis e realizadas em vários lugares. Dentre elas pode-se destacar a do Ministério de Viação, e a dos meios intelectuais, na Livraria S. José. Porque a mais esperada pela imprensa, a que seria prestada pelos imortais ao ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras e que constava de uma visita de todos os acadêmicos ao túmulo do consagrado escritor patricio, no Cemitério de São João Batista, esta não chegou a se realizar. Porque, lamentavelmente, somente lá compareceram três dos seus membros. O que é estranho por todos os meios.

OS JORNALISTAS QUE TODOS os anos viajam aos Estados Unidos, para cobertura do concurso de Miss Universo, terão êxito ou não, na missão que os leva ao exterior, dependendo da rapidez com que o material chega ao Brasil. É que o concurso é realizado em Long Beach, no outro extremo dos Estados Unidos, tomando Nova Iorque como ponto de referência. Os repórteres têm portanto que remeter os seus escritos e fotos, para Nova Iorque, para de lá serem transportados para o Brasil. Mas entre a chegada do avião procedente da Califórnia, e a partida de outro para o Brasil, existem apenas algumas poucas horas de diferença. E se não podem contar com uma pessoa que faça êsse transbordo, tudo está perdido. Arno A. Gall (Gerente da VARIG, em Nova Iorque), é o homem dedicado que realiza essa tarefa, quase milagrosa. Que faz êsse trabalho anônimo, que o leitor geralmente não sabe, mas que somente por isso é possível a cobertura do concurso de Miss Universo. Mas Arno A. Gall não tem se limitado a ajudar a imprensa, somente dessa forma. Terminada a missão, quando os jornalistas regressaram a Nova Iorque (procedentes de Long Beach), é ainda o fabuloso Gall, que serve de cicerone e muitas vezes, de intérprete até. Que os leva a passeios, que os orienta nas compras. Agora Arno A. Gall veio ao Brasil. Passar as férias, rever os amigos. E foi aproveitando a visita desse inestimável colaborador, da imprensa, que os jornalistas se reuniram no Bar e Restaurante Recreio, no dia 1.º de outubro, para lhe oferecer um jantar e ser lavrada a ata simbólica da "Sociedade dos Amigos de Arno A. Gall", que tem como Presidente, o publicitário Erymantho Coelho e como Secretário, o jornalista Darwin Brandão. A foto é um aspecto da festa, que foi ainda uma con-

Na Livraria S. José compareceram conhecidos homens de letras mas somente notamos a presença de um acadêmico. Se os imortais estiveram sempre ausentes de tôdas as principais homenagens a Machado de Assis, os homens de letras prestigiaram tôdas elas, comparecendo com as suas figuras mais representativas. O Ministro da Educação esteve também na Livraria S. José prestigiando o lançamento da "Revista do Livro", do I.N.L., que dedicou o seu último volume a Machado. Também o sr. José Renato Santos Pereira, compareceu igualmente à livraria de Carlos Ribeiro.

A noite, com a conferência do acadêmico Otávio Mangabeira (cujo patrono é o autor de "Memorial de Aires"), na Academia Brasileira, encerraram-se as comemorações da semana Machado de Assis.



fraternização do pessoal da REVISTA DA SEMANA, "Manchete", "O Cruzeiro", "Revista do Globo", dos nossos principais jornais, e a Varig também.



Dayse



KALEIDOSCÓPIO

UM DOS MAIORES EMBELEZADORES da mulher é a Fama. Explico: qual o homem que não gostaria de namorar Marilyn Monroe? Creio que todos. Pois bem, no entanto, rostinhos iguais ao dela há muitos pelas ruas da cidade, e é bem possível que a maior parte das famílias possua uma moça que, se andasse da maneira que Monroe anda, no tipo de vestido que Monroe usa, obteria o mesmo efeito. Ah, mas namorar Marilyn seria namorar uma mulher famosa.

NAS CASAS NOTURNAS é que observo melhor este fenômeno, já que estou mais próximo das moças dos elencos da cidade que das estrelas de Hollywood. Vejo homens olhando de olhos esbugalhados para Elizabeth Gasper ou Célia Coutinho, esquecendo-se na maior parte das vezes que as moças na companhia das quais se encontram seriam mais atraentes ainda que Gasper e Célia, se estivessem no palco usando fantasias iguais. Ou melhor ainda, não sabem que se vissem Elizabeth Gasper na rua, sem pintura e de cabelos soltos, usando quase sempre calças tipo "blue-jean", olhariam para ela como haviam olhado para outras dezenas de moças bonitas na via pública. Ah, mas Elizabeth Gasper é uma moça de fama no teatro musicado.

OS JOGOS DA PRIMAVERA vêm provar meu ponto de vista. São eleitas "Rainhas" todos os anos. São moças que não pertencem ao palco nem à tela, que simplesmente são representantes de colégios numa competição esportiva. Quantas vezes vocês não passam por Maria de Lourdes Monteiro, Niura Klem e Dayse de Aquino nas ruas, antes delas serem coroadas "Rainhas dos Jogos", sem ao menos dar uma segunda olhadela? No entanto, hoje quem não gostaria de namorar as moças?

ALIÁS, A ARTE MERECE o concurso delas. Vejam bem as fotografias e estudem as expressões. Pensem no cinema, e preparem-se para filmar. Três cenas diferentes, com três moças diferentes, tendo apenas uma constante: nas três cenas o galã é você!

DAYSE DE AQUINO está dentro da piscina. Você está deitado numa esprigueadeira, também de calção, e usando uma toalinha azul-claro no pescoço bronzeado. Na mesa que segura o imenso guarda-sol colorido, estão seus cigarros e seu "gin-tonic". Dayse de Aquino começa a subir na escada. O diretor corta a ação e manda retocarem-lhe a maquiagem. A cena continua. Ela pára e olha para você como que querendo descobrir se você está mesmo dormindo, ou apenas de olhos fechados. Ela se aproxima silenciosamente e vai tirar a toalinha com as pontas dos dedos. Você de um salto se põe de pé, enlaça-a pelo pescoço com a toalinha. Ela ri. Você ri, e solta a toalha. Ela põe os braços para trás e enxuga os ombros com a toalinha. Vocês dois ficam sérios. E começam a inclinarem-se um para o outro. O diretor corta a cena! Em seguida um técnico focaliza apenas as pernas dela perto da borda da piscina, e deixam a toalha cair atrás dela, metade dentro d'água. Mais tarde no laboratório eles juntarão as duas cenas e a imagem terá sentido.

MARIA DE LOURDES MONTEIRO está sentada num paredão. Ao fundo as águas da baía e a cidade quase acendendo suas luzes. Você está corretamente vestido. Ela é a filha do diretor-geral da firma em que você trabalha. O gerente mandou-o mostrar a cidade à moça. É a primeira vez em três dias que ela sai sem



Niura

CHUCK WOODWARD

Maria de Lourdes



a mãe. A esposa do diretor havia preferido fazer compras em companhia da esposa do gerente. Você está um pouco sem jeito. Na verdade você é tímido, sempre foi. Você fala das belezas da vista, explica uma série de detalhes. Começando a sentir uma vontade imensa de afrouxar o colarinho, você chega à conclusão de que embora ela não tire os olhos dos seus, não está prestando a menor atenção ao que você diz. Você pára de falar e tenta fitá-la. Não consegue e desvia o olhar. E ouve a voz dela. Ela diz: "Venha cá..." Você olha para ela. Os olhos apertando, as narinas dilatando, a boca entreaberta e os dentes como que prontos para mordê-lo. Você repara nas mãos dela. As unhas se enterrando na saia. Você fica furioso porque o "script" do filme manda você dizer: "Acho melhor irmos andando. Está ficando tarde..."

NIURA KLEM senta-se num dos brinquedos do recreio. Na cena anterior ela estivera dando uma aula de ginástica às meninas. Nesta cena você chega de casaco na mão, colarinho aberto. Está um dia muito quente. Você é o advogado que conseguiu, não só a permanência da jovem européia no país, como também o emprego de professora de ginástica naquela escola. Apesar disto, ela o trata apenas como amigo. Nem isto: ela é acanhada e fala pouco. Além de respostas curtas, de olhar baixo, você jamais conseguiu que ela contasse sua vida, seus gostos, suas esperanças. Você chega e comenta que o dia está quente. "Na sua terra não deve fazer calor assim..." Ela não responde logo. Seu olhar vai ficando perdido e ela começa a falar. Na terra dela, diz ela, também havia dias lindos assim. Fala do sol nos campos, das pequenas cidades, das reuniões festivas... "Há quanto tempo não sou feliz", diz ela, como que falando sôzinha. Você larga o casaco num balanço, e senta-se junto dela. Isto parece acordá-la de um sonho. Ela sente-se encabulada e abaixa a cabeça. Você estende o braço, e carinhosamente levanta-lhe a cabeça com a mão no queixo. Ela olha para você um pouco confusa. Você está sorrindo com carinho. Subitamente ela encosta a cabeça no seu peito e repete "Há quanto tempo não sou feliz". Ela olha para você e sorri. O diretor corta a cena. Mais tarde, no Cais do Pôrto haverá outra filmagem, você e ela abraçados, embarcando para a lua-de-mel na Europa.

E ASSIM, MEUS AMIGOS, vocês já sabem que a próxima vez que andarem nas ruas, estarão passando distraidamente por moças que não são vedetas, nem artistas, nem "Rainhas da Primavera", mas que se vocês prestassem um pouco mais de atenção poderiam ter uma oportunidade de serem os galãs de cenas iguais a estas. Mas sem câmaras, nem "scripts" e o que é mais importante: sem diretores para cortar a ação!

MARYLIN





A "MOÇA DA CAPA" é Vera Viana, um brôto de 18 anos, de tipo ao gosto internacional (nem para magra e nem para gorda), e que gostá muito de viajar, apesar de sòmente a pouco tempo ter feito a sua primeira viagem de avião, quando uma companhia (Lóide Aéreo) a convidou a conhecer Pôrto Alegre. E ficou feliz por ter visitado a capital gaúcha, principalmente pela gostosura dos "galetos ao primo canto" e do famoso churrasco "como só êles sabem fazer". Verinha (só para nós, e mais ninguém), tem um belo gato prêto, que atende pelo nome de Francisco Carlos, ou "Chiquito", para os íntimos. Mas êsse nome nada tem a ver com o artista, mesmo porque muito antes de "el broto" cantar, "Chiquito" já era gato, e se chamava assim. Francisco Carlos (o bichano, não confundir com o cantor) é muito amigo de Verinha e não sabe viver sem ela. Basta contar que mal dormia e pouco se alimentava, durante os dias em que a "moça da capa" estêve de passeios pelas plagas gaúchas. Por isso Verinha regressou logo, e "Chiquito" voltou a passar bem de novo, fazendo as pases com ela. Agora é Verinha que está zangada com "Chiquito", porque êle está muito namorador e tem fugido de casa, tôdas as noites. Resultado: o pêlo de Francisco Carlos (o gato) está ficando cinzento (era prêto), e Verinha diz que isso está acontecendo por que êle está namorando demais. O que vale comentar, que muita gente deve se dar por feliz, por isso só acontecer com pêlo de gato...

Verinha também já foi miss, e isso aconteceu ainda êsse ano, quando ela estêve disputando o título de Miss Distrito Federal. E ela conta que não se classificou, porque estava muito magrinha e por isso foi prejudicada nas medidas. Mas vai engordar um pouquinho e novamente concorrer pelo Caiçara, pois está certa de que poderá agradar. E isso não é nada difícil, por que possui um rostinho muito bonito e corpinho muito D.E. também...



É A "MOÇA DA CAPA" QUEM DIZ:

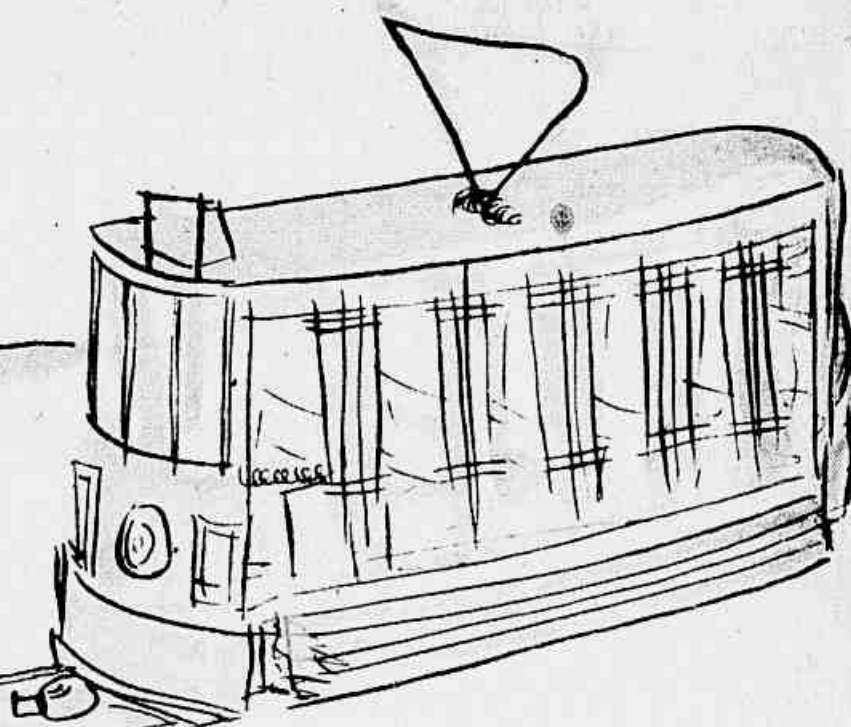


Gato preto namorador acaba ficando cinza



1

2



REVELAÇÃO DE MACHADO

NAQUELA ÉPOCA — 1942 — minhas leituras eram desesperadas: devorava tudo o que encontrava na estante de casa, tudo o que era impingido pelas livrarias de Fortaleza a meu pai, leitor terrível. Eram, em geral, romances alentados, cheios de lances — que o velho gostava dos dramas violentos. Eles se adaptavam ao seu temperamento quente de espanhol. Conheci, de cambulhada, Gorki e Ibanez, Remarque e Romain Rolland, Steinbeck e Eserich, entre livros de aventuras de Salgari e Bourroughs, da coleção Terramarear. E seriam daquelas leituras estapafúrdias que nasceria o germe da literatura no menino de catorze anos; e os seus primeiros contos refletiriam, ingenuamente, os enredos mirabolantes, e os exóticos cenários de estepes, ilhas perdidas, selvas e desertos africanos.

Mas, de repente, aconteceu a tragédia. Chegou o momento em que meu pai, com o seu furor, esgotou o estoque das livrarias de Fortaleza. Toda a coleção da Globo, da Vechi, da Editora Nacional fora devorada. Passara ele a reler os volumes mais antigos, seu nunca suficientemente louvado Vargas Vila, ou mesmo a incursão, em desespero de causa, na minha coleção Terramarear. Foi, então, que um vizinho, que apareceu de visita, e tomando conhecimento do drama paterno, nos acenou com a salvação. Seus olhos haviam cintilado, diante da livralhada. E como possuía uma coleção genial, em diversos volumes — a “Coleção Internacional de Obras Célebres” — sugeriu uma permuta. O velho aceitou a sugestão, com agrado. E seu Alaor passou a aparecer com os seus enormes volumes encadernados em prêto, e a trocá-los pelos outros, que transbordavam da estante e se amontoavam no chão.

Papai não gostou da obra. Tratava-se de uma antologia, as histórias eram excertos — acabavam no melhor momento. E os volumes tinham formato grande demais, não davam para ser lidos deitado. Mas eu, que não tinha os problemas da comodidade paterna, nem os seus ímpetos, gostei — exatamente pelas mesmas razões. Como as histórias eram pequenas, não precisava pular nas partes monótonas. E como não podia avançar noite adentro na leitura, três folhas bastavam para a minha higiene mental.

Foi entre as páginas do enorme livro prêto que descobri um conto que me desconcertou. Era a história de um enfermeiro. A narrativa calma, sem intrigas espalhafatosas, me deu uma sensação esquisita.

Enquanto, nos livros do velho, os episódios se sucediam furiosamente, naquela história eles se passavam devagar — ou não passavam — e entretanto não tinha importância. Embora sem lances, ela escondia um estranho mistério. Cada uma das frases queria, realmente, dizer alguma coisa — o que me obrigava a ler pausadamente, refletindo, para apreender melhor. Não era o enredo que importava, era o modo do autor ver as coisas. Lia, naquela história, considerações que eu mesmo me fazia: parecia que o autor penetrava em mim, e me desvendava.

De vez em quando, nos novos volumes trazidos por seu Alaor, lá estava mais uma daquelas narrativas mansas, abordando fatos domésticos, num clima de século passado. Acabei por fixar o nome

do autor — Machado de Assis — e a pular páginas, lendo apenas os trabalhos que traziam a sua assinatura. Li a história do moço que aguardava numa sala, acompanhado da prima, a hora da missa do galo; a do homem que fazia experiências com rãs; a da cartomante.

Enquanto meu pai abandonava definitivamente a coleção, e tornava aos livros já lidos, a minha admiração pelo contista crescia cada vez mais. O diabo, era a ignorância: quem era Machado de Assis? Como descobrir-lhe os livros? Eu me via cercado por brumas, imaginava o mundo que existia ali, mas não sabia onde ir buscá-lo. A solução mais simples — perguntar aos professores, ir à biblioteca — não me ocorreu de modo algum.

A resposta veio ao acaso, uma tarde, arrumando a própria estante. Descobri um livro de Machado de Assis: “Papéis Avulsos” — que devorei em pouco tempo. Mas o mais importante era que, na contra-capas, aparecia a relação de suas obras: trinta e um volumes. Olhei aqueles títulos, fascinado. Tinha, agora, a direção do meu mundo. E, o que ainda mais me maravilhava — o mundo era imenso.

Passou-se o tempo, a família mudou-se para o Rio. Mas a minha admiração por Machado persistiu. Todo o dinheiro conseguido então era economizado para comprar suas obras. E quanto mais penetrava no mundo machadeano, mais o escritor crescia no meu entusiasmo. “Dom Casmurro” deu-me verdadeiros delírios. Sabia de cor as páginas iniciais do “Memorial”. E os contos que então rabiscava eram uma cópia primária de sua técnica e de seu estilo.

Meu pai, que não gostava de Machado, porque achava que em seus livros não acontecia nada — irritava-se com aquele fanatismo. E quando eu aparecia com um volume novo, fazia um gesto expressivo de boca, olhava de soslaio para minha mãe. Mas o remoque não me atingia. Ia para o quarto, abria as páginas do livro amorosamente, envolvia-o na capa de impermeável vermelho. O velho chegava à porta, surpreendia-me na contemplação da pequena estante que eu mesmo fizera, e se afastava em silêncio. Não entendia. Não podia entender-me nunca.

Uma vez, tive grande decepção com Machado. Foi ao ler as “Histórias Românticas”. Depois, vim a saber, reconfortado, tratar-se de composição de mocidade. Mas a ignorância cronológica de sua obra impeliu-me a conhecer-lhe a vida. Foi quando passei para os biógrafos. Devorei os ensaios de Lúcia Miguel Pereira, Peregrino Júnior, Alfredo Pujol. Aos dezoito anos, eu era uma autoridade em Machado de Assis. Sabia-lhe a vida de cor, via os enganos de Elói Pontes, revoltado. Tinha por ele um respeito, uma ternura, como só teria mais tarde por Graciliano Ramos. Enraivecia-me quando, no colégio, ousavam compará-lo a Rui Barbosa. E na aula, certa vez em que foi pedida aos alunos uma composição sobre autor nacional, não admiti que os colegas falassem sobre Machado. Com manhas, pretextos, sugeri autores, fiz permutas. Machado era grande demais para ser abordado ingenuamente, ridiculamente, numa composição vulgar. Seria algo como um sacrilégio. Mas eu também não fiz. Quem era eu para escrever sobre Machado? Escrevi sobre Gonçalves Dias.



RENARD PEREZ

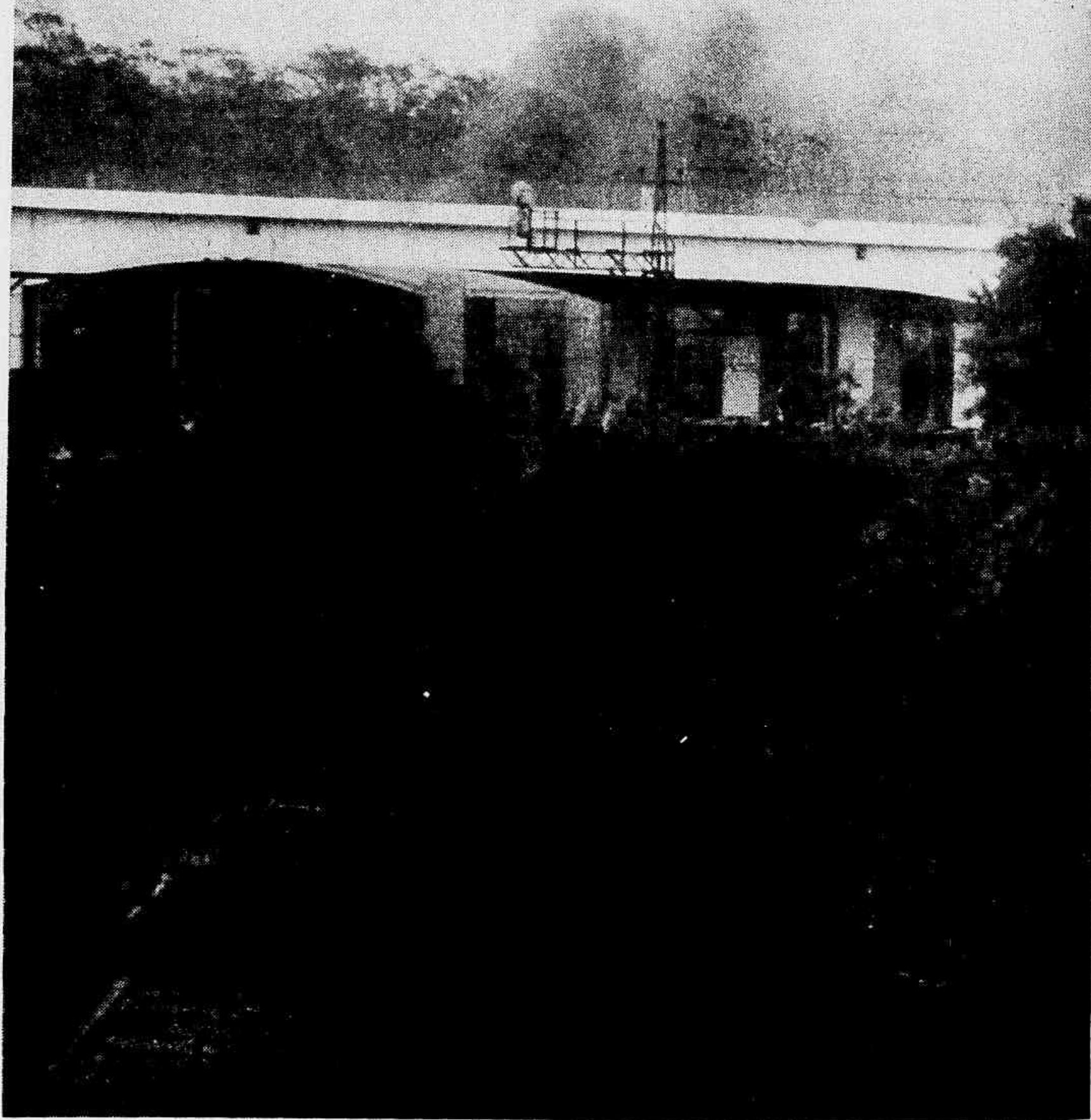
PELA SEGUNDA VEZ EM DOIS MESES

EXATAMENTE DOIS MESES — e a catástrofe que abalou o Rio no dia 2 de agosto se repete — nas mesmas bases de tragédia. Novamente vão pelos ares os depósitos de munições do Exército, instalados na Estrada de Camboatá, em Deodoro — ou o que dêles restava. E tãda a terrível e desesperada odisséia dos moradores do subúrbio volta a acontecer: as famílias a fugir espavoridas, enquanto as detonações de obuzes estremeceu a terra, transformando Deodoro num mundo fumegante.

As primeiras explosões tiveram lugar no paiol 67, onde se encontravam depositadas granadas de 105 mm. Como da outra vez, em pouco tempo elas se alastraram, estendendo-se ao paiol 68, onde eram guardados projéteis de menor potência. Depois de uma certa pausa, as explosões, que se haviam iniciado por volta de 13 horas, voltaram às 16 e depois às 17,30 — em proporções ainda mais espetaculares, chegando a serem ouvidas no Rio, pondo em fuga, mesmo, os soldados do exército e do Corpo de Bombeiros, para lá mobilizados a fim de prestar os serviços de salvamento.

A única diferença entre esta catástrofe e a anterior, foi que a explosão se iniciou em pleno dia — podendo tãda a cidade acompanhar, pelo rádio, a sua progressão. E a população das redondezas tomar imediato conhecimento do que se tratava, e, com mais segurança, providenciar a fuga. A atmosfera da cidade — às vésperas das eleições — mudou bruscamente. Tãdas as atenções dos últimos dias, inteiramente voltadas para o 3 de outubro — foram dirigidas para a desgraça que mais uma vez abalava o subúrbio.

PODER-SE-IA, FACILMENTE, cumprir o melancólico dever de registrar o fato, transcrevendo o que foi dito aqui nestas mesmas páginas, em nosso número 32. Os telefonemas trocados pelas grandes autoridades governamentais, a ordem de retirada da população na zona sinistrada, a presença no local do Secretário de Saúde e Assistência



DEODORO É UM M



MUNDO FUMEGANTE



O Ministro da Guerra sabia
que a tragédia poderia se repetir.
E permitiu que os
moradores continuassem em Deodoro.



da Prefeitura, a evacuação do Hospital Carlos Chagas, a reserva de leitos dos hospitais Pedro Ernesto e Souza Aguiar, a mobilização do exército, marinha e aeronáutica e corpo de bombeiros, a chegada de ambulâncias e de enfermeiros, o isolamento de Deodoro, com a suspensão de todos os trens que se destinavam àquela estação do subúrbio.

Noticia-se que o exército previra a repetição do sinistro. E isto é, para nós, o mais impressionante de tudo. Tendo em vista essa previsão determinara apenas o Ministro da Guerra a manutenção de uma guarnição do Corpo de Bombeiros nas proximidades dos paióis. E foi essa guarnição a responsável pela imediata ação dos trabalhos de salvamento. Foram, essas — exclusivamente — as providências tomadas. Sabia-se das possibilidades de repetição da tragédia, mas a população continuava residindo na zona, repetindo-se assim a impressionante fuga pelas estradas em direção de abrigos mais seguros.

O INQUÉRITO SÔBRE os motivos que determinaram a primeira explosão ainda não tinha sido, sequer, terminado (As notícias que nos chegam explicam como provocada por combustão espontânea, devido à temperatura, esta nova explosão). E tudo continuara como estava antes. Afinal, cada um cuide de si, como diz o samba. E a população suburbana, já calejada, não esperou determinações oficiais para abandonar a região. Já sabia o que tinha a fazer. Logo após os primeiros estrondos, foram os moradores se retirando de suas casas, em direção à estrada das Bandeiras, rumo à cidade. a Irajá — as mãos vazias, por não haverem tido tempo de carregar seus pertences. No caminho, tomavam de assalto as viaturas militares, mandadas para os transportar. Alguns chegaram ao Campo de Santana, de onde foram levados, por sugestão do delegado do 10.º Distrito Policial, para o Hospital Souza Aguiar, que lhes reservou dois andares do prédio. Também o Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (por deferência da Faculdade de Direito) abrigou parte da população flagelada. O mesmo aconteceu com o Esporte Clube Pavunense e o Internato Rocha Miranda — abrigando, estes últimos, cerca de 350 crianças. A delegacia de Mendicância — duzentas. Mas o Maracanã não pôde ser cedido: estava fechado, porque lá se efetuará a apuração da eleição...

Desta vez, apareceram notícias de mortos e feridos. Uma senhora, uma criança e um homem morreram num choque entre um jipão do Corpo de Para-quedistas e uma camioneta de fugitivos. Houve um parto prematuro. Isso, sem falar no número de feridos na colisão das viaturas, de um repórter que foi arremessado à distância por uma das explosões, dos soldados da Companhia de Munições e do Corpo de Bombeiros, vítima dos estilhaços das granadas. Sem falar, ainda, em vários outros feridos que procuraram o Getúlio Vargas, por seus próprios meios, já que as três ambulâncias mandadas por aquele hospital não tinham até então regressado.

Quando teremos a terceira explosão?



Novamente milhares de famílias se viram desabrigadas. Mas o Maracanã não pôde ser cedido, devido às eleições...



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

ELEIÇÕES DIVIDEM AS ÁGUAS

JK REFORMA MINISTÉRIO



Prestes.

AS ELEIÇÕES VIERAM DEFINIR AS ÁGUAS em que se apresentam, desde 1930, as forças políticas nacionais. Sem imaginação para criar outras posições que representem verdadeiramente a nova fisionomia dos interesses brasileiros, em incessante transformação, os dirigentes políticos se limitam a discutir teses (acadêmicas) de direita, centro e esquerda, abusando de truques verbais sem a menor ligação com a realidade dos fatos. Exemplos: de um lado, anti-getulismo. De outro, leitura da "carta-testamento".

Dentro desse quadro (falso, monótono, ultrapassado e mesmo, ridículo), os remanescentes da "belle époque" de 1930 foram e julgaram conduzir às urnas o eleitorado, na maior confusão possível.

CONSERVADORES X POPULISTAS: A separação, bem clara que, pelo menos nos centros mais importantes (D.F., Estado do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul) restou da eleição de 3 de outubro de 1958.

Tomada de posição para 1960. Primeiro sério indício de que o Brasil caminha para resolver os seus problemas políticos, econômicos e sociais através da discussão entre dois grandes e poderosos partidos, que congregarão todo o povo brasileiro.

UNIÃO DAS FORÇAS CENTRISTAS: Outro resultado que se afigura inevitável. A UDN e o PSD (alarmados com o crescimento das forças populares), deverão unir-se para sobreviver. O teste do Estado do Rio (grande jogada de Amaral Peixoto) será afirmativo, mesmo na hipótese (não provável) de perder a eleição apoiado pelo PSD mais conservador e pela UDN fluminense mais característica (Lacerda, Raul Fernandes, Prado Kelly). O teste da Prefeitura de Belo Horizonte (UDN+PSD), idem, idem. O momento é de expectativa.

REFORMA DO MINISTÉRIO: Consequência esperada da eleição desta semana. J.K. precisará de recondicionar o seu time, em face dos resultados e diante da necessidade de imprimir o maior vigor ao seu canto de cisne (já bem próximo). A área de manobra é muito limitada pelos compromissos eleitorais de 3 de outubro de 1955 e os golpes de novembro do mesmo ano. Acredita-se (círculos muito bem informados) que o sr. Amaral Peixoto vá para o Ministério do Exterior e o sr. Lúcio Meira (atual Ministro da Viação) para a Prefeitura do Distrito Federal. O momento é de ação.

MUSEU DE 1930 — Espera-se, também (como resultado de 3 de outubro), que seja criada esta necessária instituição para guardar todos os arcaísmos políticos e as falsas interpretações econômicas e sociais com que os líderes políticos da ativa (ditos revolucionários, mas com o pensamento envoltó nas brumas da República Velha) julgam atrair ou distrair o povo brasileiro. O momento é pirandelliano.



Arinos.



Juscelino.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

DEMORANDO MAIS

◆ O processo eleitoral brasileiro, que já é um dos mais lentos conhecidos, ficou, agora, ainda mais demorado. No Rio, os eleitores consumiram mais tempo para votar, com a ida por duas vezes à cabine indevassável. Imagine-se no interior.

Na era dos totalizadores automáticos e cérebros eletrônicos, começou, agora, a agonia do Maracanã, para acabar somente daqui a duas semanas. É ainda o mesmo processo de apurações das eleições gregas, há dois mil anos: ostra por ostra.

MUDANDO DE PROCESSO

◆ A Justiça Eleitoral não muda de processo. É pelo sacrifício físico do eleitor e pelo "suspense" mortal dos candidatos. Mas estes mudaram de processo, na última eleição. Não aborreceram os eleitores em grandes comícios na rua. Preferiram visitá-los e catequizá-los em casa. O coronel Menezes Côrtes foi um dos que usaram do método. Com sua cara de pastor, era difícil resistir-lhe. Entrou bem.

AMIGOS DE ALKMIM

◆ Num grupo de cinco mineiros, no Juca's Bar, todos tinham sido amigos de Alkmim (até a hora de entrar para o Ministério da Fazenda). Ai, Alkmim enganou-os tanto e tão repetidamente, que todos deixaram de ser amigos de Alkmim. E passaram a ser amigos incondicionais de Tancredo Neves (sério concorrente de Alkmim ao Governo de Minas).

◆ Por falar em Alkmim, o doutor José Maria anda com um têrço no bolso interno do paletó. Quando falha a sua fertilíssima imaginação, não tem dúvida: mete a mão no bolso de cima (o interlocutor toma um susto), aperta o têrço; e começa a rezar.

PETROBOL

◆ A corrida pelo petróleo boliviano chega ao auge no Brasil. Acredita-se que ela seja vencida pelo milionário Sérgio Rocha Miranda. Mas está faltando dinheiro para a constituição das empresas brasileiras que devem explorar o óleo subandino. Os em-

presários querem que o Governo financie. Lucas Lopes diz que não. Diz que não tem dinheiro para isso. José Alexínio Bittencourt preocupa-se. Acha que, assim, vai encerrar-se o prazo para organização das empresas e o Brasil perderá a oportunidade. (Se isto acontecer, diz-se que o negócio irá parar nas mãos da Gulf Oil).

◆ Uma das companhias terá o nome de Petrobol. Nela entrará o sr. Sanchez Galdeano. Que, para levar adiante a empreitada, está aceitando como sócio um de seus mais inconciliáveis inimigos. Desta vez, eles se mandarão flores...

OLHO NOVO

◆ O embaixador José Carlos de Macedo Soares internou-se numa clínica, em Campinas, especializada em moléstias oculares. Esta semana, o ex-ministro do Exterior será operado a fim de recuperar a plena capacidade visual. Voltará de olho novo e vivo para bispar melhor a Operação Pan-Americana.

MENTIRINHAS ELEITORAIS

— **CHEGUEI NA CABINE**, não havia cédulas suas. Mande imediatamente colocar lá.

— **SE EU SOUBESSE** que você era candidato, tinha votado em você. Mas não avisa os amigos...

— **LA EM CASA SÃO:** Minha mulher, eu, meu filho e minha sogra. São quatro votos, contadinhos.

— **LA ONDE EU TRABALHO**, tem quarenta pessoas que só esperam que eu diga quem é, para elas votarem. E até agora não sei ainda quem vou recomendar.

— **ENTÃO, EU FUI P'RA FILA** e troquei as cédulas. Era só que faltava, votar nesses pilantras em vez de votar em você.

— **NÃO TENHO NINGUÉM** para deputado. Mas só voto em quem votar no meu candidato para vereador.

— **Eu sou verdadeiro.** Não por achar que é o melhor. Sei que ele é burro, caladão, não vai fazer nada. Mas ajuda muito à minha família.

— **ORA, E VOCE TREPADO** aí nessa camonete o tempo todo: Se você tivesse passado lá em casa há uma semana, eu tinha te arranjado pelo menos uns trinta votos. Hein? Ah, hoje, não meu filho. P'ra que te enganar? Todo mundo já tem candidato. Em todo caso, me dá umas cédulas.



NEUSA MARIA

— **CHORO ADEMARISTA** — Esta é verdadeira. (Entrou aqui por motivos de paginação).

A cantora Neusa Maria (que é de São Paulo) chora quando ouve a voz do sr. Ademar de Barros. Chora e não sabe explicar porque.



JOSÉ AMÉRICO



OTÁVIO MANGABEIRA

DEBAIXO DOS REFLETORES

UM TIME de alta eficiência vem por aí, saído das urnas de 3 de outubro (no dia em que a Justiça Eleitoral quiser, esperando-se que seja pelo menos daqui a um mês).

De São Paulo (via Paraná) vem Jânio Quadros, com toda a corda solta e o apetite virgem pelo Parlamento. Já encontrará Lacerda brilhando sem contraste. Da Paraíba, virá José Américo (disposto a dar entrevistas ao "Correio da Manhã"). Encontrará no Senado o sr. Otávio Mangabeira, velho mas ainda trovejando. De Minas Gerais desembarcará na antiga Cadeia Velha (Palácio Tiradentes) o cristão novo do trabalhismo San Tiago Dantas, disposto a romper com o fadário que o chama para as mais altas posições políticas e o prende nas funções assessoriais. Se prevaleceu em Minas a tendência para união das forças centristas (UDN-PSD) virá para o Monroe o ex-governador Milton Campos, alta e serena figura do melhor senso mineiro. Espera-se que Alagoas tenha cumprido o seu dever e, nesse caso, virá também para o Senado Arnon de Mello.

Ao Senado aproarão (via São Paulo) o temido Frota Moreira e (via Estado do Rio) Amaral Peixoto.

São essas as figuras que entrarão debaixo das luzes fortíssimas dos refletores parlamentares, na hora em que o atual Governo entra em declínio e os personagens terão de levantar ainda mais a voz, para se fazerem ouvir imediatamente e em 1960.

SAUDOSISTAS

◆ O sr. Lutero Vargas andou acusando os srs. Mourão Filho e Faim Pedro de apresentarem faixa com o nome do sr. Napoleão Alencastro Guimarães como candidato do PTB ao Senado. Os acusados são saudosistas. Para eles, o sr. Alencastro Guimarães concorria não às últimas, mas às penúltimas eleições...

DEFICIT

◆ Dois bilhões de dólares é o deficit nas trocas entre os países americanos. Nó para a OPA desatar.

SUEZ

◆ Pracinhas do Brasil em Suez são heróis, mesmo. É preciso abrir covas na terra para escapar ao calor insuportável na superfície Schistossoma ameaçando, insetos. Para eles, o deserto não é o Jardim de Allah.

GÍRIA

◆ Afonso Arinos recorreu até a gíria carioca nos seus discursos de caminhão. Em um, chegou a dizer que o momento era "chato".

ECONOMISTAS

◆ Congraçando economistas, economista Mário Sinibaldi Maia, depois do almoço de

confraternização com Garrido Torres, agora reuniu os homens que entendem de cifras em torno de Iberê Gilson, que foi chefiar o Gabinete da Fazenda. Máio Maia deve ser reeleito presidente do Sindicato e da Ordem dos Economistas.

ANORMALIDADE

◆ Banco Boavista anuncia que "paga os juros oficiais". Operações irregulares chegaram a tal ponto, que um banco, para demonstrar solidez e honestidade, tem de proclamar que faz normalmente o que a lei manda.

CARREIRA POLÍTICA

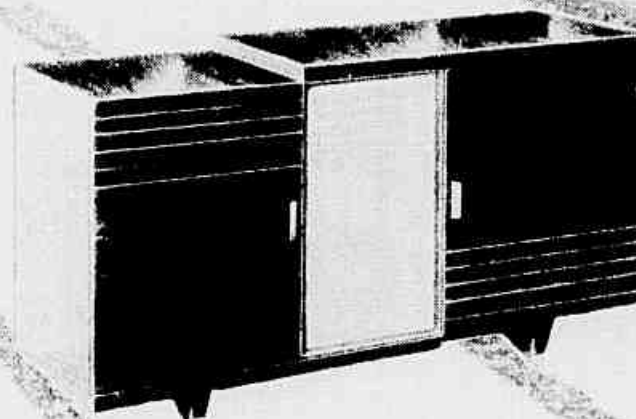
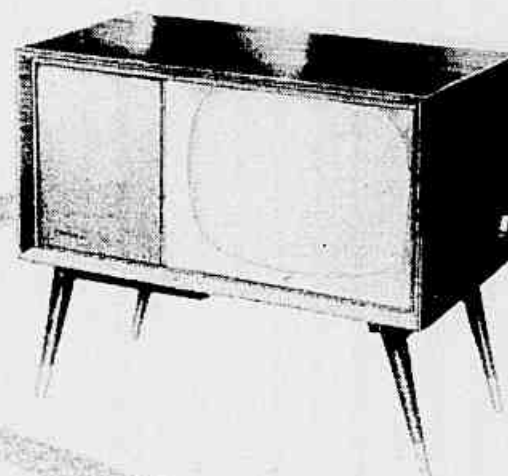
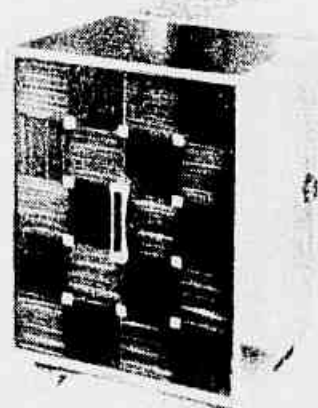
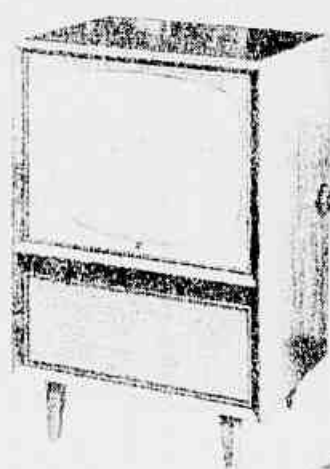
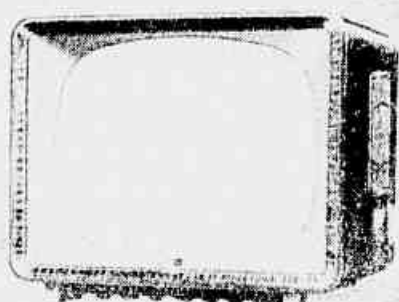
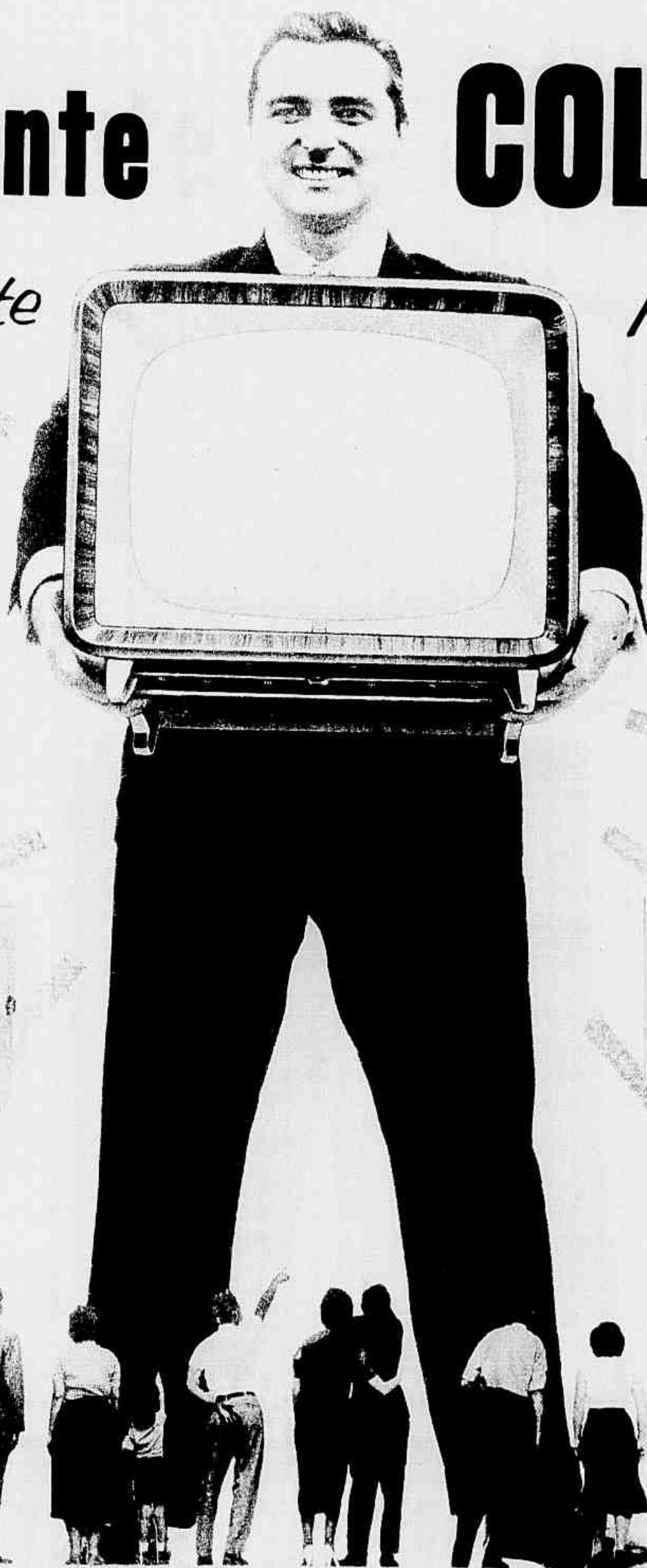
◆ Voltas da carreira política de um homem, mesmo tido como patriota e sujeito de bem (só explicável pela falta de consistência ideológica dos grupos político-partidários no Brasil): Rômulo de Almeida foi eleito deputado federal pelo PTB; foi Secretário de Fazenda do sr. Antônio Balbino; depois veio para a Rede Ferroviária Federal, indicado pelo PTB; ia ser Ministro do Trabalho, apontado por Jango; preferiu ser candidato ao Governo da Bahia; não o foi; rompeu com Jango e Balbino, é vice da chapa Juracy, presidente da UDN nacional, ao Palácio da Aclamação.

Realmente

Inteiramente

COLOSSAL !

NOVO



televisor



PHILIPS

NEW VISION 59 !

NOVO EM TUDO!

- Moderníssimo seletor de canais, de maior sensibilidade
- "Crisper Switch", para uma imagem mais plástica
- Novo tubo aluminizado de 90°, com foco eletrostático
- Novo sistema de som "HI-Z", sem transformador de saída, proporcionando som jamais ouvido em televisores
- Alto-falante "Duo-Cone", equivalente a dois, para melhor reprodução sonora
- Contrôlo de tonalidade contínuo, com chave locução-música
- Móvel altamente decorativo, de linhas modernas de grande leveza
- Nova máscara "Golden-Grey", de grande beleza

ADMIRE HOJE MESMO



